CURSOS DE IDIOMAS
GLOBO

TOP LEVEL
ITALIANO

AUDIOVISUAL
INTERATIVO
PROGRAMADO

6

EDITORA GLOBO

TOP LEVEL
ITALIANO

Vol. 06

UNITÀ 14-15-16

EDITORA GLOBO

CURSOS DE IDIOMAS
GLOBO

TOP LEVEL
ITALIANO



PLANO GERAL DA OBRA

Cursos de Idiomas Globo – Top Level – Italiano é uma obra audiovisual interativa programada, publicada em 9 edições quinzenais de 64 páginas cada uma. Para perfeito aproveitamento do curso, observe a seqüência das Unidades no alto das páginas.

AS FITAS

As lições apresentadas em cada uma das edições são reproduzidas em 9 fitas cassete que acompanham cada publicação.

COMO ACOMPANHAR O CURSO

• Ao início de cada lição, coloque a fita cassete correspondente no gravador.

 Acione a tecla *play* no ponto indicado por este símbolo.

 Acione a tecla *stop* no ponto indicado por este símbolo.

A) Conversazione

1. Ouça na fita o diálogo extraído do filme.
2. A seguir, ouça pequenas seqüências do diálogo, lendo o texto correspondente.
3. Ouça de novo o diálogo, lendo o texto inteiro.
4. Leia o texto do diálogo, consultando as respectivas notas.

B) Italiano per usi speciali

Ascoltate

1. Antes de ouvir a fita, cubra o texto do diálogo e leia atentamente a indicação que precede o exercício.
2. Ouça o diálogo. Durante ou depois da audição, faça o exercício.
3. Verifique a correção das suas respostas no quadro Respostas dos exercícios e ouça novamente o diálogo.

Osservate

4. Leia atentamente a apresentação e a explicação relativa à utilização das diversas estruturas e funções lingüísticas.

Esercizi

5. Faça os exercícios, depois de observar com atenção o exemplo.
6. Verifique a exatidão de suas respostas no quadro Respostas dos exercícios.
7. Consulte o vocabulário.

C) Dal vivo

1. Escute na fita as frases da conversação.
2. Volte a ouvir as frases, lendo o texto no fascículo.
3. Leia atentamente as notas correspondentes.
4. *Modi di dire.* Ouça as expressões idiomáticas e leias as notas correspondentes.

D) Un po' di gramatica

1. Faça por escrito os exercícios, depois de ter observado atentamente o exemplo.
2. Leia as notas gramaticais correspondentes.
3. Confira as respostas dos exercícios pelo quadro Respostas dos exercícios.
4. Leia atentamente a lista do vocabulário.

E) Lettura

Leia o texto em italiano e, se encontrar dificuldade de compreensão, consulte a tradução para o português.

NÚMEROS ATRASADOS

A Editora Globo mantém suas publicações em estoque até seis meses após seu recolhimento. As publicações atrasadas são vendidas pelo preço da última edição lançada (corrigido, caso não haja alguma edição em bancas). Você pode escolher entre as opções abaixo:

1. NAS BANCAS

Através do jornaleiro ou distribuidor Chinaglia de sua cidade.

2. PESSOALMENTE

Dirija-se aos endereços abaixo:
São Paulo: Pça. Alfredo Issa, 18 – Centro – Fone: (011) 230-9299.
Rio de Janeiro: Rua Teodoro da Silva, 821 – Grajaú – Fones: (021) 577-4225 e 577-2355.

3. POR CARTA

Diretamente à Editora Globo, setor de Números Atrasados: Caixa Postal 289, CEP 06453-990, Alphaville, Barueri, SP.
OBS.: Os pedidos serão atendidos via correio acrescidos das despesas de envio.

As fotos não creditadas pertencem à obra original.

Gravação e mixagem das fitas
Cirrus Produções

Editora Globo S.A.

Rua Domingos S. dos Anjos, 277, 1º andar, CEP 05136-170, São Paulo, SP, Brasil.
Distribuidor exclusivo para o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563-032, Rio de Janeiro, RJ.
ISBN 85.250.1469-9

Impressão: COCHRANE S.A.



molto i contatti umani ed è mio interesse far convergere verso un solo fine[9] gli interessi vostri e dei dipendenti[10], interessi che sarebbero ovviamènte anche i miei. Le posso assicurare che mi impegnerò a fondo per dimostrarle che so lavorare con serietà e competenza.

Direttore In ogni modo, le proporrei di andare a Cremona per vedere da vicino di che lavoro si tratta: magari non le piace e decide di non accettare.

Impiegato Non credo che avrò dei ripensamenti, ma seguo comunque il suo consiglio. Ci andrò senz'altro. 

Diga se as afirmações a seguir são corretas ou incorretas:

1. L'impiegato ha migliorato la sua posizione da quando è stato assunto.
2. Al direttore interessa che i dipendenti siano soddisfatti del trattamento che ricevono e che si trovino a proprio agio.
3. Il capoufficio ha dato al direttore cattive referenze sull'impiegato dicendo che è incapace di svolgere bene il suo lavoro.
4. Attualmente c'è un posto vacante di caposervizio in uno stabilimento.
5. All'impiegato questo posto non interessa perché non gli piacciono i contatti umani.
6. Il direttore dice che non è necessario che l'impiegato vada a Cremona per vedere di che lavoro si tratta.

1. *Passaggio*, que neste caso significa "mudança", quer dizer "passagem": *vietato il passaggio* ("proibida a passagem"); *passaggio pedonale* ("passagem de pedestres"); *essere di passaggio* ("estar de passagem"); *ha prenotato un passaggio aereo per Londra* ("reservou uma passagem aérea para Londres"); *servirsi del sottopassaggio* ("utilize a passagem subterrânea").
2. *Fare di tutto* é "fazer todo o possível" para conseguir algo.
3. Observe que *per cui* (= *per il quale motivo/per la quale ragione*) tem valor neutro e equivale em português a "pelo que, com o que".
4. Em italiano em vez de uma oração adjetiva relativa usa-se freqüentemente a seguinte forma contraída: *soddisfatti del trattamento loro riservato* (= soddisfatti del trattamento *che riserviamo loro/che abbiamo riservato loro*).
5. *Agio* pode ser traduzido por "comodidade"; *stare/trovarsi... a proprio agio* corresponde em português a "estar, encontrar-se à vontade".
6. *Stabilimento* corresponde em português a "fábrica"; "estabelecimento", ao contrário, corresponde em italiano a *esercizio: aprire un esercizio di generi alimentari* ("abrir um estabelecimento de gêneros alimentícios"); *pubblico esercizio* ("estabelecimento público").
7. Para o uso de *cui* precedido de preposição, ver Esercizio 1, nota 1, página 254.
8. *Sia... sia* corresponde em português a "tanto... como...": *gli interessi sia della ditta sia dei lavoratori* ("os interesses tanto da empresa como dos trabalhadores").
9. *Fine* pode ser masculino ou feminino com o significado de "finalidade" e "término", respectivamente: *lo faccio al fine di aiutarti* ("faço-o com o fim de ajudar-te"); *siamo giunti alla fine della strada* ("chegamos ao final da rua").
10. Lembre que a palavra *dipendente* corresponde em português a "empregado"; "dependente" em italiano corresponde a *commesso*.



Osservate

1. Quando em orações subordinadas objetivas diretas se expressa uma ação futura vista desde o presente, usa-se o futuro simples.

Exemplos:
Mi *dicono* che si *tratterà* di un incarico temporaneo.
Garantiscono che si *farà* di tutto per migliorare la sua posizione.

2. Quando a referida ação futura se considera desde o passado, usa-se o futuro do pretérito composto (diferentemente do português, que utiliza o futuro do pretérito simples).

Exemplos:
Mi *dissero* che si *sarebbe trattato* di un incarico temporaneo.
Il suo capoufficio mi *aveva fatto notare* che *sarebbe stato* giusto darle un incarico di maggior responsabilità.

3. O futuro do pretérito composto é usado também, como em português, quando se deseja destacar que a ação futura vista desde o passado se realizará antes que se cumpra um prazo.

Exemplos:
Mi promisero che *avrebbero fatto* di tutto per migliorare la mia posizione *prima dello scadere di un anno.*

Esercizi

A Transporte para o passado as orações a seguir, como no exemplo: *dice che verrà non appena potrà → disse che sarebbe venuto non appena avesse potuto.*

1. Assicura che pagherà la merce prima della consegna.
2. Stanno annunciando per radio che entro la fine di quest'anno ci sarà una nuova tassa sulla proprietà.
3. Ti prometto che verrò a trovarti non appena avrò un pomeriggio libero.
4. Ci comunicano per iscritto che ci sfratteranno se non paghiamo subito l'affitto arretrato.
5. Sappiamo che arriveranno con l'espresso delle 17.40.
6. I medici gli hanno detto che avrà pochi mesi di vita.
7. Gli esperti affermano che la popolazione mondiale raggiungerà in pochi anni cifre allarmanti.
8. Ti giuro che prenderò in considerazione i tuoi suggerimenti.

B Construa com os elementos entre parênteses uma oração no futuro ou no futuro do pretérito, conforme o caso.

1. Ti assicuro ... (io, venire) da te alle nove.
2. Dissero ... (essi, partire) alle prime luci dell'alba.
3. C'era scritto nelle previsioni del tempo ... (piovere) prima di domani e ... (il maltempo, durare) parecchi giorni.
4. Ci assicurano ... (essi, pagare) le cambiali immediatamente.

5. Il meccanico promise ... (la macchina, essere) pronta prima di sera.
6. Dicevano ... (essi, sposarsi) non appena avessero trovato un appartamento.
7. Il testimone giurò ... (egli, dire) tutta la verità e niente altro che la verità.
8. Il sindaco annunciò ... (la nuova giunta, riunirsi) in seduta straordinaria.



Vocabolario

addietro (*adv.*)	atrás
attirare (*v.t.*)	atrair
avvenire (*v.i.*)	acontecer
domanda (*s.f.*)	pedido
dubbio (*s.m.*)	dúvida
incàrico (*s.m.*)	encargo
medésimo (*adj.*)	mesmo
pervenire (*v.i.*)	chegar
richiesta (*s.f.*)	requisição, pedido
ripensamento (*s.m.*)	reavaliação
scadere (*v.i.*)	terminar, vencer
soddisfatto (*adj.*)	satisfeito
trattamento (*s.m.*)	tratamento
ufficio (*s.m.*)	escritório

Respostas dos exercícios

Ascoltate

1. Incorreta
2. Correta
3. Incorreta
4. Correta
5. Incorreta
6. Incorreta

Osservate

A

1. Assicurò che avrebbe pagato la merce prima della consegna.
2. Annunciarono per radio che entro la fine di quest'ano ci sarebbe stata una nuova tassa sulla proprietà.
3. Ti promisi che sarei venuto a trovarti non appena avessi avuto un pomeriggio libero.
4. Ci comunicarono per iscritto che ci avrebbero sfrattato se non avessimo pagato subito l'affitto arretrato.
5. Sapemmo che sarebbero arrivati con l'espresso delle 17.40.
6. I medici gli dissero che avrebbe avuto pochi mesi di vita.
7. Gli esperti affermarono che la popolazione mondiale avrebbe raggiunto in pochi anni cifre allarmanti.

B

1. Ti assicuro che verrò da te alle nove.
2. Dissero che sarebbero partiti alle prime luci dell'alba.
3. C'era scritto nelle previsioni del tempo che sarebbe piovuto prima di domani e che il maltempo sarebbe durato parecchi giorni.
4. Ci assicurano che pagheranno le cambiali immediatamente.
5. Il meccanico promise che la macchina sarebbe stata pronta prima di sera.
6. Dicevano che si sarebbero sposati non appena avessero, trovato un appartamento.
7. Il testimone giurò che avrebbe detto tutta la verità e niente altro che la verità.
8. Il sindaco annunciò che la nuova giunta si sarebbe riunita in seduta straordinaria.

C/UNITÀ 14

DAL VIVO

Ouça na fita as seguintes frases, observando as diferenças léxicas e sintáticas entre os dois registros lingüísticos.

a = *língua coloquial familiar*
b = *língua comum padrão*



1. a) Urca[1]! Hai visto che razza di macchina?! Quella sì che fila[2]! E guarda quante arie si dà[3]! Si vede proprio che gli affari gli vanno a gonfie vele!

   b) Caspita! Hai visto che bella automobile? Quella deve essere proprio veloce! E guarda che atteggiamento presuntuoso ha assunto! Evidentemente gli affari gli devono andare benissimo!

2. a) Figurati: ha mandato in fumo la roba dei suoi! Lo sanno tutti che l'azienda sta andando a carte quarantotto[4]!

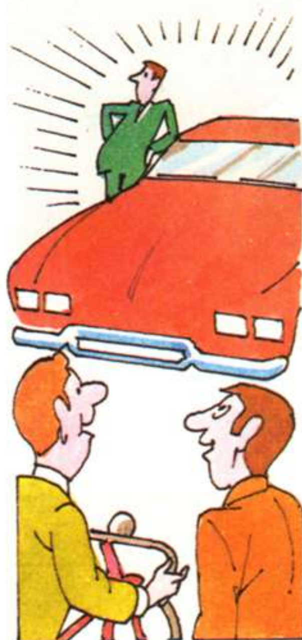
   b) Invece no: ha dilapidato tutto il patrimonio familiare! È risaputo che l'azienda sta andando in rovina!

3. a) Allora è un dritto: lo sa vendere bene il fumo[5] il giovanotto! A sentir lui le cose vanno per il meglio!

   b) Allora è proprio un furbo: ne racconta però di fandonie il ragazzo! Stando a quanto dice lui, gli affari procedono ottimamente!

4. a) Tutte balle[6]. Non me la danno mica a bere[7] a me! Quello è un pirla[8], te lo dice il sottoscritto![9]

   b) Tutte storie! Non mi lascio ingannare tanto facilmente, io! Quello è uno che non vale niente, te lo assicuro io!



1. *Urca*, interjeição dialetal com a qual se exprime surpresa ou também aprovação entusiasmada: *urca, com'è tardi!* ("caramba, como é tarde!"); *è bella questa macchina, vero? Urca!* ("É bonito este carro, hein? É ótimo!").
2. *Filare* pode significar "proceder" ou "ir velozmente" (*questo diretto fila che è un piacere* = "este trem corre que dá gosto") e também ir à toda, sair (*appena ci ha visto è filato via subito* = "tão logo nos viu, saiu depressa").
3. *Darsi delle arie* quer dizer comportar-se como uma pessoa importante.
4. *Quarantotto* é forma coloquial que significa "alvoroço, tumulto, bagunça": *montare un quarantotto* ("armar uma confusão"). *Andare/mandare qualcosa a carte quarantotto* corresponde a "alguma coisa ir ou acabar mal".
5. *Vendere fumo* é "jactar-se de algo que não se possui"; equivale a "contar vantagens, contar histórias".
6. *Balla*, forma coloquial correspondente em português a "lero, história, lorota, enrolação": *ci racconta certe balle!* ("nos conta cada lorota!").
7. *Darla a bere/a intendere* a alguém equivale em português a "enganar, engambelar alguém".
8. *Pirla* é forma dialetal particularmente usada no norte da Itália; diz-se de pessoa que não vale nada, incapaz, inútil, mal preparada.
9. *Sottoscritto* ("o que subscreve") é termo burocrático que se usa de brincadeira para destacar que aquilo que está sendo dito é de fato afirmado pelo próprio sujeito: *la sottoscritta desidererebbe dire la sua* ("eu mesma desejaria dizer minha opinião"); *ve lo dice il sottoscritto: qui gatta ci cova!* ("eu mesmo estou dizendo: tem caroço nesse angu!").

Modi di dire



1. Gatta ci cova.

   Significa que um assunto ou situação oculta algum engano; corresponde em português a "esta história está mal contada".

2. Tanto va la gatta al lardo che ci lascia lo zampino.

   Literalmente quer dizer "tanto vai a gata à manteiga que ali deixa a pata"; corresponde em português a "foi com tanta sede ao pote que se lambuzou".

3. Una gatta da pelare.

   Significa que o problema ou situação de que se trata é de difícil solução, duro de roer, difícil de ajeitar ou resolver.

4. La gatta frettolosa fece i gattini ciechi.

   Literalmente significa "a gata apressada pariu gatinhos cegos"; diz-se de quem, pela ânsia de fazer as coisas com pressa, acaba fazendo-as mal.

D/UNITÀ
14

UN PO' DI GRAMMATICA

Esercizio Uno

Complete cada oração com *più, meno... di/che* ou (*tanto*)... *quanto/come*, conforme o que se indique entre parênteses[1].

Exemplo:
Non mi pare di lavorare ... tanti altri (—).
Non mi pare di lavorare *meno di* tanti altri.

1. Un tifone ... violento ... quello di dieci anni fa ha sradicato le piante. (+).
2. Quel filone di pane è molto ... lungo ... largo (+).
3. Quelle donne sedute sulla panchina sono molto ... giovani ... le nostre figlie (—).
4. Gli alberi sradicati dal vento sono ... numerosi ... quelli rimasti in piedi (+).
5. Ho l'impressione che a quello piaccia ... mangiare ... lavorare (+).
6. La signorina seduta in mezzo è decisamente ... aggraziata ... le altre due (—).
7. La distruzione totale dei boschi è dannosa ... qualunque altra catastrofe ecologica (=).
8. Ti assicuro che il nostro amico non è ... affamato ... me! (—).

1. Relembre a formação das frases comparativas:

a) comparação entre substantivos e pronomes:

Mario è { più (+) / meno (—) } studioso di Carlo.
Mario è { tanto (=) } studioso quanto Carlo.

b) comparação entre adjetivos, advérbios e verbos:

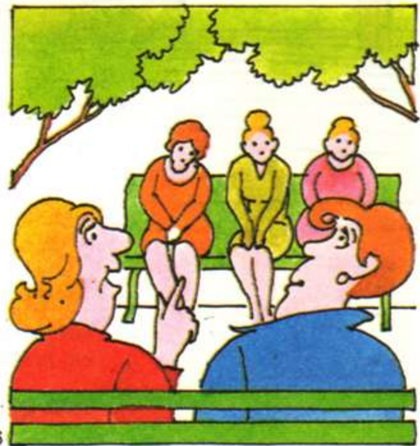
Mario è { più (+) / meno (—) } intelligente che studioso.
Mario è { tanto (=) } intelligente quanto studioso.

Mario agisce { più (+) / meno (—) } istintivamente che razionalmente.
Mario agisce { tanto (=) } istintivamente quanto razionalmente.

Mario a ma { più (+) / meno (—) } giocare che studiare.
Mario a ma { tanto (=) } giocare quanto studiare.


1


2


6

Esercizio Due

Complete as orações com uma das duas formas indicadas entre parênteses, precedidas pelo artigo adequado.

Exemplo:
Si possono contare su ... (diti/dita) di una mano.
Si possono contare sulle *dita* di una mano.

1. Hanno già gettato ... (fondamenti/fondamenta) del nuovo edificio.
2. I condannati camminavano lungo ... (bracci/braccia) del carcere.
3. Se hai ... (ossi/ossa) indolenzite può darsi che tu abbia l'influenza.
4. Bisogna cambiare la tappezzeria di ... (muri/mura) perché è vecchia e annerita.
5. Le lezioni di anatomia riguarderanno ... (membri/membra) del corpo umano.
6. Il corteo procedeva fra ... (urli/urla) e gli schiamazzi della folla.
7. Il chirurgo fece combaciare perfettamente ... (labbri/labbra) della ferita, poi diede tre punti.
8. I nemici sono riusciti ad abbattere ... (muri/mura) della città.

Esercizio Tre

Complete cada oração com a preposição que rege o verbo.

Exemplo:
Mi dissero che si sarebbe trattato ... un incarico temporaneo.
Mi dissero che si sarebbe trattato *di* un incarico temporaneo.

1. Questa notte ho sognato ancora ... te.
2. A giudicare ... il suo aspetto, si direbbe che non gode di buona salute.
3. Apri un po' questa finestra perché in questa stanza c'è puzza ... chiuso.
4. L'hanno convinto ... stipulare una polizza di assicurazione sulla vita.
5. Dopo averne visitato una ventina, alla fine mi sono deciso ... questo appartamento.
6. In caso di necessità, lei può contare ... di me.
7. Aveva tanto bisogno ... lavoro che si è accontentato ... il primo che gli hanno offerto.
8. Appena gli è stato chiesto, non ha esitato ... offrirsi come volontario.

Esercizio Quattro

Conjugue o verbo entre parênteses no pretérito perfeito.

Exemplo:
Lei ci (fare) pervenire la sua domanda per un passaggio di categoria.
Lei ci *ha fatto* pervenire la sua domanda per un passaggio di categoria.

1. Solo troppo tardi Maria ... (accorgersi) della sua malafede.
2. Signora, le camicie le ... (io, appendere) sullo stenditoio; gli abiti li ... (io, appendere) nell'armadio.
3. Da un po' di tempo a questa parte, egli ... (assumere) un atteggiamento distaccato e spavaldo.
4. ... (io, cogliere) l'occasione per chiedere un aumento di stipendio.
5. Il cavallo su cui ... (noi, scommettere) ... (egli, correre) veramente bene e ... (egli, vincere) la gara.
6. Negli ultimi tempi ... (emergere) dei problemi così gravi che il direttore ... (decidere) di intervenire.
7. Dopo che mi ... (pungere) l'ape, ... (io, mettere) un po' di pomata e ... (io, prendere) anche una compressa antiallergica.
8. ... (tu, spegnere) la luce e ... (tu, chiudere) tutti i balconi prima di uscire?

Vocabolario

abbàttere (*v.t.*)	abater, derrubar
accòrgersi (*v. pron.*)	dar-se conta, perceber
annerito (*p.p.*)	enegrecido
ape (*s.f.*)	abelha
assicurazione (*s.f.*)	seguro
assùmere (*v.t.*)	adotar
atteggiamento (*s.m.*)	atitude
chirurgo (*s.m.*)	cirurgião
combaciare (*v.i.*)	coincidir
compressa (*s.f.*)	comprimido
deciso (*p.p.* de decidere, *v.t.*)	decidido
gara (*s.f.*)	corrida, competição
gettare (*v.t.*)	jogar
giudicare (*v.t.*)	julgar
godere (*v.t.*)	gozar
indolenzito (*adj.*)	intumescido
influenza (*s.f.*)	gripe
poltrona (*s.f.*)	poltrona
proporre (*v.t.*)	propor
puzzare (*v.i.*)	cheirar mal
ricucire (*v.t.*)	coser de novo
schiamazzo (*s.m.*)	alvoroço
scommettere (*v.t.*)	apostar
spavaldo (*adj.*)	altivo
stenditoio (*s.m.*)	esteira
tappezzerìa (*s.f.*)	tapeçaria



Respostas dos exercícios

Esercizio Uno

1. Un tifone più violento di quello di dieci anni fa ha sradicato le piante.
2. Quel filone di pane è molto più lungo che largo.
3. Quelle donne sedute sulla panchina sono molto meno giovani delle nostre figlie.
4. Gli alberi sradicati dal vento sono più numerosi di quelli rimasti in piedi.
5. Ho l'impressione che a quello piaccia più mangiare che lavorare.
6. La signorina seduta in mezzo è dicisamente meno agraziata delle altre due.
7. La distruzione totale dei boschi è dannosa tanto quanto qualunque altra catastrofe ecologica.
8. Ti asicuro che il nostro amico non è meno affamato di me!

Esercizio Due

1. Hanno già gettato le fondamenta del nuovo edificio.
2. I condannati camminavano lungo i bracci del carcere.
3. Se hai le ossa indolenzite può darsi che tu abbia l'influenza.
4. Bisogna cambiare la tappezzeria dei muri perchè è vecchia e annerita.
5. Le lezioni di anatomia riguarderanno le membra del corpo umano.
6. Il corteo procedeva fra le urla e gli schiamazzi della folla.
7. Il chirurgo fece combaciare perfettamente i labri della ferita, poi diede tre punti.
8. I nemici sono riusciti ad abbattere le mura della città.

Esercizio Tre

1. Questa notte ho sognato ancora di te.
2. A giudicare dal suo aspetto, si direbbe che non gode di buona salute.
3. Apri un po' questa finestra perché in questa stanza c'è puzza di chiuso.
4. L'hanno convinto a stipulare una polizza di assicurazione sulla vita.
5. Dopo averne visitato una ventina, alla fine mi sono deciso per questo appartamento.
6. In caso di necessità, lei può contare su di me.
7. Aveva tanto bisogno di lavoro che si è accontentato del primo che gli hanno offerto.
8. Appena gli è stato chiesto, non ha esitato a offrirsi come volontario.

Esercizio Quattro

1. Solo troppo tardi Maria si è accorta della sua malafede.
2. Signora, le camicie le ho appese sullo stenditoio; gli abiti li ho appesi nell'armadio.
3. Da un po' di tempo a questa parte, egli ha assunto un atteggiamento distaccato e spavaldo.
4. Ho colto l'occasione per chiedere un aumento di stipendio.
5. Il cavallo su cui abbiamo scommesso ha corso veramente bene e ha vinto la gara.
6. Negli ultimi tempi sono emersi dei problemi così gravi che il direttore ha deciso di intervenire.
7. Dopo che mi ha punto l'ape, ho messo un po' di pomata e ho preso anche una compressa antiallergica.
8. Hai spento la luce e hai chiuso tutti i balconi prima di uscire?

Il bandito dagli occhi azzurri



Carlo Dossi, nome abreviado de Carlo Alberto Pisani Dossi, é escritor lombardo (1849-1910) que alternou a atividade literária com a carreira diplomática, o que lhe deu a oportunidade de conhecer vários países da Europa, África e América Latina. Personagem aristocrático e esquivo, indiferente aos elogios do público, aderiu prontamente ao movimento da *Scapigliatura*, para o qual contribuiu com a fundação em 1867 da revista *La Palestra letteraria, artistica e scientifica*. Sua obra literária, desde suas primeiras novelas (*L' altrieri-Nero su Bianco*, 1868; *Vita di Alberto Pisani*, 1870; *Gocce d'inchiostro*, 1880) até seus retratos satíricos (*Ritratti umani dal calamaio di un medico*, 1874; *Ritratti umani-campionario*, 1885), passando pela miscelânea de relatos de publicação póstuma sob o título de *Note azzurre* (1912/1964), caracteriza-se pela atitude satírica moralizante, pelo absurdo das situações, pelo caráter de novidade e subversão de suas formas estilísticas e narrativas e pela ousada experimentação lingüística, na qual Dossi mistura com indiscutível acerto termos cultos e arcaicos com neologismos técnicos, termos populares e dialetais e expressões de gíria. Em *La cassierina* e *Il mago*, que fazem parte da novela *Vita di Alberto Pisani*, Dossi, rechaçando a temática histórica de tipo manzoniano, adentra, com espírito irônico e desembaraçado, na lembrança da própria infância, ao mesmo tempo doce e amarga.

LA CASSIERINA

Dieci anni di meno —Alberto si trovava in campagna. Era solo, su 'n terrazzino della casa paterna che soprastava al villaggio, stanco, come generalmente si è agli sgòccioli di una domènica, il giorno del fare niente, e si sentiva la faccia accarezzata dalla frescura notturna. Poco innanzi, una ventina di razzi —imàgine della piú desiderèvole vita, corta e splendente— avea, per annunciare la chiusa di una festa paesana, stracciato l'àere, e apparecchiato tabacco di naso agli uccelli. Il cielo, nero-fulígine. Tratto tratto, una lusnàta[1] vi abbarbagliava per un batti-palpèbra, facendo brillare, vetri, gronde ed ardesie: poi tutto rintenebriva; e rispiccàvano le illuminate finestre. Ancor piú nero dell'àere, il villaggio pareva allora un ammasso di spenti carboni.

E dal villaggio salívano ad Alberto i suoni male-accordati di un tamburo e una tromba. Essi, di tempo in tempo, cedèvano a una voce di donna, acuta... Di botto, Alberto, si parte dal terrazzino, stacca un cappello dal muro, esce di casa; e, giú per la rampa, arriva al sagrato.

In cui, a mezzo di una folla di rústici e in pie' su 'na panca, illuminata da fiàccole, era un toccone di carne fèmina, con i capelli a vaso di maggiorana, le guancie a pane buffetto[2], e la pappagorgia; sua veste, una petturina di raso non-bianco, e una gonnella di garza; sotto, due colonnette da palaustrato. Il che maledettamente stonava con la vocina di lei. Ma ella ricorreva spesso al tamburo. Allora, un uomo alla destra, in maglie, con una ghigna da pignatta bruciata ed i capelli alla ciabattina, strideva una tromba; e intanto, un pagliaccio a sinistra, abbigliato da Meneghino, sganzèrla[3] di uno a ventre di contrabbasso e a muso biacca-e-mattone, gestiva, e, in ràuca voce quasi annegata nell'aquavite, gridava.

E i tre saltimbanchi, rullando il tamburo, suonando la tromba, facendo un fracasso per trenta, si mèttono in marcia: dietro, la barabbaglia intruppata, a ciufoletti ed a fischi.

I saltimbanchi vanno alla loro baracca. Ma, ivi, perché la folla si arresta? È che là tira vento di rame. Ha bel strillare il donnone: "sotto, pòpolo generoso! si tratta della miseria di un dieci-centesimi..." tutti rimàngono sodi. Corre quel diffidente sospetto, che è la prudenza di chi moltíssimo ignora e poco ragiona.

Alberto volle ròmpere il ghiaccio. Si fe' coraggio, e, camminato vèr la baracca —là ove si stava a cassiere una tosuccia di circa otto anni, in bianco, con un visino stregato, gli occhi neríssimi, lúcidi lúcidi forse dal lagrimare contínuo, ed i braccetti nudi, che ricordàvano i bastoncini del tè— buttò una moneta sul tondo.

Fu 'n soldo che diede un suono di argento.

"Lei...", prese a dire la bimba, tirando una falda di Alberto. Ma non disse di piú. Il saltatore dalla mòtria affumata, aveva grugnito con ira. Ella serrò le palpèbre come a tuono imminente, e Alberto che s'era vôlto e avea egli pure compreso, tàque, e con stringicore seguitò la sua via.

Nòti —chi si diletta a dipíngere— come pezzi di tela e pali formàsser due lati della baracca; gli altri, un muro di orto. E, nell'interno, si vedèvano panche, un pajo di cavalletti con padelline di grasso a fumosa fiammella agli estremi, e un

1. Lampo.
2. Pane fine, soffice.
3. Spilungone.

LA PEQUEÑA CAJERA

Dez anos atrás, Alberto se encontrava no campo. Estava sozinho, num terracinho da casa paterna que dominava a aldeia, cansado, como geralmente se está nos estertores de um domingo, o dia de não fazer nada, e sentia o rosto acariciado pelo frescor da noite. Pouco antes, uns vinte foguetes – imagem da mais desejada vida, curta e resplandescente – tinham, para anunciar o encerramento de uma festa interiorana, rasgado os ares e fornecido rapé aos pássaros. O céu, preto-fuligem. De vez em quando, um relâmpago o iluminava por um piscar de olhos, fazendo brilhar vidros, beirais e ardósias; depois, tudo voltava a escurecer; e ressaltavam as janelas iluminadas. Mais negra ainda que a atmosfera, a aldeia parecia então um monte de carvões apagados.

E da aldeia chegavam até Alberto os sons desconjuntados de um tambor e de uma corneta. Estes, de vez em quando, davam lugar a uma voz de mulher, aguda... De repente, Alberto se afasta do terracinho, pega um chapéu da parede, sai de casa; e descendo pela rampa chega à pequena praça diante da igreja.

Nesta, em meio a uma multidão de camponeses e de pé sobre um banco, iluminado por tochas, estava um pedaço de mulher, com os cabelos como vaso de manjerona, as bochechas como pão fofo e a papada; sua roupa, um peitilho de cetim não branco, e uma saia de gaze; por baixo, duas coluninhas de ferro. O que desgraçadamente destoava da vozinha dela. Mas ela recorria com freqüência ao tambor. Então, um homem à direita, de camiseta, com uma carranca de panela queimada e os cabelos desgrenhados, arranhava uma corneta; enquanto isso, um palhaço à esquerda, vestido de Meneghino, comprido como um espeto com barriga de contrabaixo e fuça branca e vermelha, gesticulava, e com voz rouca quase afogada na aguardente gritava.

E os três saltimbancos, rufando o tambor, tocando a corneta, fazendo barulho como se fossem trinta, põem-se em marcha: atrás, a turba agrupada gritava e assoviava.

Os saltimbancos vão até seu cirquinho. Mas, ali, por que a multidão se detém? É que sopra o vento dos níqueis. Pode gritar quanto quiser a mulherona: "para cá, povo generoso! É só a mísera quantia de dez centavos..."; todos permanecem imóveis. Corre aquela suspeita desconfiada, que é a prudência de quem muitíssimo ignora e pouco pensa.

Alberto quis quebrar o gelo. Armou-se de coragem e, caminhando até o circo – ali onde fazia de caixa uma menina de uns oito anos, de branco, com o rostinho enfeitiçado, os olhos muito negros, brilhantes, brilhantes talvez do contínuo lacrimejar, e os bracinhos desnudos que lembravam os palitos do chá –, jogou uma moeda no prato.

Foi uma moeda que soou como se fora de prata.

– O senhor... – começou a dizer a menina, puxando a roupa de Alberto. Mas não disse mais nada. O saltador da cara esfumaçada havia grunhido com raiva. Ela fechou os olhos como na iminência de um trovão, e Alberto, que se voltara e havia também ele compreendido, calou-se, e com o coração apertado seguiu adiante.

Notou – como quem gosta de pintar – que pedaços de tecido e paus formavam dois lados da tenda; os outros, o muro de uma horta. E dentro, viam-se bancos, um par

organetto guardato da un cane barbone: volta, quella del cielo.

Quanto però a spettatori, all'entrare di Alberto non si toccava la mezza dozzina. Senonché, il panno tira il frustagno. "Va tu... vengo ancor io" appena Alberto fu entro, èbbevi ressa alla porta; e nella baracca, folla.

E cominciarono "i giuochi" —giuochi infami!

Imàgina due piccini, di non piú di sei anni per uno, pezzati di nudo e con le animuccie lí pelle pelle, ballottati senza misericordia; e imàgina una tosuccia (la cassierina) incesa da bicchieretti di branda, a saltar trafelata, cerchi, corde e sedili, tossendo, e gettando a guisa di gioja i gridi che le strappava il dolore.

A un punto, sghiàtole[4] il piede, la cadde contro del muro; né il muro era, per pasta, di quelli di Gèrico.

Alberto non poté piú durarla, si alzò, e dilungossi con l'ànimo che gli sapeva di brusco. E, quella notte, nella fantasía di lui, fu un vai-e-vieni; ora, di vispi e puliti popò[5] dall'odore di cipria, cui, parlando, ognuno addolciva e le parole e la voce, e i quali, se piangèvano mai, era per non riuscire a spezzare tutti i loro be'-belli[6]; ora, invece, di avvizziti puttini —meglio, di píccoli vecchi— a strappi, lavati dalle loro làgrime solo, mai da nessuno baciati, mai sorrisi, quí a grignotare secchetti di pane dinanzi alle golose mostre di una rosticcería, là rannicchiati entro un pagliajo, bubbolando pel freddo, in compagnía di qualche cane perduto o abbandonato, com'essi.

Il domani, Alberto, si destò di buon'ora. Bisogno, piú che non voglia, stringèvalo a ritornare sul luogo del crudele spettàcolo. E, come vi fu, trovò la baracca, spiantata; sen

4. Scivolatole.
5. Fantolini.
6. Balocchi.

de cavaletes com candeeiros de banha exalando fumacenta chama nas extremidades, e um orgãozinho guardado por um cão felpudo; como teto, o céu.

Quanto ao público, quando Alberto entrou não chegava a meia dúzia; mas um puxa o outro. "Você vai... eu vou também", bastou Alberto entrar para acumular-se gente na porta; e dentro da tenda, multidão.

E começaram "os jogos" – jogos infames! Imagine duas crianças, com não mais de seis anos cada, vestidas com nada e com as alminhas ali, desnudas, sacudidas sem piedade; e imagine uma garotinha (a do caixa) queimada por copinhos de aguardente, saltando ofegante aros, cordas e assentos, tossindo e soltando à guisa de alegria os gritos que lhe provocava a dor.

A certa altura, o pé escorregou, ela caiu contra o muro; o muro não era, quanto ao material, como aqueles de Jericó.

Alberto não pôde agüentar mais, levantou-se e foi embora com o ânimo com sabor amargo. E, naquela noite, em sua fantasia, houve um ir-e-vir; ora de espertos e asseados meninos com cheiro de talco, que ao falar tornavam doces as palavras e a voz, e que, se acaso choravam, era porque não conseguiam quebrar todos os seus brinquedos; ora, ao contrário, de meninos sem viço – melhor, de pequenos velhinhos – em andrajos, lavados apenas pelas suas lágrimas, nunca beijados por ninguém, sem nunca terem recebido um sorriso, aqui a reclamarem migalhas de pão diante das gulosas vitrines de uma rotisseria, ali aninhando-se num palheiro, tremendo de frio, em companhia de algum cachorro perdido ou abandonado, como eles.

No dia seguinte, Alberto acordou cedo. Necessidade, mais que vontade, obrigava-o a voltar ao local do cruel espetáculo. E quando lá foi encontrou a tenda desmantelada, carregada num carrinho. Sobre este, um dos saltimbancos (o de bigode limpa-chaminés) de camiseta mas com uma jaqueta nos ombros, segurava um pedaço de pau que lhe trouxera Meneghino.





caricava un carretto. Sopra del quale, uno de' saltatori (quel dal mostaccio di spazzacamino) in maglie ma con la giacchetta a ridosso, dava di piglio ad un palo pòrtogli dal Meneghino. E questi era giú, la camicia slacciata (il che scopriva degli "agnus"[7]), col muso ancor mezzo dipinto e mezzo verd'aglio. Lí accosto, i due pòveri bimbi sotto di un asse, uno per capo, aspettando; in fondo, il donnone, floscio carname, in ginocchio che legava un fardello.

E, tra i curiosi, Alberto. L'occhio di cui, piú che a tutt'altro, indugiò sulla faccia di uno dei due tormentati piccini, faccia sparuta, smorta, ma intelligente che mai. Poterne cangiar l'avvenire, quale felicità! E, Dio sa che cammino di gloria gli si sarebbe dischiuso!... Una frasuccia bastava...

Ma la frasuccia non venne, ma Alberto si allontanò.

Ché a lui mancava qualch'altro da rivedere, pur non sapeva dir che. Proprio, come allorquando s'ha una parola da proferire, se ne conosce il suono, se ne conosce il valore, ma non c'è verso di spiccicarla; notando poi, che la cosa, cui tal parola è veste, torna, apparendo, moltíssime volte inaspettata.

La quale cosa, ad Alberto (che svoltava in un vícolo) fu 'na tosetta, seduta sullo scalino di una portella, fisa a un collo di fiasco, rimàstole in mano: a terra, dinanzi a lei, cocci di vetro ed una traccia di rosso.

La cassierina! Perché sí assorta? Già, era vano di attèndere una di quelle fate benigne, le quali, a bei tempi andati "splif splaf" avrebbe, con un colpetto di verga, riuniti i capelli e riempiuto il pestone. Il vino continuava a colare. Ma ella non si moveva. Tanto fà! le busse non le avrebbe perdute. Se lei non andava "loro" sarèbber bene venuti. Oh! per le busse, non la dimenticàvano!... mai... —E tristamente, girava il collo del fiasco.

"Tu!" disse Alberto.

La ragazzetta alzò due occhioni neri e calamarenti[8].

7. Medagliette.
8. Con le occhiaie.

E este estava embaixo, a camisa aberta (deixando ver umas medalhinhas), com a fuça ainda meio pintada e meio esverdeada. Ali ao lado, os dois pobres meninos embaixo de uma mesa, esperando; no fundo, a mulherona, flácidas carnes, ajoelhada amarrando um embrulho.

E, entre os curiosos, Alberto. Seus olhos, mais do que sobre qualquer outra coisa, fixaram-se no rosto de um dos dois aflitos meninos, cara descarnada, lívida, porém mais inteligente que nunca. Poder modificar o futuro, que felicidade! E sabe Deus que caminho de glória se lhes abriria!... Uma pequena frase seria suficiente...

A frasezinha não veio, e Alberto se afastou.

Faltava-lhe comprovar algo, embora não soubesse dizer o quê. Exatamente como quando se tem de dizer uma palavra, conhece-se o seu som, conhece-se seu sentido, mas não há meio de fazê-la sair; e se percebe depois que a coisa, que tal palavra veste, volta, aparecendo, muitíssimas vezes quando menos se espera.

Tal coisa, para Alberto (que perambulava por uma ruazinha), foi uma menininha, sentada no degrau de uma porta, olhando o gargalo de uma garrafa que ficou em sua mão; no chão, em frente dela, cacos de vidro e uma mancha vermelha.

A pequena caixa! Mas por que tão absorta? Era inútil esperar por uma daquelas fadas bondosas, que, nos belos tempos, "pápum", teria, com um toque de varinha, recolhido os cabelos e preenchido de novo o vasilhame. O vinho continuava a gotejar. Mas ela não se mexia. Tanto fazia, da surra ela não se livraria mesmo. Se ela não fosse, eles viriam. Ah, de bater eles não esqueciam! Nunca... E tristemente girava o gargalo da garrafa.

– Você! – disse Alberto.

A garota ergueu dois olhões pretos e com olheiras.

– Vão bater em você, hein? – perguntou ele com voz piedosa.

"Ti batteranno, eh?" domandò egli con una voce pietosa.
Ella bassò la testina e sospirò.

"Prendi", fe' Alberto, rovesciàndole in grembo tutto che insaccocciava... e soldi di rame, e soldi di argento. Poi, fuggí via.

Due sguardi maravigliati e di riconoscenza lo accompagnarono. Ei non li vide; li sentí.

IL MAGO

Eppure, cotesta casa, non avea niente di strano! non gronde sporgenti, non fumajoli bizzarri o torrette, non cabalístici segni. Era una borghesíssima casa, col suo rispettàbile número senza né l'"uno" né il "tre", a due piani, semplicemente rinzaffata di bianco, e dalle persiane grigie.

—Ma la persiane stàvano sempre chiuse!

Ebbene? che volea ciò dire? ch'essa avea molto piú sonno delle altre. Non si può forse tenere gli occhi serrati anche di giorno?

E neanche il padrone di lei, almeno per vista, era fuori del sòlito; un lanternone a barba biancastra, come tanti altri. Tuttavia la gente dicèvalo "il mago"; tuttavía le mamme, nel minacciarlo ai loro bambini quando cattivi, sentívano, elle pure, spago. Ed io v'accerto ch'egli, ben in contrario, avrebbe baciato que' tosi che al suo apparire fuggívano! Un mago poi, che, con l'abbondanza di spiritelli a' suoi cenni, scarpeggia gobbo e doglioso con la salvietta accoccata a comperarsi egli stesso, ogni mattina, e la fetta di manzo e il cínque quattrini di sale ed il pane; è un mago, mi sembra, un pò troppo domèstico.

Ma sí! va e persuadi la contrada San Rocco. A lei era rimasto, fitto e saldato, il racconto di due operai, i quali, ammessi nella misteriosa casetta per aggiustare un camino che pativa di fumo, avèano scorto sopra un gran tondo una testa mozzata, ancora con i capelli, con gli occhi invetriti e con in bocca... una pipa. Tonio inoltre, il garzone, narrava con la voce in cantina, che lo strione, tràttolo a un certo punto di disparte, avèagli offerto una pila di doppi marenghi, purché gli fosse andato a strappare un braccio di una tal croce di legno appesa ad una tal porta...

—Naturalmente —Tonio aggiungeva— ho risposto di no.

—Oca! —osservàvano i preti— dovevi accettare, poi far dir tante messe.

Di piú; la contrada San Rocco avea veduto un bel giorno fermarsi alla casa del "mago" un carretto e uscirne caldaje, storte, lambicchi. La contrada èbbene i batistini[9]; lei, che avea pure assistito, due mesi prima, tranquilla, al trasporto di una battería di roba tal quale nel liquorista di contra!

—Ei cerca l'oro —pispigliàvasi il volgo, mandando giú la saliva. Ma il volgo, secondo l'usanza, sbagliava: "il mago" non era in traccia dell'oro, quantúnque il fosse di cosa, al pari di quello, cúpida e paurosa a una volta.

Infelice! Il piú orríbile morbo che imaginare si possa lo tormentava, ché, se negli altri ci è dato e la illusione e la trègua, o spesso, la forza del male tògliene la coscienza, quí, il martíro, sorto dalla fantasía, alimentato da questa, e sempre in novíssime foggie, non requiava mai.

9. Ebbe il batticuore.

Ela baixou a cabecinha e suspirou.

– Toma – disse Alberto, jogando no vestido dela tudo o que tinha nos bolsos... moedas de cobre e moedas de prata. Depois, fugiu.

Dois olhares maravilhados e de gratidão o acompanharam. Ele não os viu; sentiu-os.

O MAGO

E, no entanto, esta casa não tinha nada de estranho! Nem beirais sobressaindo, nem chaminés bizarras ou torrezinhas, nem símbolos cabalísticos. Era uma casa burguesíssima, com seu respeitável número sem o "um" e sem o "três", de dois andares, simplesmente rebocada de branco e com persianas cinza.

– Mas as persianas estavam sempre fechadas!

Então? O que isso queria dizer? Que ela tinha muito mais sono que as outras. Por acaso não se pode ter os olhos fechados também de dia?

E nem mesmo o dono dela, pelo menos aparentemente, estava fora do normal; um compridão de barba embranquecida, como tantos outros. No entanto, as pessoas o chamavam de "o mago"; as mães, porém, ao ameaçarem seus filhos quando se comportavam mal, sentiam, elas próprias, temor. E eu vos asseguro que ele, bem ao contrário, teria beijado aquelas crianças que ao vê-lo fugiam! Um mago, além disso, que, com a abundância de duendes à sua disposição, se arrasta encurvado e dolorido com o guardanapo amarrado a comprar ele mesmo, toda manhã, uma fatia de carne e os cinco centavos de sal e pão; é um mago, me parece, um pouco doméstico demais.

É, mas tentem convencer o bairro de San Rocco. Este tinha guardado, firme e solidamente, o relato de dois operários, os quais, admitidos na misteriosa casinha para consertar uma chaminé que desprendia fumaça, tinham descoberto sobre um grande prato uma cabeça cortada, ainda com cabelo, com os olhos vítreos e tendo na boca... um cachimbo. Tonio, o rapaz, narrava também, em voz baixa, que o farsante, chamando-o de lado a uma certa hora, havia-lhe oferecido uma pilha de moedas para que ele fosse arrancar um braço de uma certa cruz de madeira pendurada numa certa porta...

– Naturalmente – Tonio acrescentava – eu respondi que não.

– Tonto! – diziam os padres. – Devia ter aceito e depois mandar rezar várias missas.

Mais ainda; o bairro de San Rocco tinha visto um certo dia parar diante da casa do "mago" uma carriola de onde eram descarregados caldeirões, retortas, alambiques. O bairro teve palpitações; ele, que havia assistido dois meses antes, tranqüilo, ao transporte de uma bateria de objetos idênticos para o fabricante de licores que morava em frente!

– Ele procura ouro – bisbilhotavam as pessoas, engolindo a saliva. Mas o povo, como de costume, se enganava: "o mago" não estava atrás de ouro, embora perseguisse algo que, do mesmo modo, era cobiçado e temido ao mesmo tempo.

Infeliz! A mais horrível doença que se possa imaginar o atormentava, que se a outros acometia a ilusão e a trégua ou freqüentemente a força do mal chegam a tirar a consciência, neste caso, o martírio, nascido da fantasia, alimentado por ela, e sempre de novíssimas maneiras, não descansava nunca.

Ainda criança, as mãos se enrugavam e a voz enfraquecia diante da palavra "morte" e ele apalpava o rosto acompanhando



Fanciullo ancora, ei raggrinzava le mani e nella voce affiochiva alla parola "morte" e si palpava la faccia seguèndone l'ossa. In tutto, un accenno di lei; montava una scala, ogni gradino suggerívagli un anno... oh! come presto al ripiano. A volte, stretto da improvvisi spaventi, correa strillando le stanze...

—Che hai? —gli dimandava la mamma.

Egli taceva, aggricchiava.

E, a soffocare tali atroci paure, credette, adolescente, una via, il gittarsi nella nemica idea, il non pensare, il non udir che di essa. Ahimè! il rimendo fu peggior dello straccio. Certo, ci ha libri, i quali ne famigliarízzano con la figura di morte, mostrando la sua poca importanza, pingèndone urne rischiarate dal sole e inghirlandate di rose; ma altri, e molti, (la piú parte di frati cui il digiuno del mondo fe' brusco) aumèntano i nostri terrori, col mètterne innanzi un inventario di strazi... grinfe, code e piè-d'-oca sopra e sotto del letto, sudari, e puzzolenti tenèbre. E —poiché noi, verso dove incliniamo si cade— Martino, invece d'aprire gli scuri al sereno, asserragliossi nel bujo.

Sbaglio su sbaglio, dièdesi alla medicina. Questa, nella maniera che la psicología avèvagli tolta ogni fede e ogni opinione sul patrimonio dell'ànima, gli giunse a destare intorno a quello del corpo un biribàra di dubbi. Solo, capí su quale fràgile trama fosse l'uomo tessuto, quanta folla di casi potèvala ròmpere. E, nuova scienza, nuovi dolori.

Tuttavía, uno svario gli si frammise a tali ombre. Le ombre e la giovinezza di lui facèvano ressa a vicenda; Martino si ubbriacò, stalloneggiò, e riuscí a sottrarsi per qualche tempo a sé.

Ma, una notte, allo zènit di un'orgia che rasentava i confi-

os ossos. Em tudo, um sinal dela; subia uma escada, cada degrau lhe sugeria um ano... oh! como se chega depressa ao patamar. Às vezes, oprimido por repentinos sobressaltos, corria gritando pelos quartos...

– O que você tem? – perguntava a mãe.

Ele calava, estremecia.

E, para sufocar tais atrozes medos, acreditou, adolescente, em uma maneira: fundir-se na idéia inimiga, não pensar, não dar ouvidos a não ser a ela. Coitado! A emenda ficou pior que o soneto. Certo, há livros que nos familiarizam com a figura da morte, mostrando sua pouca importância, pintando-nos urnas iluminadas pelo sol e enfeitadas de rosas; mas outros, e muitos (a maior parte de frades a quem o jejum do mundo torna amargos), aumentam os nossos terrores, ao colocarem diante de nós um inventário de suplícios..., garras, caudas e pés de ganso em cima e embaixo da cama, sudários e fétidas trevas. E – já que nós caímos para onde nos inclinamos – Martino, em vez de deixar entrar luz nas trevas, mergulhou na escuridão.

Erro atrás de erro, entregou-se à medicina. Esta, como a psicologia lhe removeu toda a fé e toda opinião sobre o patrimônio da alma, conseguiu despertar-lhe a respeito do patrimônio do corpo uma infinidade de dúvidas. Sozinho, compreendeu quão frágil é a trama sobre a qual está tecido o homem, que multiplicidade de casos podiam rompê-la. E, nova ciência, novas dores.

No entanto, algo novo abriu caminho em meio a tais sombras. Nele, as sombras e a juventude combatiam entre elas. Martino embriagou-se, bestializou-se e conseguiu fugir de si mesmo por algum tempo.

Mas uma noite, no auge de uma orgia que beirava

ni della ribaldería, la biondíssima Giulia, assieme alla quale egli avea bevuto la vita, alzàtasi con un far risoluto, teso il bicchiere, gridato "viva il..." cadde improvvisamente, senza compire la frase, all'indietro.

Il cuore le si era spezzato. Martino svenne; fu chi credette per la fine di Giulia, e, invece, era per quella di lui! per quella di lui, che riapparivagli a un tratto. Egli avea già spesi trent'anni; quanti gliene avanzava? altrettanti? oh il buffo!... e mettiamo pure quaranta, cinquanta... serriamo tutte le ante... cos'era? un buffo del pari.

—No, non voglio morire —giurossi. —Né morirò.

E con la foga della disperazione, a capofitto si rigettò nelle naturali scienze, le quali, agli sforzi di lui, si aprírono come l'onda a chi nuota. Ma l'onda mai non finiva. Dopo vent'anni di studio, "feroce", senza una posa (dúnque, vent'anni di morte) ei si trovò ricco di non cercati segreti, capace di far di un cadàvere pietra, di sospèndere il corso dell'umano orologio e ravviarlo; anzi, dietro a un filo sicuro per costruirne a sua posta; nondimeno, impotente, e, quel ch'è piú, nudo a speranze di eternar quel battíto, mosso in noi, primo, da... Da chi? Va te l'accatta![10] —E intanto il corpo di lui avea perduto l'acciajo, la barba èrasegli fatta grigia; ei si vedeva in là molto su quello stretto sentiero, affondato tra insormontàbili muri e chiuso alle spalle man mano entro di cui, non vale il coraggio, non la viltà; voglia o non voglia, bisogna camminare in avanti, sempre, finché un abisso c'inghiotte.

Sino allora, Martino, avea corso l'àque e le terre, inquieto all'ubbía che la presente sua stanza diventàssegli l'última, àvido di contemplare la morte sotto ogni clima. Oh quanta avea accolta eredità di sospiri!... e, in slontanarsi dai funèrei letti, gemeva "uno di manco... vèr me". Ma, quando sentí che irreparàbili guasti nell'interno congegno gli minacciàvan lo sfascio, bruciò di fuggire non avvertito dal teatro del mondo, di conigliarsi in qualche oscuro cantuccio, per aspettarvi da solo "lei", schivando almeno cosí le làgrime degli amici, il lezzo dei ceri, il borbottare dei preti, tutta insomma la pompa dell'último tuffo. E comperò nel sobborgo la casina a due piani.

Vèngono gli strasudori in pensare a quegli anni, brevi da lungi e cosí lunghi da presso, vissuti da lui, solamente con sé. Io me lo vedo, bafando[11] a fatica, mezzo seduto su di un cadàver spaccato, a interrogare "morte, che sei?" a rovistarvi la traccie di vita, la quale vita è... Cosa? Le definizioni, molte; materialístiche alcune; altre spiritualístiche. E, tanto o quanto, ciascuna, per la sua strada, va: mèttile insieme, picco e ripicco.

Disperato allora, Martino si buttava a ginocchi, supplicando quel Dio, al quale nell'íntimo suo mai non avea creduto né oggi pure credeva, d'incretinirlo; poi, dalla stessa viltà svergognato, spregava ansiosamente la prece. E altrevolte, èccolo, con lo sguardo smarrito, dimandare a follía quello per cui la scienza era muta; or mescidando[12] ai fornelli indiavolate pozioni; or riunendo la volontà sua, tutta, nei piú turchini scongiuri; ed ora a sfogliare un tremore di speme, stranissimi libri di scrittori "sotterra", che a parte a parte insegnàvano e il vivere eterno e la giovinezza perpètua.

Ma il tempo non si arrestava, mai.

10. Vattel'a pesca!
11. Ansando.
12. Mescolando.

os limites do abjeto, a loiríssima Giulia, junto à qual bebera a vida, erguendo-se com um gesto decidido, estendendo o copo para gritar "viva o...", caiu de repente para trás, sem concluir a frase.

Seu coração partiu-se. Martino desmaiou; houve quem acreditasse no fim de Giulia, mas, ao contrário, era o fim dele! O fim dele, que de repente surgia-lhe à frente. Ele já havia gastado trinta anos; quantos ainda lhe restavam? Outros tantos? Oh! O tonto!... E ponhamos ainda quarenta, cinqüenta... esgotemos todos os "enta"... e daí? Seria ainda um tonto.

–Não, não quero morrer –jurou a si mesmo. – E nem vou.

E no ardor do desespero, voltou a mergulhar nas ciências naturais que, diante de seus esforços, abriram-se como a onda a quem nada. Mas a onda não terminava nunca. Depois de vinte anos de estudo, "feroz", sem uma pausa (ou seja, vinte anos de morte), viu-se rico em segredos não procurados, capaz de fazer de um cadáver pedra, de suspender o curso do relógio humano e reativá-lo; melhor, de seguir um fio seguro para construí-lo conforme sua vontade; não obstante, impotente, e o que é mais grave, sem esperança de eternizar aquela palpitação, desencadeada em nós, primeiro, por... Por quem? Sabe-se lá! – E no entanto seu corpo tinha perdido resistência, a barba havia ficado grisalha; ele se via muitas vezes lá, naquele estreito caminho, mergulhado entre intransponíveis muros e com o caminho bloqueado às suas costas, já que dentro deles de nada vale a coragem nem a vileza; querendo ou não, é preciso caminhar em frente, sempre, até sermos tragados por um abismo.

Até então, Martino percorrera mares e terras, inquieto, com o pressentimento de que sua condição presente se tornaria a última, ávido de contemplar a morte em todos os climas. Ah! Que grande herança de suspiros havia acumulado!... e, ao afastar-se dos leitos fúnebres, gemia "falta um... que sou eu". Mas quando sentiu que irreparáveis estragos em seu aparelho interno ameaçavam destruí-lo, ansiou fugir, sem ser notado, do teatro do mundo, de entocar-se em algum cantinho escuro, para esperar sozinho por "ela", poupando-se assim pelo menos das lágrimas dos amigos, do odor de círios, do murmurar dos padres, enfim, de toda a pompa do último baque. E comprou no subúrbio a casinha de dois andares.

Vêm-me suores quando penso naqueles anos, curtos de longe e tão longos de perto, vividos por ele, sozinho consigo mesmo. Eu o vejo, arfando de cansaço, meio sentado sobre um cadáver mutilado, a interrogar "morte, o que és?", a revolver os rastros da vida, da vida que é... O quê? As definições, muitas; materialistas, algumas; outras, espiritualistas. E, tanto faz, cada uma, pela sua estrada, vai: coloquem-nas juntas, pica e repica.

Desesperado então, Martino caía de joelhos, suplicando àquele Deus, no qual em seu íntimo jamais havia acreditado, que o tornasse um cretino; depois, envergonhado de sua própria vileza, desprezava ansiosamente aquela prece. E outras vezes, ei-lo, com o olhar perdido, pedindo loucamente aquilo para o qual a ciência era muda; ou misturando em forninhos poções demoníacas; ou colocando toda a sua vontade nas mais nefastas esconjurações; ou então folheando com um tremor de esperança estranhíssimos livros de escritores "subterrâneos", que em capítulos ensinavam a vida eterna e a juventude perpétua.

Mas o tempo não se detinha, nunca.

E finalmente, agli albori di un giorno, un vicino di lui, sí e no in pantòfole e col tabarro sulla camicia a ridosso, apparve alle due portinaje del "mago" e disse loro che qualchedu-no stava sballando od era fatto sballar nella casa; egli ne avea sentito le grida, il ràntolo.

Le portinaje, prima atterrite, occhieggiàronsi poi indecise. Romperèbbero esse il divieto del loro padrone? traverserèbbero l'atrio? ne salirèbber le scale? E tentennàrono un poco. Senonché, il caso premeva; risolvèttero il sí. Infatti, giunte al di là del ripiano, udírono angosciosa la voce del "mago" gridare "oh mi risparmia; pietà!" indi, un gèmito lungo.

Precipitarono nella stanza.

Martino, in uno dei suoi peggiori accessi di "necrofobía", giú dal letto, e il letto sembrava quel delle streghe, era dinanzi uno specchio, al pàllido lume dell'alba, miràndosi con ispavento. E certo, l'aspetto di lui, dovea èssere bene stravolto, se le due donne agghiacciàrono, e l'uomo se la cavò... in cerca di un prete.

Non l'avesse mai fatto!

"Il mago" si vide perduto, vídesi alle cimosse!

—Gira largo, via! —stridette.

Ma il prete fe' per pigliarli una mano. Martino addietrò, con terrore, come tôcca una biscia; diede nel letto, cadde entro la stretta...

E in quella, "per paura di morte", morí.

E, finalmente, na aurora de um dia, um vizinho seu, em pantufas e com a jaqueta nos ombros sobre a camisa, apresentou-se às duas porteiras do "mago" e disse-lhes que alguém estava morrendo ou havia sido morto na casa; ele havia escutado os gritos, o estertor.

As porteiras, primeiro amedrontadas, entreolharam-se indecisas. Desobedeceriam à proibição de seu patrão? Cruzariam o átrio? Subiriam as escadas? E hesitaram um pouco. Mas era preciso decidir; resolveram que sim. De fato, ao chegarem além do patamar, ouviram a voz angustiada do "mago" gritar: "Oh! Poupe-me, piedade!"; depois, um prolongado gemido.

Precipitaram-se no quarto.

Martino, em um de seus piores acessos de "necrofobia", fora da cama, e esta parecia com a das bruxas, estava diante de um espelho, na tênue claridade do alvorecer, olhando-se com espanto. E, sem dúvida, a aparência dele devia estar bem transtornada pois as duas mulheres ficaram enregeladas e o homem disparou à procura de um padre.

Melhor que nunca o tivesse feito!

"O mago" viu-se perdido, viu-se nas últimas!

– Vão embora, fora! – gritou.

Mas o padre tratou de tomar-lhe uma mão. Martino recuou, com terror, como diante de uma serpente; deu com a cama, caiu em angústia...

E nela, "de medo da morte", morreu.



Kaos

Direção: Paolo e Vittorio Taviani

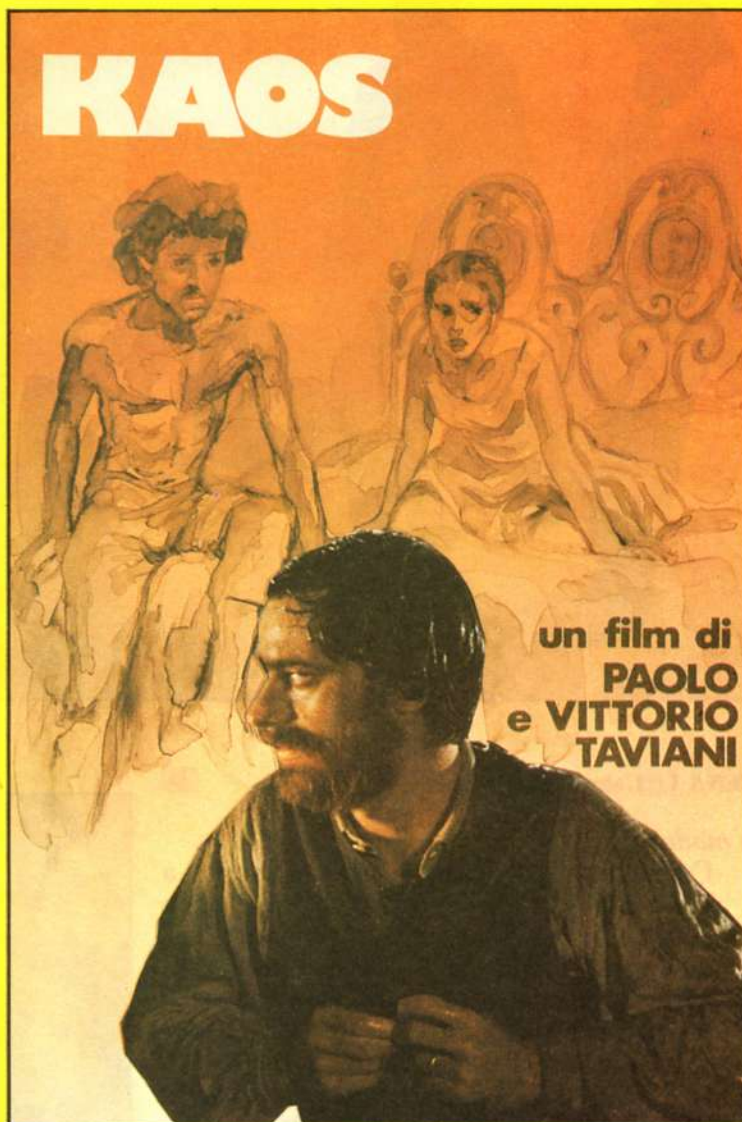
Omero Antonutti: *Luigi Pirandello*

Regina Bianchi: *a mãe de Luigi Pirandello*

Margherita Lozzano: *a mãe de "L'altro figlio"*

Ciccio Ingrassia: *Don Lollò*

Franco Franchi: *Zi' Dima*



O filme é constituído por cinco episódios, ambientados na Sicília e intitulados L'altro figlio, Mal di luna, La giara, Requiem *e* Colloquio con la madre. *Todos eles estão baseados em novelas curtas de Luigi Pirandello, escritor italiano dos mais importantes deste século, nascido na Sicília (1867-1936), prêmio Nobel em 1934 e famoso internacionalmente como dramaturgo, sobretudo por suas peças de teatro* Seis personagens à procura de um autor *(1922)*, O boné com guisos *(1917) e* Esta noite se representa de improviso *(1930)*.

KAOS



A sinistra: *La madre cerca, tra gli emigranti che si apprestano a partire per l'America, colui al quale consegnare una lettera indirizzata ai figli che l'hanno abbandonata.* Sotto: *Il volto della madre rivela la lucida follia che la sconvolge.*

SCENA 1 ("L'altro figlio")[1]

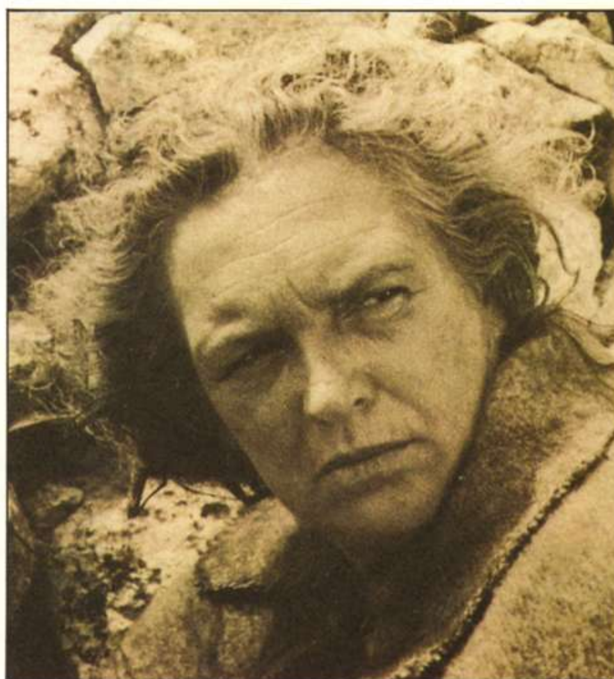


La madre

Cari figli miei, è vostra madre che scrive a voi, dalla vostra bella terra d'oro[2], da questa nostra terra di pianto[3]. Oggi fanno[4] quattordici anni che voi partiste[5] e da quattordici anni vostra madre è sola e vi aspetta.

[RIVOLGENDOSI ALLA PERSONA A CUI STA DETTANDO LA LETTERA] Scriveste[5]? Domani un'altra comitiva di sventurati parte per le Americhe e a uno de loro, al più svelto[7], al più cristiano ci[8] affiderò questa lettera, figli miei, perché la porti fino alle vostre mani. Dagli[9] occhi lo sceglierò il portatore, perché è dagli occhi che se reconosce u core de l'omini. Io non sogno una che se lascia ingannare dalle parole, per questo forse vi hanno detto che sono diventata matta[10]. Non ci credete! Credete invece[11] alle parole che questa brava picciotta[12] sta scrivendo a voi per me, figli miei!





1. A protagonista do primeiro episódio (*L'altro figlio*) é uma mulher do povo, que pede a um dos emigrantes, que está embarcando para a América, que lhe escreva e lhe entregue uma das numerosas cartas que, há mais de vinte anos, remete ininterruptamente a seus dois filhos emigrados para a América, sem nunca receber deles uma resposta ou sinal de vida. A gozação de que é objeto por esse estranho comportamento faz com que ela conte aos presentes o episódio traumático que marcou sua vida: trinta anos atrás, seu marido foi barbaramente morto e ela foi violentada por um bandido; teve então um filho, bom, trabalhador e desejoso de seu afeto materno, mas que ela não consegue reconhecer pois encarna o horror e a violência de que foi vítima. Nesta cena, a mãe dita ao emigrante a carta que este deve entregar a seus filhos, que emigraram para a América há vinte anos.
2. *Terra d'oro* é como se chama, por antonomásia, a Sicília, terra de sol e rica em frutas cítricas.
3. *Pianto* significa "pranto"; com *terra di pianto* a mulher se refere à proverbial pobreza de sua terra, vítima de um sistema baseado no latifúndio, na exploração e no privilégio, que, entre outros motivos, causa a emigração de seus habitantes em busca de trabalho.
4. *Oggi fanno*, forma dialetal siciliana equivalente a *oggi sono* ("hoje faz").
5. Na fala meridional italiana, é comum o uso do pretérito indefinido em lugar do pretérito perfeito do indicativo, mais generalizado no restante da Itália.
6. *Scriveste* é forma dialetal para *scrivesti*.
7. *Svelto* quer dizer "pessoa que age com rapidez e desenvoltura".
8. *Ci* é forma dialetal siciliana para *gli*.
9. Neste caso, a preposição *da* significa "por, por meio de, através de"; *dagli occhi che se reconosce u core de l'omini* equivale a *dagli occhi che si riconosce il cuore degli uomini*; *sogno* equivale a *sono*.
10. *Matto* significa "louco"; as pessoas acham estranho o comportamento dela em relação aos filhos, resultado de sua loucura.
11. *Invece* significa tanto "em vez" como, neste caso, "ao invés, ao contrário".
12. *Picciotto*, forma dialetal equivalente em italiano a *giovanotto* ("jovem").
13. O segundo episódio (*Mal di luna*) trata da jovem Sidora que, um mês depois de seu casamento, descobre que seu marido Batà, com o aparecimento da lua cheia, sofre um transtorno mental que o leva a se achar um lobo, e a comportar-se e uivar como tal. Sidora reprova a Batà o fato de não ter-lhe contado nada antes do casamento e, depois de consultar a mãe, ambas decidem que toda a vez que houver lua cheia, enquanto o marido estiver fora uivando na noite, ela e seu primo Saro farão companhia à jovem esposa. Sidora vê nesta circunstância a oportunidade de trair seu marido com seu primo Saro, de quem sempre gostou, mas este, apesar das insinuações e provocações de Sidora, sente apenas pena pelo atroz sofrimento de Batà e trata de ajudá-lo em seu tormento. Nesta cena, pela primeira vez, Sidora descobre que seu marido, nas noites de lua, comporta-se e uiva como se fosse um lobo.
14. Note que Sidora se dirige a seu marido com o tratamento de "vós", como é comum ainda hoje entre o povo do sul nas referências a uma só pessoa, como sinal de deferência (em vez de *lei*), ou então de distância em relação a quem é considerado de grau social superior; nestes casos, o verbo é conjugado na segunda pessoa do plural, enquanto os particípios e os adjetivos permanecem no singular: *voi siete stato molto generoso*.
15. *Spaventarsi* quer dizer "assustar-se".
16. *Sbattere alla porta* corresponde em português a "bater a porta com força".
17. *Graffiare* significa em português "arranhar".
18. Em italiano é indiferente dizer *malato* ou *ammalato*.
19. Em expressões exclamativas, *aiuto* quer dizer "socorro".

Dopo la rivelazione che il marito Batà è affetto da licantropia, Sidora si prepara ad accogliere la madre e il cugino, suo ex innamorato, che dovranno farle compagnia durante la crisi di "mal di luna" del marito.



SCENA 2 ("Mal di luna")[13]

Sidora
Batà, ma che avete[14]?

Batà
Non t'avvicinare, non ti spaventare[15]...
Non t'avvicinare...

Sidora
Batà, ma che avete?

Batà
Va' in casa, chiudi le porte, chiudi le finestre. Va' in casa, non ti spaventare se sbatto alla porta[16], se la graffio[17], se grido. Va'... e non aprire, non aprire, non mi aprire...

Sidora
Ma cos'è?

Batà
Sono malato[18], sono molto malato.

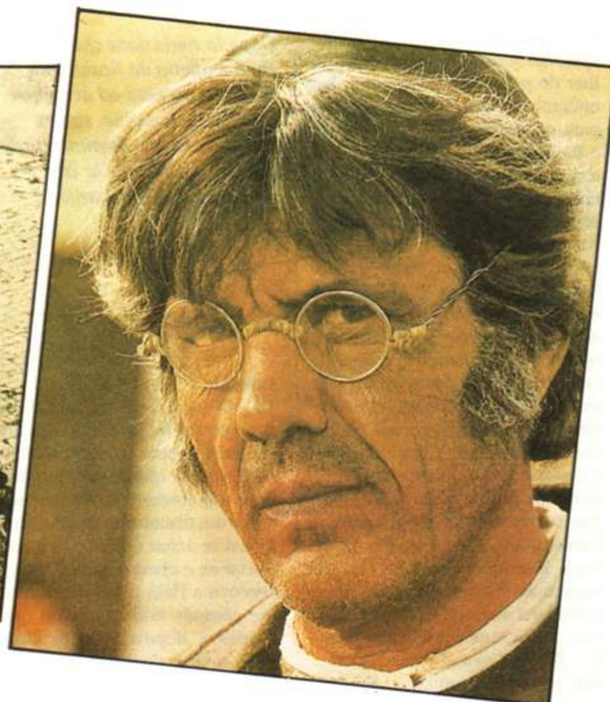
Sidora
Ora me lo dite? Ora me lo dite!

Batà
Non fare così, ho paura anch'io, sai.

Sidora
Aiuto, aiuto[19]... Che male? Che male?

Batà
A ... a luna!





SCENA 3 ("La giara")[20] 

Voce fuori campo
Quell'annata[21] era stata piena per gli ulivi a dispetto della[22] nebbia[23] che li aveva oppressi[24] nel fiorire. C'era chi lo aveva previsto e si era fatto arrivare per il suo raccolto[25] una giara, grande come una badessa[26], perché le vecchie di smalto non gli bastavano più.

Portatore della giara
Di chi è ca[27]?

Contadino
Di don Lollò[28].

Portatore
Ah. E allora sono arrivato. Portai sta[29] giarra nova[30].

Contadino
Non scendere che ne hai ancora strada da fare[31].

Portatore
E non conosco la strada.

Contadino
Risali[32] sul carro che te la faccio vedere[33] io. Sali, sali. Vedi quella collina di carrubbi[34]? È di don Lollò. Passa quella collina e arrivi fino alla massaria[35]. È di don Lollò. Poi passa la massaria e scendi fino al letto del fiume. È di don Lollò. Poi passi il letto del fiume e sali un'altra collina, poi scendi al piano[36] e lì c'è don Lollò che ti aspetta. 

A sinistra: *Nella masseria di don Lollò ferve il lavoro in attesa della giara nuova.* Sopra: *Zi' Dima, il miracoloso conciabrocche chiamato per riparare la giara rotta.* Nella pagina accanto: *La disperazione di don Lollò davanti alla giara in pezzi.*

SCENA 4[37] 

Don Lollò
E ora che faccio io?

Donna
Ma no, guardate, si può sanare[38]. Se n'è staccato[39] solo un pezzo. Il taglio[40] è netto, forse era incrinata[41].

Don Lollò
Non era incrinata, suonava come una campana e ora non la sentirò più[42].

Donna
Sì che la sentirete.

Don Lollò
Vorresti farmi credere ai miracoli?

Donna
C'è chi li fa ancora.

Don Lollò
E qu è[43]?

Donna
Il miglior conciabrocche[44] della Sicilia.

Don Lollò

E che ha la mano di fata[45]?

Uomo

No, le mani no, ma ha un mastice[46] che fa miracoli. Quando fa la presa[47], non ci può[48] neanche[49] un martello.

Don Lollò

E qual è sto mastice?

Uomo

Lui sa il segreto.

Don Lollò

E dove starebbe costui[50]?

Donna

Vicino. Vicinissimo, qua davanti a voi. L'abbiamo mandato a[51] chiamare. Se vi voltate[52]... È Zi'[53] Dima.



20. No terceiro episódio (*La giara* = "O cântaro"), o rico proprietário de um fertilíssimo olival, dom Lollò, para fazer frente à iminente e extraordinária colheita prevista, compra um cântaro gigantesco que, uma noite, misteriosamente, se quebra. Chamam Zi'Dima, oleiro famoso por sua portentosa cola, mas dom Lollò, receoso, considera que esta não é suficiente e que é necessário dar alguns pontos com arame. Zi'Dima trabalha com grande aplicação e destreza, conserta perfeitamente a jarra, mas inadvertidamente se encerra dentro dela, de onde ninguém consegue tirá-lo por causa de sua corcunda. Dom Lollò se enfurece e ameaça fazê-lo pagar o cântaro caso tenha que quebrá-lo. Zi'Dima não se altera mais que o necessário, e entre risos e gozações dos presentes, lembra a dom Lollò que a culpa é sua por ter-se empenhado em coser a todo custo a jarra. No fim, dom Lollò não terá outro remédio a não ser quebrar a jarra, liberando assim o oleiro. Esta cena se desenrola na eira da granja de dom Lollò, onde um camponês retira o cântaro que aquele encomendou.

21. *Annata* pode significar o transcurso de um ano referido às condições meteorológicas e à colheita, e também à colheita de um ano.

22. *A dispetto di* significa "apesar de, a despeito de".

23. *Nebbia* é "neblina".

24. *Oppresso* é o particípio passado do verbo *opprimere*, que significa "oprimir".

25. *Raccolto* corresponde em português a "colheita".

26. *Badessa* significa em português "abadessa".

27. *Ca* é forma dialetal contraída de *questa qua*.

28. No sul da Itália, *don* é um título que se antepõe ao nome de uma pessoa de respeito; no restante da Itália, *don* antecede apenas o nome ou o sobrenome de certos membros da Igreja.

29. *Sto, sta, sti, ste* são formas dialetais para *questo, questa, questi, queste*, usadas na Sicília e em outras partes da Itália.

30. Note a ausência de ditongo, própria de algumas falas dialetais da Itália, no termo *nova* (= *nuova*). *Giarra* = *giara*.

31. *Ne hai ancora di strada da fare* corresponde em português a "você ainda tem muito caminho pela frente".

32. *Risalire* significa "voltar a subir".

33. *Far vedere* corresponde em português a "mostrar, ensinar".

34. *Carrubbo* é uma forma dialetal de *carrubo*, que significa "alfarrobo".

35. *Massaria* ou *masseria* significa "propriedade rural", em geral não muito grande e não industrializada, administrada por um *massaro* ("colono").

36. *Piano* equivale em português a "planície".

37. Depois que lhe entregam o cântaro, dom Lollò percebe que está quebrado. Preocupado, fala disso com uma mulher.

38. *Sanare*, "consertar".

39. *Staccarsi*, neste caso, significa separar uma parte de um todo, desprender, cair.

40. *Taglio*, substantivo derivado do verbo *tagliare*, pode ser traduzido por "corte".

41. *Incrinato* significa "rachado, quebradiço".

42. Note a construção *non la sentirò più*, equivalente a "não voltarei a ouvi-la".

43. *E qu è?* é forma dialetal de *E chi è?*

44. *Conciabrocche* é termo composto pelo verbo *conciare* ("arrumar, reparar") e *brocca* ("jarra"); é como se chama a pessoa que repara vasilhas de barro ou outro material quebrável.

45. *Fata* significa "fada".

46. *Mastice*, cola, cimento, produto pastoso ou adesivo usado para soldar objetos de materiais diversos ou para tapar rachaduras e buracos.

47. *Far presa* diz-se quando duas coisas juntadas com uma substância adesiva ficam definitivamente coladas.

48. *Non ci può*, neste caso, está em lugar de *non può romperla*.

49. *Neanche* equivale em português a "nem sequer".

50. Note o uso do futuro do pretérito na frase *E dove starebbe costui?*, equivalente a "E onde está este?".

51. Note que *mandare*, neste caso, pede a preposição *a*.

52. *Voltarsi* quer dizer virar a cabeça ou o olhar para algo ou alguém para olhá-lo ou para dizer ou expressar algo.

53. *Zi'* é forma regional apocopada de *zio*, usada como apelativo diante de nomes de pessoas de certa idade, em sinal de respeito.



SCENA 5[54]



Don Lollò

Vi ci siete cucito dentro. Bene, l'avete rimessa a nuovo[55]. Bravo[56]. Però non avete preso le misure[57] della vostra gobba[58]. Vedo. Ora volete uscire. Giusto! Rompendo la mia giara. Scemo[59]! La giara è mia e se si rompe un' altra volta, a me chi la paga?

Zi' Dima

E allora? Vorreste tenermi chiuso qui dentro?

Don Lollò

No, no, però prima bisogna vedere quello che si deve fare.

Zi' Dima

E che si deve fare? Cosa? Aiuto! Aiuto!

Don Lollò

Che fate, eh?

Zi' Dima

Non la volete rompere voi? E allora la rompo io. La farò rotolare[60], la farò spaccare[61] contro quel muro[62], capito?

Don Lollò

Aspettate, aspettate! Ragioniamo[63], eh, ragioniamo.

Zi' Dima

Ragioniamo.

Don Lollò

Vi aiuterò io a uscire di qui.



SCENA 6 ("Requiem")[64]



Figlia del barone

Quando ti accendi la pipa è brutto segno[65]. Pensieracci[66], vero papà?

Barone

Credi davvero che tuo padre sia[67] un barbaro, come dice quella specie di prete là[68]?

Figlia

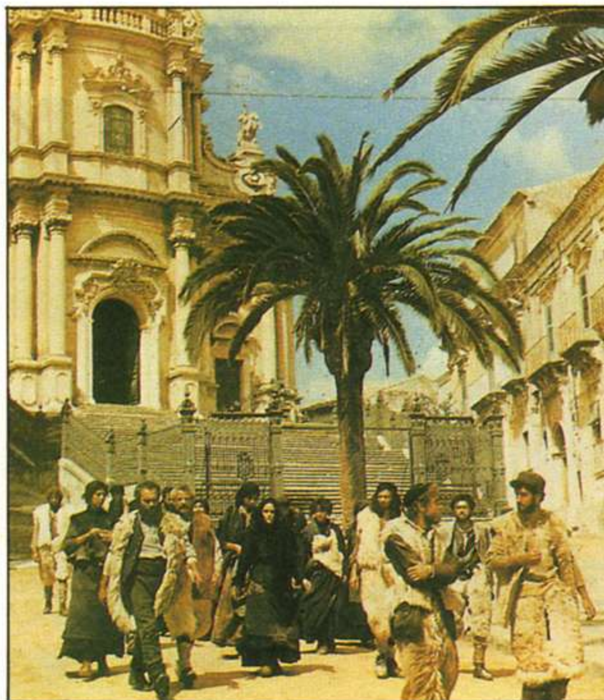
Sì.

Barone

Il barbaro è lui, Francesca, il vecchio. Adesso muore e mi dispiace parlarne male. Quello ha costruito sulle nostre terre, non solo senza pagarci l'affitto[69], ma senza neanche chiederci il permesso. Ma insomma[70], non siamo più padroni d'andare sulle nostre proprietà. L'ultima volta fu dieci anni fa. Te lo ricordi?



Sopra: *Uno dei portavoce della comunità dei pastori viene fermato dalle forze dell'ordine.* Sotto: *I pastori cercano di ottenere udienza dalle autorità del paese per rivendicare il diritto a un camposanto.* Nella pagina accanto: *La muta attessa della comunità dei pastori: anche le donne sono scese in piazza per manifestare.*



Figlia

[GUARDANDO UNA FOTOGRAFIA]

Io sono quella col sacco da montagna[71]. Mamma, Ermanno, Valentina! E quello è lui, il vecchio!

Barone

Sì, è lui. Ci portò la ricotta[72], ti ricordi? Tu non puoi immaginare che uomo è: autoritario, malizioso.

Figlia

Fu una bella gita[73].

Barone

Fu una bella gita.

Figlia

E tu daglielo il permesso di costruirsi il cimetero! Si starebbe tutti più tranquilli.

Barone

Piacerebbe anche a me, sai, Francesca, ma non posso. Non posso, perché, vedi Francesca, l'usurpazione si radicherebbe[74] sotto terra, coi loro morti. Credo proprio[75] di essere nel giusto.

Figlia

Vedrai che se ne sono andati.

Barone

Se quelli non li accompagnano i carabinieri[76], quel vecchio è capace di farsi seppellire[77] vivo nella fossa[78] non appena gli annunceranno[79] il mio rifiuto[80].



54. Para coser o cântaro com o arame, Zi'Dima entra dentro dele e logo se dá conta de que não consegue sair.
55. *Rimettere a nuovo* significa arrumar uma coisa de modo que pareça nova.
56. *Bravo*, usado em frases exclamativas, exprime aprovação, ou ironicamente, como neste caso, desaprovação.
57. *Prendere le misure* é medir, "tomar as medidas".
58. *Gobba* é "corcunda".
59. *Scemo* equivale em português a "estúpido, bobo".
60. *Far rotolare* significa empurrar para a frente um corpo arredondado, fazendo-o rodar sobre si mesmo.
61. *Spaccare* significa abrir algo ou dividi-lo em duas ou mais partes com golpes violentos; corresponde em português a "cortar, partir, quebrar".
62. *Muro* significa "muro" e também, como neste caso, "parede".
63. *Ragionare*, aqui, significa discutir um assunto, falar ou conversar sobre ele.
64. No quarto episódio (*Requiem*), uma comunidade de pastores reivindica o direito a ter um cemitério. O barão, proprietário do grande latifúndio onde vive a comunidade, não quer concedê-lo. Esta cena se desenrola na casa do barão, que se nega a ceder suas terras para que nelas se construa um cemitério. Fala com a filha.
65. *È brutto segno* quer dizer "é mau sinal".
66. *Pensieraccio*, forma aumentativa pejorativa de *pensiero*, significa "ansiedade, preocupação".
67. Lembre que em italiano, ao contrário do português, o verbo *credere* normalmente rege o modo subjuntivo.
68. *Prete* corresponde em português a "padre"; neste caso, o advérbio *là* que vem depois do nome confere à frase um sentido pejorativo.
69. *Affitto*, "aluguel".
70. *Insomma* significa "em suma, enfim, em resumo".
71. *Sacco da montagna* quer dizer "mochila".
72. *Ricotta* é "ricota, requeijão".
73. *Gita* significa "excursão".
74. *Radicare*, "enraizar".
75. Neste caso, *proprio* tem valor simplesmente enfático; corresponde em português a "realmente, mesmo".
76. *Carabiniere* é um militar de um corpo especial do exército italiano, com funções de polícia.
77. *Seppellire*, "enterrar".
78. Como em português, aqui *fossa* ("fosso, vala") significa "sepultura".
79. *Non appena gli annunceranno* corresponde em português a "logo que lhe anunciem"; em italiano, diferentemente do que ocorre em português, usa-se o tempo futuro.
80. *Rifiuto* significa "recusa, negação".
81. O protagonista do quinto episódio (*Colloquio con la madre*) é

SCENA 7 ("Colloquio con la madre")[81] 

Luigi

Da quando ero entrato in casa non mi sentivo solo[82]. Qualcosa brulicava[83] nell'ombra degli angoli[84] delle stanze. Ombre nell'ombra mi guardavano, mi spiavano, mi guardavano con tanta insistenza che alla fine, per forza, mi sono voltato. Ma certo, mamma, sei tu che m'hai chiamato.

Madre

Sì, io, Luigi.

Luigi

E questa è la tua musica, la riconosco. Mi ricordo quando ce la cantavi.

Madre

T'ho chiamato per dirti quello che non ho potuto per la tua lontananza[85] prima di staccarme[86] dalla vita.

Luigi

D'essere forte[87], mamma, vuoi dirmi, vero? Oggi come ieri, come sempre.

Madre

Ridi[88] di me, eh?

Luigi

Invece, dimmelo, mamma, ne ho bisogno. Per questo son venuto.

Madre

Rilassati, invece. Guarda che essere forti non significa dover vivere sempre così... Significa saper vivere anche così...

Luigi

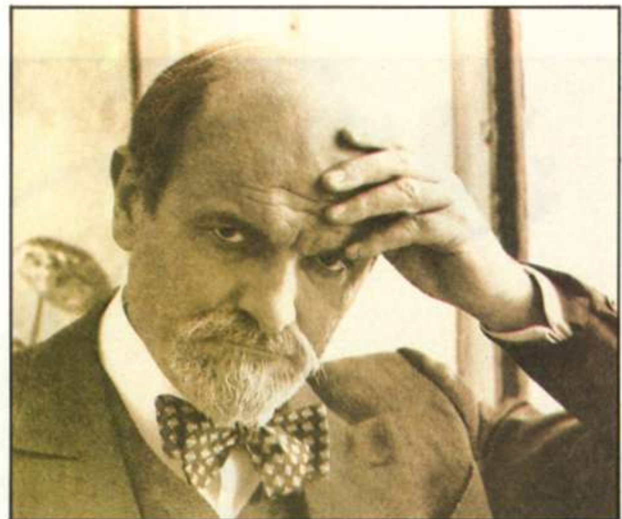
Mio Dio, mamma, le tue dita!

Madre

Vedi, Luigi, come il corpo si era ridotto[89]. Per questo la morte è venuta. Doveva venire. No, non piangere, Luigi, se mi vuoi bene[90] così mi devi pensare[91], come mi vedi qui ora, viva. 



Sopra: *Nella casa natale si svolge l'immaginario, sommesso colloquio tra Luigi Pirandello e la madre morta.*
Sotto: *I ricordi del passato affiorano alla memoria di Luigi.*



o próprio autor, Pirandello, que, já maduro e após longos anos de ausência, volta à sua casa natal, onde revive um imaginário e afetuoso encontro com sua mãe. Nesta cena, Luigi Pirandello se encontra em sua casa natal, onde mantém um diálogo imaginário com a figura materna.

82. Ao entrar em casa, o autor percebe a presença da mãe morta.

83. *Brulicare* significa mover-se de forma confusa, especialmente quando se refere a um bando de insetos ou, por extensão, de outros animais e pessoas; equivale em português a "formigar, enxamear, fervilhar".

84. *Angolo*, em italiano, quer dizer "ângulo, esquina" e também, como neste caso, "canto".

85. *Lontananza*, "distância, afastamento".

86. *Staccarme* está em lugar de *staccarmi*; *staccarsi* tem aqui sentido figurado e quer dizer "separar-se".

87. *Essere forte*, expressão com a qual se incita alguém a ter coragem e ânimo em situações difíceis ou adversas.

88. Note que em italiano o verbo *ridere* não é pronominal.

89. *Ridotto*, particípio passado do verbo *ridursi*, tem o significado de "decair, perder vigor, debilitar-se".

90. *Voler bene* é a forma mais usada para dizer "querer, amar".

91. Note a construção por meio de complemento direto da expressão *così mi devi pensare*, equivalente em português a "assim tens de pensar em mim".

B/UNITÀ 15

ITALIANO PER USI SPECIALI

Richiesta di libri rari.

Ouça na fita a conversação entre Maria, que precisa de textos clássicos muito raros, e sua amiga Anna, da Editora Exempla.



Ascoltate

Maria Pronto? Casa Editrice Exempla? Potrei parlare con la signorina Anna?
Anna Sono io, cosa desidera?
Maria Ciao, sono Maria, della Libreria Moderna. Ti ricordi di me?
Anna Maria! Come faccio a non ricordarmi[1] di te? Sono così contenta di sentirti! Dimmi, in che cosa posso esserti utile?
Maria Una professoressa della scuola di mio figlio mi ha chiesto[2] se le posso procurare dei testi classici editi da voi e ormai quasi impossibili da reperire in commercio[3], così[4] ho deciso di rivolgermi direttamente a te. Ti prego di aiutarmi perché altrimenti non saprei dove sbattere la testa[5].
Anna Non ti preoccupare per così poco! È sufficiente sapere di che cosa si tratta e vedrò di risolvere il tuo problema: intanto dimmi esattamente cosa desideri, così potrò esserti di aiuto.
Maria Sono opere complete di autori latini, in edizione bilingue, edite nella collana "Le Opere Immortali". Ne sai qualcosa?
Anna Sicuro! È un'ottima collana[6], rilegata in pelle; ne dovremmo avere ancora alcuni esemplari nel deposito, devo solo controllare lo schedario, che tra l'altro ormai è tutto computerizzato. Quali sono gli autori che ti interessano?
Maria Quelli di cui ho bisogno sono Virgilio, Seneca e Plauto, e me ne hanno chieste dieci copie per ognuno di essi. Puoi darmi subito una risposta?
Anna Aspetta[7] un secondo che controllo... Sì, sei fortunata perché ci sono tutti.
Maria Che bellezza[8]! Me li puoi fare avere al più presto e dirmi anche quali sono le modalità di pagamento?
Anna Questo non te lo so dire, devo prima consultare le norme stabilite dall'Amministrazione. Comunque ti mando subito una fattura pro-forma e non appena riceveremo l'importo ti spediremo i volumi insieme a regolare fattura di pagamento. Non credo che ci voglia molto tempo, in ogni caso



1. *Come faccio a non ricordarmi?* equivale a dizer *come posso non ricordarmi?; come fare a* + infinitivo, de fato traz implícito o significado de "poder": *come faccio a venire da te?* ("como posso ir à sua casa?"); *come facciamo a dirgli che è morto suo padre?* ("como podemos dizer-lhe que seu pai morreu?").
2. *Chiedere*, em italiano, diferentemente do que ocorre em português, significa tanto "pedir" como "perguntar": *ti chiedo un libro in prestito* ("te peço um livro emprestado"); *mi chiese se sapevo l'ora esatta* ("perguntou-me se sabia a hora certa").
3. *Essere in commercio* equivale em português a "estar à venda".

per l'inizio del nuovo anno scolastico li avrai sicuramente ricevuti tutti.
Maria So che sono testi abbastanza costosi; pensi che si potrebbe avere un buono sconto?
Anna Magari fosse possibile! Su queste collezioni facciamo al massimo un 10 % di sconto, anche perché, non essendo state fatte ulteriori edizioni, sono quasi pezzi da museo. Vorrà dire che non ti farò pagare le spese di spedizione.
Maria Te ne sono molto grata: sei sempre così gentile con me! Se hai occasione di passare da Bologna, vieni a trovarmi, sarò ben felice di rivederti!
Anna Grazie, non mancherò[9]. Ciao, e salutami tanto i tuoi. 

4. Note que em italiano *così* pode significar "tão" e também "assim": *sono così contenta di sentirti!* ("estou tão contente de ouvir-te!"); *così, ho deciso di rivolgermi a te* ("assim, decidi dirigir-me a você").
5. *Non sapere dove sbattere la testa*, modismo equivalente em português a "não saber como encontrar ajuda, não saber como sair de uma situação difícil".
6. *Collana* é literalmente "colar"; em sentido figurado, é usado para indicar uma série ou coleção de livros, ou uma série de textos do mesmo tipo: *una collana di libri gialli* ("uma coleção de livros policiais"); *una collana di sonetti* ("uma série de sonetos").
7. Para o verbo "esperar" o italiano usa dois termos diferentes, conforme se trate de "esperança" (= *sperare*) ou de "espera" (= *aspettare/attendere)*: espero que não lhe tenha acontecido nada ruim (= *spero che non gli sia successo niente di brutto*); vou te esperar até as oito (= *ti aspetterò fino alle otto*).
8. *Che bellezza!* é exclamação com a qual se expressa alegria, satisfação, prazer: *oggi non c'è lezione: che bellezza!* ("hoje não tem aula: que bom!").
9. *Mancare* significa literalmente "faltar": *manca un'ora all'inizio della cerimonia* ("falta uma hora para o início da cerimônia"); *non mancare di fare qualcosa* significa "não deixar de fazer algo, de fazê-lo sem falta": *non mancheremo di scriverti* ("não deixaremos de te escrever"); *non mancherò* ("vou fazê-lo, sem falta").

Complete o resumo.

Maria ... una libreria e una professoressa ... di suo figlio le ha chiesto se ... Per questo si ... ad Anna che lavora presso ..., per sapere se può ... . Anna vuole sapere ... sono gli autori di cui Maria ha ... Trattandosi di una ... di lusso, di cui per giunta non sono state fatte ... può essere ... del 10 %, ma Anna non ... le spese di spedizione. Maria è molto ... ad Anna e la invita ad ...



Osservate

Quando é necessário exprimir uma ação futura anterior a outra também futura, podem dar-se os seguintes casos:

1. Quando a ação da oração principal é anterior à da subordinada, a principal é construída necessariamente no futuro composto.

Exemplo:
Quando comincerà il nuovo anno scolastico, *avrai* già *ricevuto* tutti i libri.

2. Quando a ação da oração principal é posterior à da subordinada, esta pode ser construída no futuro simples ou composto, conforme se sublinhe ou não a perfeição do ato.

Exemplo:
Ti spedirò i libri quando/non appena { *riceverò* / *avrò ricevuto* } il pagamento.

3. Quando, mesmo havendo uma ação futura anterior a outra também futura, a ação da principal é vista em sua continuidade do presente ao futuro, podem ocorrer os seguintes casos, dependendo dos advérbios utilizados (também neste caso os tempos compostos sublinham a perfeição do ato).

Exemplos:

a) [io] Rimarrò qui { fino a che / finché / fino [a] quando } [tu] non { *arrivi* / *arriverai* / *sia arrivato* / *sarai arrivato* }

b) Non [io] me ne andrò prima di [io] *finire/aver finito* il lavoro
Non [io] me ne andrò se non dopo [io] *aver finito* il lavoro } mesmo sujeito

Non [io] me ne andrò prima che tu *finisca/abbia finito* il lavoro
Non [io] me ne andrò se non dopo che tu *abbia finito* il lavoro } sujeito diferente

4. Embora em geral seja possível usar indiferentemente os tempos simples e compostos, conforme se deseje sublinhar ou não a perfeição do ato, às vezes o significado da frase impede ou desaconselha o uso do tempo composto.

Exemplo:
[io] Leggo sempre prima di [io] *dormire/aver dormito.*

Esercizi

A Conjugue o verbo entre parênteses no futuro simples ou composto, ou em ambos, conforme o caso.

1. Sono certo che quando arriverai alla stazione il treno ... (partire) da un bel pezzo.
2. Non appena ci ... (essi, dare) i risultati delle analisi, andremo dallo specialista.
3. Quando ritornerai dal tuo viaggio, il loro figlio già ... (nascere).
4. Pagheremo il telefono non appena ... (noi, ricevere) la bolletta.
5. Scriverò loro non appena mi ... (essi, mandare) il loro nuovo indirizzo.
6. Le rilasceremo il passaporto non appena ci ... (Lei, consegnare) tutti i documenti richiesti.
7. Quando il tecnico ci ... (riparare) il televisore, potremo finalmente seguire il corso d'inglese.
8. Quando ... (lui, fare) il militare, verrà senz'altro assunto con regolare contratto in questa ditta.

B Complete com *di* + infinitivo ou *che* + subjuntivo, conforme o caso.

1. Non comunicheremo i risultati finali delle elezioni prima... (noi, fare) lo spoglio di tutte le schede.
2. Devo assolutamente preparare la tavola prima ... (arrivare) gli ospiti.
3. Dovresti pensarci bene prima ... (tu, parlare) a sproposito.
4. Andrò di corsa a fare la spesa prima ... (mettersi) a piovere.
5. Non compreremo il corredino per il bebé prima ... (noi, sapere) se è maschio o femmina.
6. Prima... (io, prendere) una decisione, sentirò il parere di altri consulenti.
7. Signorina, stiri la biancheria prima ... (essa, asciugarsi) completamente!
8. Sarà opportuno inoltrare subito la domanda prima ... (scadere) i termini.



Vocabolario

aiuto (*s.m.*)	ajuda	pezzo (*s.m.*)	peça
al massimo (*l.a.*)	no máximo	rilegare (*v.t.*)	encadernar
casa editrice (*s.f.*)	editora	schedario (*s.m.*)	fichário
costoso (*adj.*)	caro	sconto (*s.m.*)	desconto
èdito (*adj.*)	editado	sùbito (*adv.*)	já, logo, imediatamente
pagamento (*s.m.*)	pagamento		

Respostas dos exercícios

Ascoltate

Maria possiede una libreria e una professoressa della scuola di suo figlio le ha chiesto se può procurarle dei testi classici quasi impossibili da reperire in commercio. Per questo si rivolge ad Anna, che lavora presso una casa editrice, per sapere se può aiutarla ad ottenerli. Anna vuole sapere quali sono gli autori di cui Maria ha bisogno.
Trattandosi di una collezione di lusso, di cui per giunta non sono state fatte ulteriori edizioni, può essere scontata solo del 10%, ma Anna non le farà pagare le spese di spedizione. Maria è molto grata ad Anna e la invita ad andarla a trovare se avesse occasione di passare da Bologna.

Osservate

A

1. Sono certo che quando arriverai alla stazione il treno sarà partito da un bel pezzo.
2. Non appena ci daranno/avranno dato i risultati delle analisi, andremo dallo specialista.
3. Quando ritornerai dal tuo viaggio, il loro figlio sarà già nato.
4. Pagheremo il telefono non appena riceveremo/avremo ricevuto la bolletta.
5. Scriverò loro non appena mi manderanno/avranno mandato il loro nuovo indirizzo.
6. Le rilasceremo il passaporto non appena ci consegnerà/avrà consegnato tutti i documenti richiesti.
7. Quando il tecnico ci riparerà/avrà riparato il televisore, potremo finalmente seguire il corso d'inglese.
8. Quando avrà fatto il militare, verrà senz'altro assunto con regolare contratto in questa ditta.

B

1. Non comunicheremo i risultati finali delle elezioni prima di aver fatto lo spoglio di tutte le schede.
2. Devo assolutamente preparare la tavola prima che arrivino/siano arrivati gli ospiti.
3. Dovresti pensarci bene prima di parlare a sproposito.
4. Andrò di corsa a fare la spesa prima che si metta a piovere.
5. Non compreremo il corredino per il bebé prima di sapere se è maschio o femmina.
6. Prima di prendere una decisione, sentirò il parere di altri consulenti.
7. Signorina, stiri la biancheria prima che si asciughi/sia asciugata completamente!
8. Sarà opportuno inoltrare subito la domanda prima che scadano/siano scaduti i termini.

DAL VIVO

Ouça na fita as seguintes frases, observando as diferenças léxicas e sintáticas entre os dois registros lingüísticos.



a = *língua coloquial familiar*
b = *língua comum padrão*

1. a) Se passi dentro scambiamo quattro chiacchiere[1] e ci facciamo un bicchierino[2]!

   b) Se ti fa piacere venire a casa mia, facciamo una chiacchierata e beviamo qualcosa!

2. a) E come la metto con quel bestione? Quel cane mi ha fatto prendere uno spaghetto[3] che non finisce più[4]!

   b) Ma come faccio a passare se c'è di guardia quell'animale enorme? Già una volta quel cane mi ha fatto spaventare moltissimo!

3. a) Non mi dire che te la fai sotto[5] per una bestiolina[6] così! Che fifone che sei! Ma lo sai che "can che abbaia non morde[7]"?

   b) Non mi dire che ti spaventi per un simile animale! Sei davvero pauroso, allora! E poi ricordati che un cane che abbaia, non necessariamente morde.

4. a) A me i cani non vanno a genio[8], va bene? Sarà che sono rimasto scottato[9] quella volta che un cane mi saltò addosso...

   b) I cani non mi piacciono affatto, hai capito? Sono stato aggredito da un cane, una volta, e forse è stata quell'esperienza che mi ha reso così pauroso!



1. *Chiacchiera*, substantivo derivado do verbo *chiacchierare*, que significa "bater papo".
2. *Farsi un bicchierino*, "beber algo, tomar um drinque".
3. *Spaghetto*, diminutivo de *spago*, que significa "cordão"; vem daí o nome da célebre massa italiana; *prendersi uno spaghetto* quer dizer "assustar-se, ficar com medo" etc.
4. *Che non finisce più*, modismo com valor de adjetivo que significa "interminável": *una coda che non finiva più* ("uma fila interminável"); *una cerimonia che non finiva più* ("uma cerimônia que não acabava nunca").
5. *Farsela sotto* significa "ficar com dor de barriga", neste caso, por causa do medo; equivale, portanto, em português, embora seja menos vulgar, a "borrar-se de medo".
6. *Bestiolina*, diminutivo de *bestia*; neste caso sublinha o fato de que, independentemente de suas dimensões, é um animal totalmente inofensivo.
7. *Can che abbaia non morde*, provérbio que significa literalmente "cão que ladra não morde"; tem sentido figurado e significa que quem costuma fazer muitas ameaças verbais raramente é, de fato, perigoso.
8. *Andare/non andare a genio* significa algo ou alguém resultar ou não agradável ou simpático a alguém: *quel tipo non mi va a genio* ("não vou com a cara dele").
9. *Rimanere scottato* significa literalmente "ficar escaldado"; equivale em português a "ficar ressabiado".

Modi di dire

1. Non è pane per i miei denti. 

   Diz-se de algo que não se considera adequado ao nosso gosto ou exigência; equivale em português a "Isso não é para o seu bico".

2. Trovar pane per i propri denti.

   Significa encontrar obstáculo ou adversário que modera nossas pretensões.

3. Mangiare alle spalle di qualcuno.

   Literalmente significa viver, manter-se à custa de alguém.

4. Mangiar la foglia.

   Significa dar-se conta de um engano, de uma cilada, não se deixar ludibriar, iludir.



UN PO' DI GRAMMATICA

Esercizio Uno

Conjugue o verbo entre parênteses no tempo ou tempos adequados[1].

Exemplo:
Magari ... (essere) possibile!
Magari *fosse* possibile!

1. Anche se non ci ha avvertiti, magari ... (egli, venire) domani.
2. Magari ... (noi, trovare) ancora un paio di posti per assistere all'incontro finale della Coppa del Mondo!
3. Magari ... (avere) anch'io la possibilità di studiare: ora non sarei qui a fare l'operaio semplice!
4. Senti? Suonano alla porta: magari ... (essere) il postino che porta il pacco che aspettiamo.
5. Magari ... (io, trovare) le parole giuste per dirgli quello che si meritava!
6. Per poter avere un colloquio con il nostro cliente, magari ... (io, essere) costretto a partire questo stesso pomeriggio.
7. Si è allenato tanto e con tanto impegno che magari ... (egli, riuscire) ad arrivare primo.
8. Se lo interroghiamo seriamente magari ... (egli, confessare) il tutto.
9. Magari ... (essere) anche vero quello che dici, ma io non ci credo lo stesso.
10. —Te lo aumentano poi lo stipendio? —Eh, magari ... (essere) vero!

1. a) Para o significado de *magari* com sentido de desejo e o uso dos tempos do subjuntivo requeridos, ver o *Osservate* da página 226.
b) Para o significado de *magari* com sentido de probabilidade, lembre que equivale a *forse* ou *probabilmente* e que é seguido por um tempo no indicativo: *magari beve/beveva/ha bevuto/aveva bevuto* ("talvez beba, bebesse, tenha bebido, tivesse bebido"). Deve-se levar em conta que em italiano tanto *forse* como *magari*, quando se referem ao futuro, são seguidos pelo tempo presente ou futuro do indicativo, ao contrário do português, que usa apenas o presente do subjuntivo: *magari viene/verrà nel pomeriggio* ("talvez venha esta tarde").

Esercizio Due

Complete com *quello, -a, -i, -e + di* ou *+ che*, conforme o caso.

Exemplo:
... (gli autori) cui ho bisogno sono Virgilio, Seneca e Plauto.
Quelli di cui ho bisogno sono Virgilio, Seneca e Plauto.

1. A esser sincero, questa regia è buona, ma ... il nostro Strehler è decisamente migliore.
2. —Quali sedie a sdraio possiamo prendere? —... desiderate!
3. ... abitano qui di fronte stanno dando spettacolo e ... non hanno niente da fare stanno pure a guardarli!
4. Questa interpretazione dell'opera è stata sicuramente migliore di ... vidi a Monaco.
5. Mi dia una sedia che non sia sgangherata come ... mi diede ieri!
6. I signori del primo piano sono molto discreti, mentre ... il secondo non fanno altro che stare alla finestra a guardare dentro casa nostra.


4


8


9

7. Il palco che siamo riusciti ad avere quest'anno è ... si trova sulla destra guardando il palcoscenico.
8. Questa spiaggia, purtroppo, non è più ... altri tempi!
9. L'appartamento che avete visitato non è certo male, ma ... il palazzo dirimpetto è proprio di lusso.
10. —Che vocabolario vuoi? —...latino.

Esercizio Tre

Responda afirmativamente e negativamente às seguintes perguntas, substituindo os complementos pelos respectivos pronomes.

Exemplo:
Vengo a trovarti?
Sì, vieni*mi* a trovare/No, non venir*mi* a trovare!

1. Devo concedere l'aumento ai dipendenti, oppure no?
2. Indiciamo la nuova campagna elettorale?
3. Ti lavo le tende e le tendine della camera da letto?
4. Le controllo anche le candele dell'auto?
5. Lanciamo questo nuovo prodotto sul mercato?
6. Vuoi che pulisca anche lo scalone dell'atrio?
7. Prendo l'ascensore?
8. Metto i piselli e i fagiolini nel congelatore?
9. Ti porto l'oliera?
10. Stappo la bottiglia di spumante?

Esercizio Quattro

Diga qual o feminino da palavra entre parênteses.

Exemplo:
... (un professore) della scuola di mio figlio [...]
Una professoressa della scuola di mio figlio [...]

1. Questo pomeriggio si terrà nell'Ateneo un incontro di ... (poeta) e di ... (scrittore) italiane.
2. La nostra ... (tintore) sta cercando delle giovani ... (stiratore).
3. Questa sera si premieranno le migliori ... (attore) e ... (cantante) dell'anno.
4. Molte ... (uomini) oggi preferiscono essere ... (dottore) piuttosto che casalinghe.
5. Si è scoperto che l'omicida era ... (un infermiere) dell'ospedale.
6. ... (il presidente) della Croce Rossa Italiana ha fatto un bel discorso sulla solidarietà umana.
7. Al circo abbiamo visto ... (atleta) fenomenale che cavalcava in piedi ... (cavallo), mentre varie ... (domatori) tenevano a bada ... (leoni) e ... (elefanti).
8. La nostra ... (cameriere) ha l'obbligo di indossare un grembiulino bianco.
9. ... (il giornalista) ha intervistato parecchie ... (artisti) russe.
10. Quella ... (pianista) interpreta Chopin in modo eccezionale.

Vocabolario

abbonamento (*s.m.*)	assinatura
allenarsi (*v.p.*)	treinar
avvertire (*v.t.*)	perceber, avisar
candela (*s.f.*)	vela
casalinga (*s.f.*)	dona de casa
costretto (*p.p. de* costringere *v.t.*)	obrigado, forçado
dirimpetto (*adv.*)	de frente
fagiolino (*s.m.*)	vagem
grembiulino (*dim. de* grembiule *s.m.*)	avental
indire (*v.t.*)	convocar
oliera (*s.f.*)	galeteiro
paio (*s.m.*)	par
palcoscènico (*s.m.*)	cenário
pisello (*s.m.*)	ervilha
postino (*s.m.*)	carteiro
posto (*s.m.*)	lugar
regìa (*s.f.*)	direção
scalone (*s.m.*)	escadaria
sedia a sdraio (*s.f.*)	espreguiçadeira
sgangherato (*adj.*)	escangalhado
spiaggia (*s.f.*)	praia
stappare (*v.t.*)	destampar
suonare (*v.t.*)	chamar
tenda (*s.f.*)	cortina
tendina (*s.f.*)	cortininha de janela

Respostas dos exercícios

Esercizio Uno

1. Anche se non ci ha avvertiti, magari viene/verrà domani.
2. Magari trovassimo ancora un paio di posti per assistere all'incontro finale della Coppa del Mondo!
3. Magari avessi avuto anch'io la possibilità di studiare: ora non sarei qui a fare l'operaio semplice!
4. Senti? Suonano alla porta: magari è/sarà il postino che porta il pacco che aspettiamo.
5. Magari avessi trovato le parole giuste per dirgli quello che si meritava!
6. Per poter avere un colloquio con il nostro cliente, magari sono/sarò costretto a partire questo pomeriggio.
7. Si è allenato tanto e con tanto impegno che magari riesce/riuscirà ad arrivare primo.
8. Se lo interroghiamo seriamente magari confessa/confesserà il tutto.
9. Magari è/sarà anche vero quello che dici, ma io non ci credo lo stesso.
10. —Te lo aumentano poi lo stipendio? —Eh, magari fosse vero!

Esercizio Due

1. A esser sincero, questa regia è buona, ma quella del nostro Strehler è decisamente migliore.
2. —Quali sedie a sdraio possiamo prendere? —Quelle che desiderate!
3. Quelli che abitano qui di fronte stanno dando spettacolo e quelli che non hanno niente da fare stanno pure a guardarli!
4. Questa interpretazione dell'opera è stata sicuramente migliore di quella che vidi a Monaco.
5. Mi dia una sedia che non sia sgangherata come quella che mi diede ieri!
6. I signori del primo piano sono molto discreti, mentre quelli del secondo non fanno altro che stare alla finestra a guardare dentro casa nostra.
7. Il palco che siamo riusciti ad avere quest'anno è quello che si trova sulla destra guardando il palcoscenico.
8. Questa spiaggia, purtroppo, non è più quella di altri tempi!
9. L'appartamento che avete visitato non è certo male, ma quello del palazzo dirimpetto è proprio di lusso.
10. —Che vocabolario vuoi? —Quello di latino.

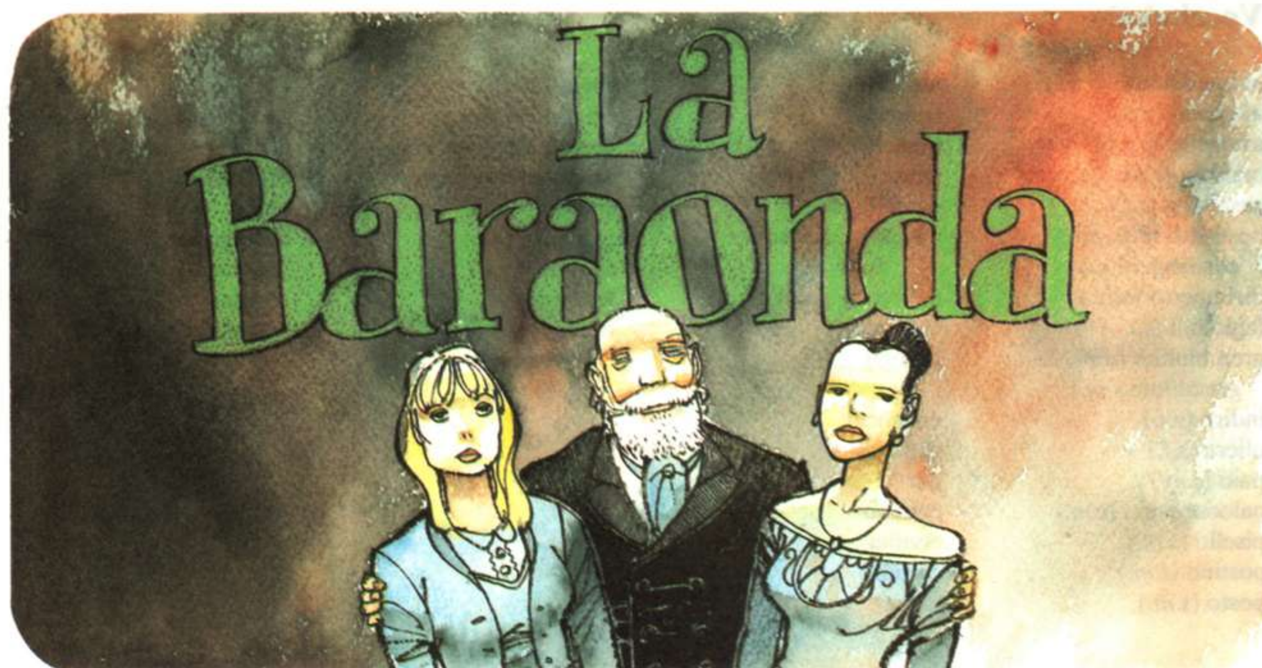
Esercizio Tre

1. Sì, concedìglielo / No, non concederglielo!
2. Sì, inditela / No, non inditela!
3. Sì, lavamele / No, non lavarmele!
4. Sì, me le controlli / No, non me le controlli!
5. Sì, lanciatelo / No, non lanciatelo!
6. Sì, puliscilo / No, non pulirlo!
7. Sì, prendilo / No, non prenderlo!
8. Sì, mettili / No, non metterli!
9. Sì, portamela / No, non portarmela!
10. Sì, stappala / No, non stapparla!

Esercizio Quattro

1. Questo pomeriggio si terrà nell'Ateneo un incontro di poetesse e di scrittrici italiane.
2. La nostra tintora sta cercando delle giovani stiratrici.
3. Questa sera si premieranno le migliori attrici e cantanti dell'anno.
4. Molte donne oggi preferiscono essere dottoresse piuttosto che casalinghe.
5. Si è scoperto che l'omicida era un'infermiera dell'ospedale.
6. La presidentessa della Croce Rossa Italiana ha fatto un bel discorso sulla solidarietà umana.
7. Al circo abbiamo visto un'atleta fenomenale che cavalcava in piedi una cavalla mentre varie domatrici tenevano a bada leonesse ed elefantesse.
8. La nostra cameriera ha l'obbligo di indossare un grembiulino bianco.
9. La giornalista ha intervistato parecchie artiste russe.
10. Quella pianista interpreta Chopin in modo eccezionale.

LETTURA



Gerolamo Rovetta foi um escritor lombardo (1851-1910) que viveu na Milão industrial e economicamente febril do final do século XIX e início do nosso século, que se encontra bem refletida em sua obra. Sua produção literária compreende novelas (*Mater dolorosa*, 1882; *Le lagrime del prossimo*, 1898; *Il primo amante*, 1892; *La Baraonda*, 1894; *L'idolo*, 1898) e peças de teatro (*Scellerata*, 1881; *La trilogia di Dorina*, 1891; *I disonesti*, 1892; *La realtà*, 1893). Estas últimas foram também muito conhecidas na época em outros países da Europa graças às encenações efetuadas pelas famosas companhias teatrais italianas em turnê e também às traduções e montagens locais de várias de suas peças. Em sua obra, Rovetta descreve, sem qualquer atenuação estilística, a sociedade italiana de seu tempo, denunciando com vigor insólito a hipocrisia, a injustiça e a força do convencionalismo e do preconceito da burguesia. *La Baraonda* é uma novela contemporânea de suas melhores peças teatrais. Nela aparecem figuras moralmente negativas de homens de negócios, políticos, jornalistas e personalidades da sociedade, por meio das quais o autor põe em evidência que seu radical pessimismo tem menos a ver com a condição humana em geral do que com as instituições e mentalidade burguesas, incapazes de fazer frutificar outra coisa que não o preconceito, a desonestidade, a corrupção e a violência.



I

Nora piombò nella saletta come un fulmine.

—Ho fame! Ho fame! —Poi gridò, chiamando e voltandosi verso l'uscio della cucina—: Gioconda! Presto! La colazione!

—La Gioconda, —rispose Evelina, senza alzare il capo né la voce—, la Gioconda l'ho mandata adesso alla posta. Torna subito. —E continuò a scrivere, curva, tutta addosso alla tavola, colla faccia sulle cartelle.

Nora, stizzita, si sbottonò d'un colpo, con una sola strappata, la giacchettina blu dagli occhielli un po' logori, poi, brontolando, cominciò a camminare in su e in giù per la saletta.

Quanto più la Gioconda tardava a venire, tanto più Nora diventava rabbiosa, e il suo viso così fresco e roseo, sotto il gran volume dei capelli biondi, il bel visino spirante una leggiadria tutta infantile e che risaltava piacevolmente per lo splendore magnifico della persona alta e rigogliosa, si alterava, appariva contraffatto.

—Tu per altro, gioia, tu l'hai fatta colazione!

Anche la voce, non era più la solita, dalle calde modulazioni; era divenuta disarmonica ed aspra.

L'altra intanto, calma, indifferente, continuava a scrivere, rannicchiata, bassa, quasi col naso sulle cartelle.

Evelina lavorava così le intere giornate, occupando sempre il suo solito cantuccio della tavola da pranzo dove nel gran disordine di quella gente si ammonticchiava in un batter d'occhio coi libri, coi giornali, colle lettere, tutta l'altra roba che entrava o aveva finito di girare per la casa.

Sopra un fascio di bozze c'era ancora un piatto col bicchiere e col tovagliolo di Evelina: tutto sotto l'attenta e immobile sorveglianza di *Numa*, il gattone rosso. Ed era stata appunto la vista di quella roba, del piatto col bicchiere e col tovagliolo, la vera cagione della stizza, dell'ira crescente di Nora.

E la Gioconda non si faceva vedere!

—Tu fai il comodo tuo, senza darti pensiero di nessuno!... Quando sai che io devo tornare a casa dopo essermi spolmonata con tre ore di lezione, allora mandi fuori la Gioconda colle lettere! —E irritata anche perché le sue parole non facevano nessun effetto, le buttò i guanti con violenza sul capo.

Numa sparì d'un tratto. Evelina asciugò la cartella che si era macchiata d'inchiostro, cercò una parola scartabellando un dizionario, e ricominciò a scrivere come prima.

—La Gioconda deve essere qui subito, —disse poi, a mezza voce, come se parlasse fra sé.

L'altra ricominciò a girare e a brontolare.

—Che vita! Che vita! Che vita! Ma presto, per fortuna... —e questo lo mormorò più sottovoce—me ne andrò! me ne vado! subito! a qualunque costo!

Camminava un po' dondolandosi, affondando le mani nella giacchetta, con un'aria di rivolta e di sfida, stirandosi ritta colla vita e colle spalle, quasi offrendosi col seno sporgente: pareva volesse sfoggiare tutte le attrattive, tutte le seduzioni della sua bellezza.

Sì, se ne sarebbe andata, e quel bel corpo doveva essere la sua potenza, la sua fortuna. Se quello che aveva in cuore le sarebbe riuscito, bene; diversamente avrebbe fatto la cantante, la mima...

E Pietro Laner?

I

Nora entrou na sala como um raio.

– Estou com fome! Estou com fome! – Depois gritou, chamando e virando-se para a porta da cozinha: – Gioconda! Depressa! O almoço!

– A Gioconda – respondeu Evelina, sem levantar a cabeça nem a voz –, mandei a Gioconda ao correio. Ela volta logo – e continuou a escrever, encurvada sobre a mesa, com o rosto sobre os papéis.

Nora, irritada, desabotoou com um só gesto, com apenas um puxão, o casaquinho azul de casas um pouco desgastadas; depois, resmungando, começou a andar para lá e para cá na salinha.

Quanto mais Gioconda tardava em vir, tanto mais Nora ficava furiosa, e seu rosto tão fresco e róseo, sob o grande volume de cabelos loiros, o bonito rosto que transparecia uma graça toda infantil e que ressaltava agradavelmente pelo esplendor magnífico de sua figura alta e exuberante, alterava-se, parecia transtornado.

– Você, ao contrário, está feliz, já almoçou!

Também a voz não era mais a habitual, de agradáveis modulações; tornara-se desarmônica e áspera.

A outra, entanto, calma, indiferente, continuava a escrever, reclinada, baixa, com o nariz quase sobre os papéis.

Evelina trabalhava assim dias inteiros, ocupando sempre o costumeiro cantinho da mesa de comer onde, na grande desordem daquela gente, se amontoava num piscar de olhos com os livros, jornais, cartas, todas as outras tralhas que entravam ou tinham acabado de dar voltas pela casa.

Sobre um feixe de rascunhos havia ainda um prato com o copo e o guardanapo de Evelina: tudo sob a atenta e imóvel supervisão de Numa, *o gatão vermelho. E tinha sido exatamente a visão daqueles objetos, do prato com o copo e com o guardanapo, a verdadeira razão da crescente ira de Nora.*

E a Gioconda não aparecia!

– Você faz o que tem vontade, sem se incomodar com ninguém!... Quando você sabe que eu vou voltar para casa depois de me esbaforir com três horas de aula, então você despacha a Gioconda com as cartas! – E irritada também porque as suas palavras não surtiam qualquer efeito atirou-lhe as luvas com força na cabeça.

Numa *desapareceu imediatamente. Evelina enxugou o papel que se havia manchado de tinta, procurou uma palavra folheando um dicionário e voltou a escrever como antes.*

– A Gioconda deve chegar logo – disse depois, a meia voz, como se falasse consigo mesma.

A outra recomeçou a andar e resmungar.

– Que vida! Que vida! Que vida! Mas logo, felizmente... – e isso ela murmurou ainda mais baixinho – eu irei embora! Vou embora! Já! Custe o que custar!

Caminhava balançando um pouco, afundando as mãos no casaquinho, com um ar de revolta e desafio, endireitando a barriga e os ombros, quase oferecendo-se com o peito saliente: parecia querer ostentar todos os atrativos, todas as seduções de sua beleza.

Sim, ela iria embora, e aquele belo corpo deveria ser seu poder, sua fortuna. Se conseguisse aquilo que levava em mente, muito bem; caso contrário, trabalharia como cantora, como mímica...

E Pietro Laner?



Nora rispose a quel ricordo importuno con un'alzata di spalle.

Il suo giovane fidanzato, il giovane povero, umile, le appariva in mezzo alla luce sfolgorante del nuovo sogno, ancora più misero, ancora più meschino. —E brutto. perché era anche brutto; colla barbetta rara, ispida, i capelli crespi e lunghi come la parruccaccia d'un negro, e gli occhialoni grossi, colle suste dietro le orecchie, come i tedeschi. —Non aveva più un soldo ed era anche brutto—. Bel guadagno a sposarlo!

—Se gli aveva detto di sì, adesso gli direbbe di no! —E come prima, all'immagine del giovane, adesso, al rimordere leggero della coscienza rispose con un'alzata di spalle...—Duchessa!... Che sogno! Che sogno!... Ma sarebbe arrivata fin là?... Ebbene, se «fin là» proprio «fin là» non sarebbe arrivata, se non potesse giungere ad essere sua moglie —duchessa!—avrebbe accettato anche di diventare la sua amante. Essere una signora, «esser ricca», questo era il più importante —e questo era sicuro: —ed ecco la sua febbre, la sua gioia di quei giorni. Perché in quei giorni Nora era contenta. Se si era arrabbiata, se si arrabbiava tanto contro Evelina, era per una collera tutta fisica, per il tormento acuto, irritante dello stomaco vuoto, che la rendeva nervosa. Finché non si sfogava a mangiare aveva bisogno di sfogarsi a gridare, a strapazzare. Non c'era altri che Evelina e se la rifaceva con lei: e poi quando fu persuasa che Evelina non le badava nemmeno, se la prese colla credenza, aprendola e richiudendola con gran fracasso.

—Niente! Niente! Niente!

Si avvicinò alla tavola per cercare nei cassetti, ma Evelina si oppose:

—Sta ferma; non posso scrivere.

—Voglio mangiare!

—Mangia una fetta di panettone.

Nora respondeu àquela lembrança incômoda com um dar de ombros.

Seu jovem noivo, um jovem pobre, humilde, surgia-lhe, em meio às luzes fulgurantes do novo sonho, ainda mais miserável, mais mesquinho. E feio. Porque era feio também; com a barbinha rala, hirsuta, os cabelos crespos e compridos como a peruca de um negro e os óculos grossos com as hastes atrás das orelhas, como os alemães. Não tinha um tostão e ainda por cima era feio. Que belo negócio casar com ele!

Se lhe havia dito que sim, lhe diria agora que não! E como antes, diante da lembrança do jovem, agora, ao leve arrependimento da consciência, respondeu também com um dar de ombros. Duquesa!... Que sonho! Que sonho!... Mas será que chegaria lá?... Bom, se "até lá", exatamente "até lá", não chegasse, se não conseguisse chegar a ser sua mulher – duquesa! – teria aceito também tornar-se sua amante. Ser uma senhora, "ser rica", isto era o mais importante – e isso estava garantido. E daí vinha sua febre, a sua alegria daqueles dias. Porque naqueles dias Nora estava contente. Se ficara enfurecida, se se enfurecia tanto com Evelina, era uma cólera apenas física, pelo tormento agudo, irritante do estômago vazio, que a deixava nervosa. Até que não se desafogasse comendo, tinha necessidade de desafogar-se gritando, maltratando. Não havia ninguém a não ser Evelina e era com ela que implicava; e então quando se convenceu de que Evelina não lhe dava a menor atenção, passou a implicar com o aparador, abrindo-o e fechando-o com grande estardalhaço.

– Nada! Nada! Nada!

Aproximou-se da mesa para procurar nas gavetas, mas Evelina se opôs:

– Fique quieta, não consigo escrever.

– Quero comer!

– Come uma fatia de panetone.

Naquela casa, faltava pão às vezes, mas panetone, nunca.

– Não, meu bem! Eu também quero uma costeleta! – E lhe indicava um ossinho no prato, diante do qual Numa *voltara a montar guarda suspirando.*

In quella casa, mancava qualche volta il pane; il panettone mai.

—No, gioia! Voglio anch'io una costoletta! —E le indicava un ossicino sul piatto, dinnanzi al quale *Numa* era tornato a montare la guardia sospirando.

In quel punto si udì camminare nell'anticamera.

—Gioconda! Presto! La colazione¡

—Come? La signorina Nora?... E non è rimasta dalla signora Schönfeld? —esclamò la Gioconda ridendo col riso grasso della donna ben pasciuta.

—Ma guarda che originale! Resta fuori ogni altro giorno o a colazione o a pranzo, sempre in aria con questa Schönfeld, e proprio oggi, signor no! Viene a casa a far colazione! —La Gioconda parlava lentamente, ascoltandosi e continuando a ridere per quello che diceva. Oh, in casa, avevano fatto un «repulisti» generale! Lei non aveva più un soldo. Prima di andare a far la spesa doveva aspettare il signor Direttore «col rinforzo».

—Oggi a credito non si compra; tutti brontolano e mi strapazzano. Vogliono essere pagati. E si capisce. È appena morto il giornale; i bottegai sono tutti diffidenti!... —E scoppiò a ridere più forte: il fatto della signorina, che con tanto appetito doveva digiunare, era molto comico!

Nora aveva quasi le lacrime agli occhi.

—Non dire sciocchezze, che non occorre aspettare lo zio Matteo. Tu sei una milionaria!...

—Sicuro! —Il bel servone voleva negare sospirando, ma non riusciva a nascondere tutta la propria compiacenza—. Avevo quaranta o cinquanta lire e ho dovuto mandarle a mia sorella!

Questo non era vero. Aveva il gruzzolo, nascosto nella calzetta. Nei giorni dell' abbondanza nessuno badava a spendere e spandere; soltanto la serva metteva da parte.

—Ma lei, signorina? Delle sue lezioni?... Niente? —La Gioconda soffiò sul palmo della mano per rendere la domanda più eloquente.

—Ho dato tutto allo zio Matteo.

—Io pure, —ripeté Evelina, prima di essere interrogata.

Nora tornava a strillare, ma la Gioconda, vivamente, accennando verso l'anticamera, le fece segno di tacere.

—Perché? Chi c'è? —Domandarono le due ragazze quasi insieme.

—Un... *tirolese.*

Tirolese, era il soprannome che si dava in quella casa ai creditori in generale.

Perché? —Chi lo sa?— Nessuno forse, avrebbe saputo dirlo; ma tutti i creditori venivano chiamati a quel modo: *tirolesi.*

—Chi è? —Domandò Evelina più curiosa che inquieta.

—È il fattorino della Faré, quel gran negozio di guanti e di cravatte! —esclamò la Gioconda coll'ammirazione che destava ancora, dopo tanto tempo, nella contadinotta della bergamasca il gran lusso di Milano.

—Non gli hai detto che lo zio è fuori?

—Sicuro, ma non importa. Ha ricevuto l'ordine di aspettarlo.

Ma io ho fame! Ho fame! —Continuava a ripetere Nora. Importava tanto a lei dei *tirolesi!*

—Venga con me. Caffè latte e panettone è una colazione da papa! —E sempre sorridente, movendosi indolente colla persona grassa e rotonda dappertutto, passò in cucina segui-

Naquele momento ouviram-se passos na ante-sala.

– Gioconda! Depressa! O almoço!

– Como? A senhorita Nora?... Mas não ficou na senhora Schönfeld?! – exclamou Gioconda rindo com o riso grosseiro da mulher bem alimentada.

– Mas, olha, que original! Fica fora quase todos os dias, ou no almoço ou no jantar, sempre dando voltas com esta Schönfeld, e justo hoje, não senhor! Vem almoçar em casa! – Gioconda falava lentamente, ouvindo-se e continuando a rir por aquilo que dizia. Oh, na casa haviam feito um "rapa" geral! Ela não tinha mais um tostão. Antes de ir fazer compras tinha que esperar o senhor Diretor "com o reforço".

– Hoje não se compra fiado; todos reclamam e me xingam. Querem ser pagos. E é compreensível. Acabou de morrer o jornal; os donos de vendas são todos desconfiados!... – E desatou a rir mais forte: o fato de a senhorita, com tanto apetite, ter que almoçar era muito cômico!

Nora tinha quase lágrimas nos olhos.

– Não fale bobagens, que não é preciso esperar o tio Matteo. Você é uma milionária!...

– Sem dúvida! – A gorda empregada queria negar, suspirando, mas não conseguia esconder sua própria complacência. – Eu tinha quarenta ou cinqüenta liras e tive que mandá-las para minha irmã!

Isso não era verdade. Tinha umas economias escondidas na meia. Nos dias de abundância ninguém ligava para despesas e esbanjamentos; somente a empregada economizava alguma coisa.

– E a senhorita? Das suas aulas?... Nada? – Gioconda soprou a palma da mão para tornar a pergunta mais eloqüente.

– Dei tudo para o tio Matteo.

– Eu também – repetiu Evelina, antes de ser interrogada.

Nora voltava a gritar, mas Gioconda, vivamente, indicando a ante-sala, fez-lhe sinal para que ficasse quieta.

– Por quê? Quem está aí? – perguntaram as duas moças quase ao mesmo tempo.

– Um... tirolês.

Tirolês *era o apelido que se dava naquela casa aos credores em geral.*

Por quê? E quem é que sabe? Talvez ninguém o soubesse dizer; mas todos os credores eram chamados desse modo: tiroleses.

– Quem é? – perguntou Evelina mais curiosa do que inquieta.

– É o contínuo da Faré, aquela grande loja de luvas e gravatas! – exclamou Gioconda com a admiração que ainda despertava, depois de tanto tempo, na camponesa bergamasca o grande luxo de Milão.

– Você não lhe disse que o tio está fora?

– Claro, mas ele não quer saber. Recebeu ordens de esperá-lo.

– Mas eu estou com fome! Estou com fome! – continuava a repetir Nora. Pouco lhe importavam os tiroleses!

– Venha comigo. Café, leite e panetone é uma refeição de papa! – e sempre sorridente, movendo-se indolente com seu corpo gordo e redondo por todas as partes, foi à cozinha seguida por Nora. Numa *também saltou da mesa e seguiu-as silenciosamente, esfregando-se nas roupas dela e esticando o rabo com um espreguiçamento todo sonolento.*

Enquanto isso, Matteo Cantasirena, o tio, como o cha-

ta da Nora. Anche *Numa* saltò giù dalla tavola e le tenne dietro silenziosamente, fregandosi contro le sue sottane e rigirando alta la coda con tutto uno stiramento sonnacchioso.

Intanto Matteo Cantasirena, lo zio, come lo chiamavano Nora ed Evelina, *il signor direttore,* come lo chiamava la Gioconda, continuava a farsi aspettare. La sua gazzetta —*Il Rinnovatore*— era morta il giorno innanzi; ma non c'era da temere per Cantasirena: egli era più vivo che mai. Morto un giornale, ne faceva un altro, ed era allora che spiegava la maggiore attività, le più grandi risorse della sua fantasia e del suo spirito, ed era allora, sui giornali degli altri, che egli scriveva anche i suoi migliori articoli, per il bisogno stringente delle cinquanta lire, per far sapere, per far vedere e per ricordar bene, che Matteo Cantasirena era sempre quello di prima!

Egli poteva vantare tutti i titoli. Professore, avvocato, cavaliere ed anche colonnello, perché era stato qualche cosa di simile con Garibaldi, nelle sussistenze. Lui e l'Italia si erano fatti a vicenda ed erano cresciuti grandi insieme. Egli aveva tutto veduto, tutto provato, tutto goduto, tutto sofferto; aveva fatto di tutto ed anche del bene.

Oggi era pieno di danari, di gloria, di potenza; domani danari, autorità, amici e riputazione, tutto aveva perduto, tutto: tranne la salute!... Ma poi, con la salute sempre buona, ritornava da capo; e destreggiandosi ed imponendosi, commovendo gli uni e minacciando gli altri, ma non odiando mai nessuno, nemmeno chi gli aveva tirato l'ultimo calcio, e poter così approfittare di tutti quanti, a poco a poco ritornava a galla, sempre potente e sempre gaudente... in barba... ai *tirolesi!*

La sua forza era la grande fede in sé stesso e nella minchioneria degli altri. Generoso, prodigo, anche nella disdetta, nelle angustie più terribili, ostentava una cert'aria olimpica di protezione; era il grande architetto, almeno uno dei grandi architetti, se non dell' universo, della patria.

La folla che lo vedeva sempre in piedi anche dopo le cadute più rumorose, lo stimava un valore particolare; ed era indulgente e benevola con Matteo Cantasirena, il quale, in fondo, non era mai cattivo più del necessario, e gli manteneva la sua simpatia perché in tutto ciò che di bene o di male si raccontava o s'inventava sul conto suo, c'era sempre la parte amena, la nota dell'uomo di spirito, che faceva ridere.

Anche la sua figura era simpatica. Bell' uomo, alto, col cranio pelato, lucentissimo, col bel pancione delle persone importanti e la barba alla Mosè, si faceva subito notare in mezzo a tutti e prima di tutti, in un teatro, ad un banchetto, in mezzo alla folla, e così anche pei vantaggi della sua figura, finiva col rappresentare, dovunque si trovasse, una parte sempre spiccata.

E Cantasirena, che sapeva anche questo, compiva l'opera della natura, con certi cappelloni a tuba dalle larghe tese che si faceva fare apposta e collo sparato ampio della camicia; i provinciali se lo indicavano l'un l'altro come una delle rarità di Milano, e la sua grossezza caratteristica aumentava la sua gloria.

Nora ed Evelina egli le chiamava, colla solita teatralità espansiva, «de sue care figliuole». Ma questo non vuol dire che fossero sue figlie davvero, come non erano nemmeno sue nipoti, sebbene esse lo chiamassero zio.

Era un modo appunto per chiamarsi, per farsi intedere. Ma poi, nel turbinio rumoroso, assordante di quella casa e di

mavam Nora e Evelina, o senhor diretor, *como o chamava Gioconda, continuava a fazer-se esperar. A sua gazeta* – Il Rinnovatore – *havia morrido no dia anterior; mas não havia que temer por Cantasirena: estava mais vivo que nunca. Morto um jornal, fazia outro, e era então que desenvolvia a maior atividade, os maiores recursos de sua fantasia e de seu espírito, e era então, nos jornais dos outros, que ele escrevia também seus melhores artigos, pela necessidade premente das cinqüenta liras, para fazer saber, para fazer ver e para relembrar bem que Matteo Cantasirena era sempre aquele de antes!*

Podia vangloriar-se de todos os títulos. Professor, advogado, cavaleiro e até coronel, porque tinha sido algo equivalente a isso com Garibaldi, na intendência. Ele e a Itália se haviam ajudado reciprocamente e se tinham tornado grandes juntos. Ele havia visto tudo, provado tudo, desfrutado tudo, sofrido tudo; tinha feito de tudo, inclusive o bem.

Hoje estava cheio de dinheiro, de glória, de poder; amanhã, dinheiro, autoridade, amigos e reputação, tudo estava perdido, tudo, menos a saúde... Mas depois, com a saúde sempre boa, recomeçava, e agindo com habilidade e impondo-se, comovendo alguns e ameaçando outros, mas nunca odiando ninguém, nem mesmo aos que lhe tinham dado o último pontapé, e podendo assim aproveitar-se de todos, pouco a pouco voltava à tona, sempre poderoso e sempre gozador... a despeito... dos tiroleses!

Sua força era a grande fé em si mesmo e na patetice dos outros. Generoso, pródigo, mesmo na desgraça, nas angústias mais terríveis, ostentava um certo ar olímpico de proteção; era o grande arquiteto, pelo menos um dos grandes arquitetos, se não do universo, da pátria.

As pessoas que o viam sempre de pé, mesmo depois das quedas mais estrondosas, reconheciam nele um valor particular; e eram indulgentes e benévolas com Matteo Cantasirena, o qual, no fundo, nunca era mais mau do que o necessário, e mantinham simpatia por ele porque em tudo o que de bom ou de ruim que se contava ou inventava a respeito dele, havia sempre a parte amena, o toque do homem espirituoso, que fazia rir.

Também sua figura era simpática. Homem bonito, alto, com uma careca brilhante, com a boa barriga das pessoas importantes e a barba à Moisés, fazia-se logo notar em meio a todos e antes de todos, em um teatro, em um banquete, no meio das pessoas, e assim, também graças à sua figura, acabava representando, onde quer que se encontrasse, um papel sempre de destaque.

E Cantasirena, que também sabia disso, cumpria a obra da natureza, com certas cartolas de largas abas que mandava fazer por encomenda e com a parte dianteira da camisa engomada; os provincianos o apontavam uns para os outros como uma das raridades de Milão, e sua corpulência característica aumentava sua glória.

A Nora e Evelina ele as chamava, com sua costumeira teatralidade expansiva, de "suas queridas filhinhas". Mas isto não quer dizer que fossem filhas dele de verdade, como tampouco eram suas sobrinhas, embora o chamassem de tio.

Era apenas uma maneira de se chamarem, de se fazerem entender. Mas depois, no torvelinho ruidoso, ensurdecedor daquela casa e daquela vida tão variada, agitada e acidentada, entre um dia de luxo e abundância e outro refreado,



quella vita così varia, così agitata e accidentata, fra un giorno di lusso e di abbondanza e un altro di ripieghi, fra l'andirivieni ai teatri, alle feste, alle inaugurazioni e alle commemorazioni, e le giornate del lavoro affrettato, disperato, affannoso, non c'era mai tempo di fermarsi per ricordare, per riflettere; e così il modo di chiamarsi diventava poi, in quella grande confusione, anche il modo di essere, e la metafora delle espansioni suppliva alla mancanza dei rapporti di famiglia, dei legami del sangue.

Tutto ciò, naturalmente, ancora di più per Cantasirena che per Nora e per Evelina. La politica, il giornale, le banche, le ferrovie; e correre in cerca di quattrini; e una cambiale da rinnovare, un'altra da non pagare e un' altra da scontare; e il ministero da sostenere e l'impresario da difendere e il discorso di un onorevole, e tutto ciò con un duello per aria, un protesto in casa, e i vizietti da soddisfare: ecco la sua vita, giorno per giorno.

La casa, per Matteo Cantasirena, non era l'abitazione, ma uno dei suoi recapiti. Vi era sempre di passaggio, dentro e fuori, col cappello in testa, il bastone sotto il braccio, e la voce in aria: quando si fermava di più era qualche volta di notte, e qualche volta anche di giorno, con la Gioconda...

Faceva colazione al caffè, mandava alla cuoca delle sporte di roba per il pranzo e poi non ci veniva nemmeno, senza avvertire, e nessuno lo aspettava.

Ne' suoi bei momenti di gloria e di quattrini, aveva la casa piena di gente: commilitoni, genii, patriotti, tenori, deputati... e soprattutto parenti: quando aveva quattrini gli capitavano parenti da tutte le quattro parti. Cantasirena li accoglieva sempre a braccia aperte e apriva loro anche la borsa. Si commoveva, pieno di contentezza nel rivederli, anche quando non li aveva mai visti; poi, quando tornavano i giorni della bancarotta e se ne andavano tutti com'erano venuti, Matteo Cantasirena, per il primo, non se ne ricordava più.

Quelle due ragazze, Evelina e Nora, gli erano state portate in casa, piccine, bambine ancora; poi nessuno si era più ricordato di venirle a riprendere e così vi erano rimaste, erano cresciute ed erano diventate «de sue care figliuole»; e

entre as idas e vindas aos teatros, festas, inaugurações e comemorações, e os dias de trabalho apressado, desesperado, ansioso, não havia tempo de parar para recordar, para refletir; e assim o modo de se chamarem tornava-se também, naquela grande confusão, o modo de ser, e a metáfora do tratamento supria a inexistência de relações de parentesco, de laços de sangue.

Tudo isso, naturalmente, muito mais para Cantasirena do que para Nora e Evelina. A política, o jornal, os bancos, as ferrovias; e correr atrás de dinheiro; e uma promissória para renovar, outra para não pagar e outra para descontar; e o ministério para sustentar e o empresário para defender e o discurso de um deputado, e tudo isso com um desafio pendente, um protesto em casa e os pequenos vícios para satisfazer: era esta sua vida, dia após dia.

A casa, para Matteo Cantasirena, não era a habitação, mas um de seus domicílios. Estava sempre de passagem, entrando e saindo, com o chapéu na cabeça, a bengala embaixo do braço e a voz pelos ares: quando ficava mais tempo era às vezes de noite, e algumas vezes também de dia, com Gioconda...

Fazia o desjejum num café, mandava à cozinheira cestas de coisas para o almoço e depois nem sequer aparecia, sem aviso, e ninguém o esperava.

Em seus bons momentos de glória e de dinheiro, tinha a casa cheia de gente: companheiros de armas, gênios, patriotas, tenores, deputados... e sobretudo parentes; quando tinha dinheiro, caíam-lhe parentes dos quatro cantos. Cantasirena os acolhia sempre de braços abertos e abria-lhes também a carteira. Comovia-se, cheio de contentamento por revê-los, mesmo quando nunca os tinha visto antes; depois, quando voltavam os dias da bancarrota e todos iam embora assim como tinham chegado, Matteo Cantasirena era o primeiro a esquecer-se deles.

Aquelas duas moças, Evelina e Nora, tinham sido trazidas à sua casa, pequenas, ainda crianças; depois, ninguém lembrara de vir buscá-las, e assim tinham ficado, crescido e se tornado "suas queridas filhinhas"; e por isso o chamavam de tio, e todos acreditavam que fossem irmãs, quando talvez não fossem sequer primas.

per questo lo chiamavano zio, e tutti le credevano due sorelle, mentre forse non erano nemmeno cugine.

Eppure, preso alle strette, avrebbe potuto giurare che non erano proprio sue figlie?... —Aveva avuto moglie?

Una vera moglie, legittima, forse no. Ma fra tutte quelle donne di ogni classe e di ogni razza colle quali era stato legato in quella sua lunga vita, cominciata quando ancora era quasi fanciullo, avrebbe potuto giurare che non ci fosse stata anche la madre di Nora e di Evelina?... Dell'una o dell'altra, almeno, se non di tutte due?

Ma Cantasirena non ci pensava, e anche pensandoci, non se ne sarebbe ricordato. Forse non avrebbe saputo dire, con sicurezza, nemmeno dov'era nato. A Torino, quando aveva fondato la *Dogaressa,* pareva un veneto: poi, entrato con Vittorio Emanuele a Venezia per fondarvi il *Bersagliere,* lo credevano un piemontese. Adesso, a Milano, si riscaldava contro l'invasione dei giornalisti esotici: dunque avrebbe dovuto essere milanese o almeno lombardo...

Anche il suo nome?... Anche quel nome: *Cantasirena?* Era il suo vero nome?... O non era piuttosto l'antica firma, il pseudonimo del suo primo articolo, della sua prima battaglia, de' suoi primi successi, e che rimasto nella voga popolare, era poi rimasto anche a lui, definitivamente?...

Chi lo sa!

La sua vera vita era stata la vita pubblica; il suo passato, il passato storico della nuova Italia; e invece degli anni egli contava il numero dei ministeri.

E adesso che aveva passato i cinquanta, e forse i sessanta, dopo tanto fare, disfare, rifare, dopo aver guadagnato e aver speso milioni, Matteo Cantasirena era ancora tal e quale, per tornar da capo: allo stesso punto come quando aveva cominciato: pieno di salute e di speranze.

In quanto alla roba, quella sua «propriamente sua» avrebbe potuto partarla con sé, tutta in un baule. E forse, anche il baule, avrebbe dovuto farselo prestare dalla Gioconda.

Evelina e Nora, fatte ormai a quella vita, prese nell'ingranaggio di quell'esistenza avventurosa e precipitosa, avevano finito col diventare due ruote del baraccone.

No entanto, se o apertassem, teria podido jurar que não eram mesmo suas filhas?... Tinha tido esposa?

Uma mulher verdadeira, legítima, talvez não. Mas entre todas aquelas mulheres de todas as classes e de todas as raças às quais havia se ligado em sua longa vida, iniciada quando ainda era quase uma criança, teria podido jurar que não estivesse também a mãe de Nora e de Evelina?... De uma ou de outra, pelo menos, se não de ambas?

Mas Cantasirena não pensava nisso, e mesmo que pensasse não teria lembrado. Talvez não soubesse dizer, com certeza, nem mesmo onde havia nascido. Em Turim, quando fundou a Dogaressa, *parecia um veneziano: depois, ao entrar com Vitório Emanuel em Veneza para fundar o* Bersagliere, *julgavam-no um piemontês. Agora, em Milão, zangava-se contra a invasão de jornalistas de fora; portanto, deveria ser milanês ou pelo menos lombardo...*

E seu nome?... Também seu nome: Cantasirena? *Era seu nome verdadeiro?... Ou seria uma antiga assinatura, um pseudônimo de seu primeiro artigo, de sua primeira batalha, de seus primeiros êxitos, e que depois, persistindo no dizer popular, havia permanecido com ele definitivamente?...*

Quem sabe!

A sua verdadeira vida tinha sido a vida pública; seu passado, o passado histórico da nova Itália; e, em vez dos anos, contava o número de ministérios.

E agora que já passara dos cinqüenta, e talvez dos sessenta, depois de tanto fazer, desfazer, refazer, depois de ter ganhado e gastado milhões, Matteo Cantasirena estava ainda igual, pronto a recomeçar: no mesmo ponto em que havia começado, cheio de saúde e de esperança.

Quanto às suas tralhas, as "propriamente suas", poderia tê-las carregado consigo, todas em um baú. E talvez até o baú o devesse pedir emprestado a Gioconda.

Evelina e Nora, já acostumadas àquela vida, presas à engrenagem daquela existência aventureira e frenética, haviam terminado por se transformar em duas rodas do circo ambulante.



O comissário Verrazzano

Direção: Franco Prosperi

Luc merenda: *comissário Verrazzano.*

Janet Agren: *Giulia.*

Gloria Piedimonte: *Cora.*

Luciana Paluzzi: *Rosy.*

Maria Baxa: *Giorgia.*

Giacomo Rizzo: *Baldelli.*

Sarco Ravaioli: *Barone*



O jovem comissário de polícia Verrazzano, por meio do jogo de apostas, do qual é aficionado, entra em contato com pequenos malfeitores que vivem do jogo. Um deles, apelidado de Civetta, torna-se homem de sua confiança, passando-lhe informações. A elegante e rica proprietária de uma galeria de arte, Giulia Medici, pede a Verrazzano que se encarregue pessoalmente do assunto relativo à morte de seu irmão Walter, definitivamente abandonado pela polícia como um caso claro de suicídio. Ela, ao contrário, por causa de uma carta anônima que recebeu, suspeita de que se trata de homicídio, no qual poderiam estar implicados a jovem viúva de Walter, Cora, e seu novo marido, Marco Verelli. Com a ajuda do jovem policial Baldelli e do citado Civetta, Verrazzano inicia suas investigações pelo mundo das apostas, freqüentado também pelo defunto Walter, que praticava agiotagem. Alguém trata de impedir o trabalho de Verrazzano, matando primeiro seu gato Ciro e depois sua noiva, Rosy. Seus superiores, ao mesmo tempo, o suspendem temporariamente do serviço ativo por acharem que realiza suas investigações de forma privada e com meios muito pouco ortodoxos. Mas Verrazzano, com a ajuda de Giorgia, uma bailarina amiga sua, descobre que Giulia Medici e Marco Verelli se conheciam desde antes da morte de Walter e que ambos são co-proprietários de uma empresa em Nice. Quando Cora aparece morta também, crescem as suspeitas sobre Giulia e Marco.O comissário mata em um enfrentamento o chamado Barone, executor material dos últimos delitos, e logo desmascara Giulia e Marco e os entrega à justiça.

IL COMMISSARIO VERRAZZANO



Il commissario Verrazzano è un giovane funzionario di polizia che frequenta il mondo delle scommesse.

SCENA 1 [1]



Giulia

Uff! Pare che sia facile vendere quadri! Se non mi sbrigo[2] a cambiare mestiere[3] finisco in manicomio. Un whisky? Glielo avevo promesso.

Commissario

Grazie, ma non bevo mai quando sono in servizio.

Giulia

In servizio? Ma... veramente[4] mi era parso di capire[5] che la sua visita non sarebbe stata[6] ufficiale.

Commissario

Ha ragione. Diciamo che non ho sete. Allora[7]? Mi racconti.

Giulia

Quando sono morti i miei genitori io ero molto piccola e da allora ho avuto soltanto mio fratello Walter. Si è sempre occupato lui di me, come un padre, finché ho messo in piedi[8] questa attività. Siamo sempre rimasti legati[9] da un affetto profondissimo. Poi, quattro mesi fa, tornò da un viaggio d'affari con una sorpresa: una moglie. Molto più giovane di lui e molto, molto bella. Sulle prime[10] cercai di esserle amica...

Commissario

Ma, se ho capito bene, lei non fu contenta che suo fratello si fosse sposato.

Giulia

È complicato da spiegare, commissario. Mi creda, non è facile essere ricchi.

Commissario

Anche quando si è poveri[11] ci sono delle difficoltà.

Giulia

Cora, mia cognata si chiama Cora, ha sempre respinto[12] con freddezza ogni[13] mio tentativo di avvicinarla. Poi, qualche settimana dopo il loro ritorno, mio fratello mi confidò di essere deluso[14] e pentito.

Commissario

E le disse perché?

Giulia

Eh, si era accorto[15] che Cora l'aveva sposato soltanto per interesse. Poi, fulminea la tragedia. C'era soltanto Cora in casa.

Commissario

Sta cercando di dirmi che sospetta di sua cognata?

Giulia

Oh, di lei come di altri. Cora si è risposata[16] appena dopo un mese la morte di Walter.

Commissario

Uhm! Che premura[17]! E chi sarebbe questo nuovo marito?

Giulia

È un certo Marco Verelli, non lo conosco nemmeno[18]. La prego commissario, mi aiuti. Io ho fiducia solo in lei.



SCENA 2[19]



Biagi

[ENTRANDO NELLO STUDIO DI VERRAZZANO]

Ciao.

Commissario

Ah, vieni Biagi.

Biagi

Ho le informazioni che mi avevi chiesto[20].

Commissario

Bene.

Biagi

Eccole qua[21]. Una fortuna valutabile[22] in miliardi. Era Walter, il morto, che si occupava



La bella e ricca Giulia Medici incarica Verrazzano di indagare sulla morte di suo fratello Walter, che ella sospetta sia stato ucciso dalla giovane moglie Cora e da colui che è diventato il suo nuovo marito, Marco Verelli.

del patrimonio di famiglia. La sorella Giulia invece ha un'attività fiorente, internazionale, compra e vende quadri in tutto il mondo.

Commissario

E a uomini[23] come sta?

Biagi

Beh, ne avrà, ma con molta discrezione sembra.

Commissario

E... il fratello?

Biagi

Ah, un suicidio, al di là di ogni dubbio[24]. S'è sparato[25] con la sua pistola, la teneva sempre in tasca, forse era una specie di mania, lo so. Comunque solo lui la poteva adoperare. E... ah, ecco, questi sono, sono i rilievi[26] della scientifica[27]. Vedi, le rigature[28] combaciano[29]. Si era chiuso nello studio e a chiave[30], dall'interno, perciò il caso à archiviato.

Commissario

Sì, sì, scusa, scusa: e le analisi del bossolo[31]?

Biagi

Mah, la scientifica non le avrà fatte, non lo so. Del resto[32] il suicidio era così evidente che...

Commissario

E poi? Che altro sai?

1. Verrazzano dirige-se ao escritório da galeria de arte de Giulia Medici. Esta lhe fala de suas suspeitas em relação à morte de seu irmão Walter.
2. *Sbrigarsi* significa em português "apressar-se".
3. *Mestiere*, "ofício, atividade habitual".
4. Neste caso, *veramente* corresponde em português a "para dizer a verdade".
5. Os infinitivos que exercem função de objeto direto são precedidos pela preposição *di*; *mi era parso di capire* ("me pareceu ter entendido").
6. Observe que neste caso, como em outros semelhantes que aparecerão mais adiante, o futuro do pretérito composto tem o mesmo valor que o futuro do pretérito composto em português: *che la sua visita non sarebbe stata ufficiale* ("que sua visita não seria oficial").
7. Em frases interrogativas e exclamativas, *allora* equivale a *ebbene, dunque*.
8. *Mettere in piedi* significa "criar, montar, fundar, erguer".
9. Aqui *legati* quer dizer "unidos".
10. *Sulle prime* equivale em português a "num primeiro momento, a princípio".
11. Note que em italiano a forma impessoal com *essere* + adjetivo é construída com o verbo no singular e o adjetivo no plural: *quando si è poveri/ricchi/stanchi/annoiati* ("quando se está (se é) pobre/rico/cansado/entediado").
12. *Respinto*, particípio passado do verbo *respingere* ("rechaçar, recusar"); note também que o italiano quase sempre intercala o advérbio entre o auxiliar e o particípio.
13. *Ogni* pode ter o significado de "cada" e, como neste caso, "todo, qualquer".
14. *Deluso* é particípio passado do verbo *deludere* ("decepcionar, fraudar").
15. *Accorgersi* significa "dar-se conta".
16. *Risposarsi* equivale em português a "casar de novo".
17. *Premura* quer dizer "pressa".
18. *Nemmeno* pode significar "tampouco" e também, como neste caso, "nem sequer".
19. Estamos no escritório de Verrazzano. Entra o comissário Biagi e informa sobre o falecido Walter Medici e sobre Marco Verelli, o jovem marido de Cora, viúva de Walter.
20. *Chiesto* é particípio passado do verbo *chiedere*, que pode significar "perguntar" e também, como aqui, "pedir".
21. *Eccole qua* corresponde em português a "aqui estão".
22. *Valutabile* se diz daquilo que pode ser avaliado.
23. Note a construção *a* + substantivo plural, com o significado de "quanto a" aquilo indicado pelo substantivo: *e a soldi come andiamo?* ("e de dinheiro, como estamos?").
24. *Al di là di ogni dubbio* corresponde em português a "sem sombra de dúvida, sem a menor dúvida".
25. *Spararsi* quer dizer "disparar um tiro, atirar em si mesmo".
26. *Rilievo* é o conjunto de observações que têm por objetivo representar um fenômeno.
27. *La (polizia) scientifica* ("polícia técnica") é a seção da polícia que em suas investigações utiliza meios técnicos oferecidos pelas diversas ciências.
28. *Rigatura* são as estrias helicoidais do interior do cano das armas de fogo, que dão ao projétil um movimento rotatório e deixam nele suas marcas.
29. *Combaciare*, "coincidir".
30. *Chiuso a chiave*, "fechado a chave".
31. *Bossolo*, "projétil".
32. *Del resto* corresponde em português a "por outro lado, de resto".

Biagi

Mah, questo Walter Medici aveva un solo vizio, il gioco, ma poteva permetterselo[33], lui. Poco prima di morire aveva sposato una certa Cora Venié Diniz che non è rimasta vedova a lungo: si è risposata con un certo Marco Verelli, sul conto del quale pare che ci siano intere enciclopedie negli archivi della polizia di mezzo mondo. Guarda su quell'incartamento[34].

Commissario

Ah! Viene anche lui da Nizza. 

SCENA 3[35] 

Commissario

Capisci cosa voglio, Civetta?

Civetta

Sta succedendo qualcosa di molto grosso, commissà[36]. Ma in alto io nun ci arivo[37]. Mi dispiace.

Commissario

Dimmi della rapina[38]: che ne sai di quello bruciato nella roulotte?

Civetta

Mah, probabilmente quello ci aveva un debito più grosso de lui e ha accettato de partecipà alla rapina pe' sdebitasse[39] in qualche modo, ma ha sbaiiato. Avrà chiesto altro tempo[40] e nun gliel'hanno concesso[41]. È un esempio. Ne so' sicuro. Commissà! A lei iie[42] piacciono i cavalli, le carte, ma manco[43] se l'immagina che anima de strozzinaggio[44] ce sta dietro. Nessun investimento[45] rende[46] er[47] dieci per cento al giorno. E per alimentà il giro[48] de piccoli prestiti[49] al gioco, e che se crede?, ce voiiono centinaia di milioni. Chi comanda la barca ha deciso de strignere i freni[50].

Commissario

E... tu sai di chi si tratta?

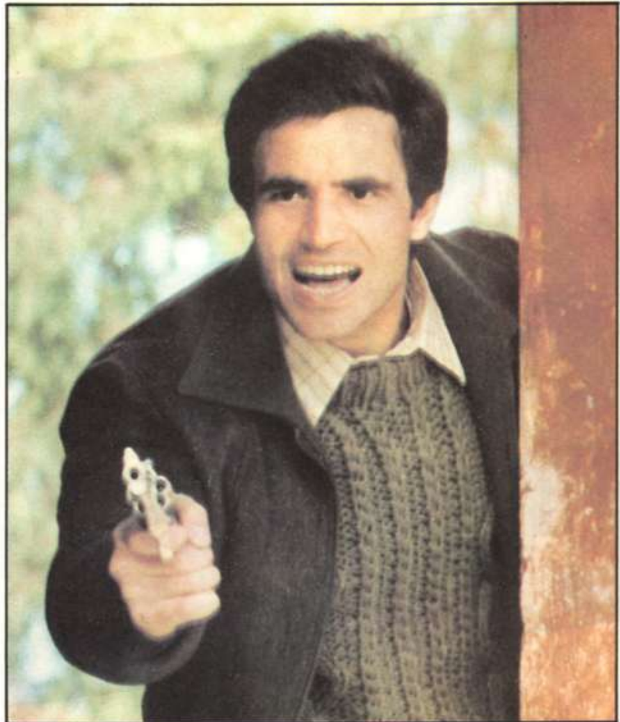
Civetta

No. Io so solo che è cambiato er timoniere. 

SCENA 4[51] 

Commissario

Ecco. Siamo pari[52].



Sopra: *Verrazzano con un conflitto a fuoco riesce a sventare una rapina.* Nella pagina accanto: *Due dei banditi che hanno partecipato alla rapina fuggono in moto, ma vengono inseguiti e catturati. Un terzo bandito riesce a fuggire, ma morirà bruciato nella sua roulotte per una vendetta degli strozzini legati al mondo delle scommesse.*

Strozzino

Lasci stare commissario. Piuttosto perché non me dà una mano? Ce sarebbe[53] un affaruccio da sistemasse le ossa[54] per un anno.

Commissario

Guarda, a me mi fregano tutti: lotto, totocalcio[55], dadi, roulette, meno che i furbi! Se provi a mettermi diecimila sporche in mano ti sbatto dentro[56] dritto, dritto[57].

Strozzino

Ma io scherzavo, commissario. Uno corretto come lei!

Commissario

Anch'io scherzavo. Adesso ascoltami bene. Puoi farmelo tu un favore: dicono che conosci tutti nell'ambiente. Sai niente di uno che, pare, bazzicasse[58] nelle sale da gioco, un certo Walter Medici?

Strozzino

L'ho solo... sentito nominare.

Commissario

Rispondi a tono, sacco di merda!

Strozzino

Commissario, forse sono una merda, ma io

aiuto i poveracci. Presto solo qualche spicciolo per campare, ecco.

Commissario

Dimmi di Walter Medici.

Strozzino

Commissario, io ho moglie e figli: se apro bocca, mi creda, rischio di finire stecchito[59].

Commissario

Beh, come vuoi. Parlerai in questura[60].

Strozzino

Eh, no, commissario, lei non può. Lo sa che, in fondo, io sono una persona per bene. Beh, insomma, pare che quel Walter Medici avesse fatto grossi buchi nel patrimonio di famiglia e, pe' tapparli[61], stava tentando di impiantare in grande quello che io faccio in piccolo. Un giro grosso, molto grosso: roba de miioni, insomma, ecco.

Commissario

Aveva nemici?

Strozzino

Quanti i capelli in testa commissario. Capirai, era uno che prestava soldi al dieci per cento al giorno!

Commissario

Un mecenate[62]. Tieni [GLI RENDE I SOLDI]



33. Biagi se refere ao jogo de Verrazzano, que, ao contrário de Walter Medici, não dispõe a não ser de seu modesto salário de comissário.
34. *Incartamento*: conjunto de papéis e documentos relativos a um assunto a ser tratado ou despachado; "processo, dossiê".
35. Verrazzano e Civetta estão num bar jogando bilhar. Civetta revela ao comissário que o mundo das apostas está dominado por um bando de agiotas.
36. Note que também Civetta usa em sua fala algumas formas lingüísticas próprias do dialeto romano: apócope de sílabas finais (*commissà* = *commissario*, *pe'* = *per*, *so'* = *sono*, *alimentà* = *alimentare*); conversão de *di* em *de* e de *mi*, *ti*, *ci* etc. em *me*, *te*, *ce* etc.; transformação do som *lh* em *y* (*vogliono* = *voiiono*).
37. *Io nun ci arivo*, forma dialetal para *io non ci arrivo*.
38. *Rapina*, "assalto". Verrazzano se refere ao assalto ocorrido dias antes, frustrado casualmente por ele mesmo em um violento tiroteio. Um dos bandidos, pertencentes ao grupo das apostas, conseguiu escapar, mas logo foi encontrado queimado em um caminhão.
39. *Sdebitasse* é forma dialetal para *sdebitarsi*, que significa "livrar-se de uma dívida".
40. *Altro tempo* corresponde em português a "mais tempo".
41. *Concesso*, particípio passado do verbo *concedere* ("conceder").
42. Note a transformação do pronome *gli* em *iie*, própria da fala romana.
43. *Manco*, forma dialetal romana para *neanche*, *nemmeno* ("nem sequer").
44. *Strozzinaggio*, "usura".
45. *Investimento*, como em português, quer dizer "aplicação de dinheiro".
46. Neste caso, *rendere* significa "dar, frutificar, render".
47. *Er* é a variante romana para o artigo *il*.
48. *Giro* corresponde em português a "circulação, movimento": *il giro del denaro* ("circulação de dinheiro"); *giro di capitali* ("movimento de fundos").
49. *Prestito*, "empréstimo".
50. *Strignere*, forma dialetal romana para *stringere* ("apertar"); *stringere i freni* é expressão figurada que significa aumentar a vigilância ou o controle sobre algo ou alguém.
51. Estamos em uma sala de jogo de azar, onde se joga cartas. Verrazzano interroga um agiota de pouca importância para obter informações sobre Walter Medici. Fica sabendo que este lhe havia pedido um pequeno empréstimo para jogar.
52. *Siamo pari* corresponde em português a "estamos empatados, na mesma".
53. Note que também o agiota fala em dialeto romano: *me dà* (= *mi dà*); *ce sarebbe* (= *ci sarebbe*).
54. *Sistemasse*, forma dialetal para *sistemarsi*; *sistemarsi le ossa* é expressão de sentido figurado que quer dizer resolver definitivamente os problemas econômicos. Como se vê, o agiota procura em vão corromper o comissário.
55. *Lotto* é o jogo da loto e *totocalcio* é a loteria esportiva.
56. *Sbattere dentro* ("enfiar com força") significa "pôr na cadeia".
57. *Dritto dritto* quer dizer "rapidamente, sem demora".
58. *Bazzicare*, termo familiar que quer dizer "ir assiduamente a um lugar; freqüentá-lo".
59. *Rischio di finire stecchito* corresponde em português a "corro o risco de ser morto".
60. *Questura* é a "delegacia de polícia".
61. *Tappare* ("tapar"), em sentido figurado, como neste caso, quer dizer "pagar uma dívida".
62. *Mecenate* corresponde em



Sopra: *Verrazzano rintraccia il Barone, esecutore materiale dei delitti di Ciro, Rosy e Cora, e, nella sparatoria che ne consegue, lo uccide.*

SCENA 5[63]



Civetta
Commissà, me dispiace. Oltretutto l'hanno messa pure in ferie[64]...

Commissario
Di' un po': come lo sai?

Civetta
Ma che se crede? Voi ci avete gli informatori fori, noi ce l'avemo dentro[65], in questura. Però ho fatto anch'io un passo avanti.

Commissario
In quale direzione?

Civetta
Al largo. Dove ce stanno i pesci grossi.

Commissario
Peccato che non sono in servizio.

Civetta
Mah, certi affari se fanno meiio in privato. Allora se famo sta partita? Che ce giochiamo, commissà?

Commissario
Il mio stipendio. Forse è l'ultimo. Me lo gioco tutto. E tu?

Civetta
Questo. Tutto anch'io. [DÀ AL COMMISSARIO UN BIGLIETTO]

Commissario
Vediamo se vale il mio stipendio. [LEGGE IL BIGLIETTO] "Mi servono cinquanta milioni"? Ma che, vuoi prendermi per il culo?



A lato: *Nelle sue indagini Verrazzano, oltre che sull'aiuto dell'informatore Civetta, può contare su quello di Giorgia, una ballerina sua amica.*

Nella pagina accanto: *È stata Giulia Medici a far uccidere da Marco Verelli suo fratello Walter, perché stava dilapidando il patrimonio di famiglia.*



Civetta
No. Ho solamente sparso la voce che mi servono cinquanta milioni a qualsiasi prezzo. Hanno abboccato[66].
Commissario
Mi pari proprio un matto!
Civetta
So' solo un amico che cerca de daiie 'na mano. Conosco l'ambiente e pe' cifre simili se movono soltanto i pezzi grossi[67]. L'appuntamento è pe' domani sera alle undici. Qui.
Commissario
E se fosse una trappola[68]?
Civetta
Speriamo di no.



SCENA 6[69]

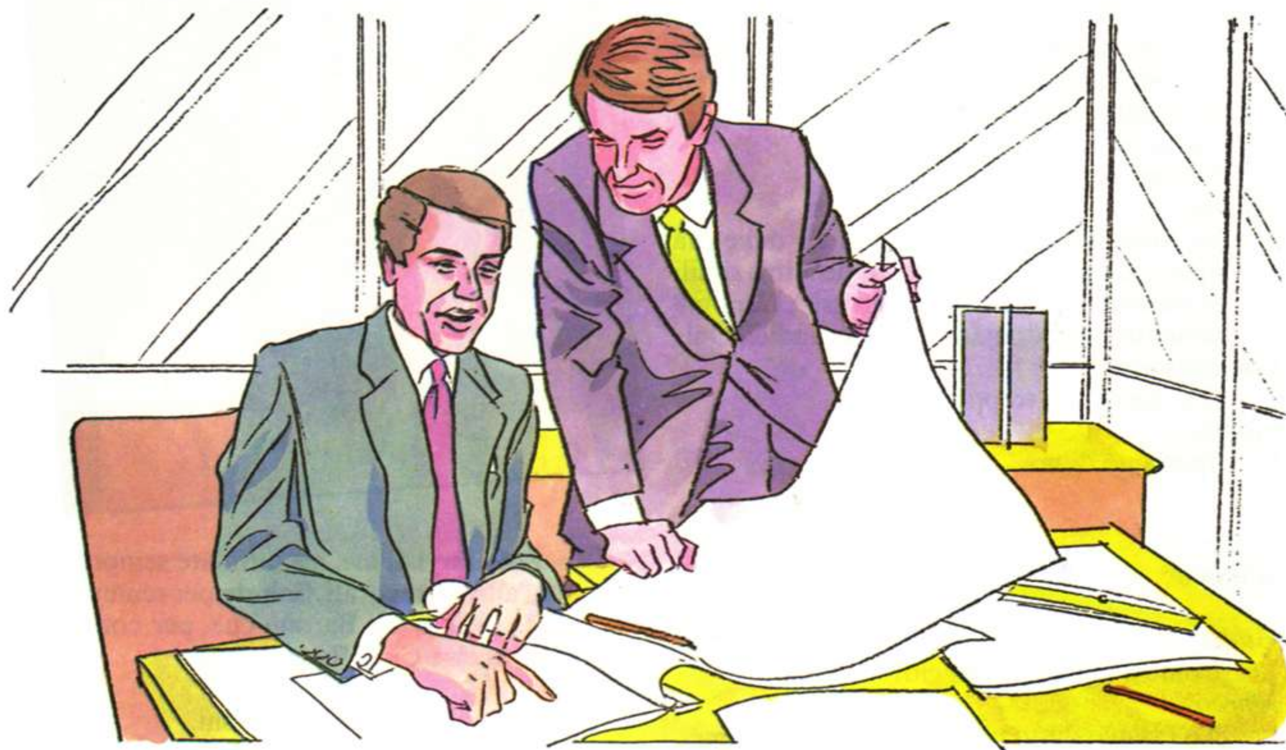


Giulia
Come è andato il viaggio?
Marco
Te l'avevo detto che sarebbe andata bene.
Giulia
Finalmente è tutto finito.
Commissario
Già! È proprio tutto finito! E con il vostro arresto possiamo considerare definitivamente chiusa l'inchiesta.
Giulia
Ma io non ho fatto niente.
Commissario
Davvero? Tuo fratello stava dilapidando il patrimonio di famiglia e a te questo non andava giu[70], così hai affidato a questo gentiluomo l'incarico di farlo fuori[71]. Hai sottovalutato la sua intelligenza: pensavi che, comunque, sarebbe stato scoperto per il delitto e così ti saresti per sempre liberata di un socio scomodo. Invece Marco Verelli, non solo riuscì a commettere un delitto quasi perfetto, ma anche a farsi sposare da Cora e per te, che eri la sua amante, fu un brutto colpo[72]. Allora, in un momento di rabbia, hai deciso di rivolgerti a un poliziotto come me, dopo esserti scritta una bella lettera anonima per convincermi. Ma io cominciai a scoprire più cose del previsto. Dovevate fermarmi e così avete fatto di nuovo fronte[73] comune, solo per liberarvi di me, ma diffidate sempre uno dell'altro e, separati, finirete per scannarvi[74]. Siete peggio del Barone che, per conto vostro, uccise Ciro, Rosy e Cora.
Giulia
Le tue sono solo supposizioni.
Commissario
Saranno sufficienti. Credi.
Giulia
Ci vogliono prove certe.
Commissario
Il tuo amico ha parecchi conti in sospeso con la giustizia, lo faranno cantare[75].
Marco
Posso fare una telefonata al mio avvocato?
Commissario
Certo.



português a "mecenas".
63. Civetta conta a Verrazzano que fez correr o boato de que necessita de cinqüenta milhões para que os peixes graúdos da organização de agiotagem mordam a isca.
64. *In ferie*, "de férias". Civetta alude ao fato de que Verrazzano foi suspenso de seu serviço.
65. *Fori* está em lugar de *fuori*. *Noi ce l'avemo dentro*, forma dialetal para *noi li abbiamo dentro*; Civetta refere-se aos *informatori*, ou seja, os "informantes".
66. *Abboccare* ("abocanhar") quer dizer "cair num engano".
67. *Pezzo grosso*: diz-se de uma pessoa muito importante, influente.
68. *Trappola*, "armadilha".
69. Verrazzano entra na chácara dos Medici, onde surpreende e desmascara Giulia Medici e Marco Verelli.
70. *Andar giù*, forma coloquial que significa "aceitar, suportar".
71. *Far fuori* a alguém significa "eliminá-lo".
72. *Brutto colpo* corresponde em português a "rude golpe".
73. *Far fronte comune* significa "unir-se, aliar-se".
74. *Scannare*, "esganar", refere-se especialmente aos animais, e quer dizer matar atacando a garganta; por extensão, significa matar alguém barbaramente.
75. *Far cantare* significa "conseguir fazer alguém falar, confessar, desembuchar".

ITALIANO PER USI SPECIALI



Intervista con il direttore di un nuovo giornale.

Ouça na fita o diálogo entre um jornalista e o diretor de um novo jornal.



Ascoltate

Giornalista La ringrazio per aver accettato questa intervista nonostante la sua nuova attività le lasci poco tempo libero. Mi potrebbe spiegare innanzi tutto[1] come le è venuto in mente[2] di fondare questo giornale, dal momento che ne esistono già parecchi?
Direttore Sarò lieto di risponderle. Vede, vent'anni fa ero un semplice cronista del nostro quotidiano locale, ma il mio sogno era quello di crearne uno tutto mio, moderno, vivace e che soprattutto rispondesse alle esigenze dei giovani. È da parecchi anni che cerco i collaboratori adatti e finalmente, nella cerchia di amici ed ex-colleghi, ho trovato le persone che fanno al caso mio: redattori, fotografi, impaginatori, grafici, tipografi...
Giornalista Qual è l'impostazione[3] che si è prefissato?
Direttore In linea di massima[4] ho deciso di seguire un' impostazione tradizionale: un articolo di fondo sugli eventi politici del giorno, uno di spalla riservato ad avvenimenti[5] esteri e un sommario interno; la terza pagina tratterà sempre argomenti[6] culturali; ovviamente, ci saranno articoli dedicati alla cronaca locale; poi sport, moda; economia, industria e finanza, spettacoli e altro. Non mancherà un ampio spazio per le lettere, perché sono convinto che l'opinione dei lettori, sotto forma di critica o di suggerimenti, sia fondamentale per il successo[7] di un giornale.
La domenica uscirà con un supplemento fatto esclusivamente dai lettori; saranno infatti loro a pubblicare[8] qualcosa di personale: poesie, ricordi

della loro vita, racconti, commenti a fatti del Paese, ricette... Insomma, parteciperanno attivamente alla redazione.

Giornalista Mi sembra un 'idea simpatica e originale. Ha già pensato alla tiratura?

Direttore Inizialmente ho pensato di non superare le 50.000 copie[9], poi si vedrà: tutto dipenderà da quanto si riuscirà a vendere.

Giornalista E per quanto riguarda i macchinari è già tutto predisposto?

Direttore Abbiamo acquistato rotative modernissime, un videoimpaginatore e un videocorrettore per rendere più rapido il lavoro, nonché un computer[10] per selezionare e catalogare notizie e servizi. Se lo desidera, può visitare la nostra sede e rendersi conto di persona degli impianti.

Giornalista Lo farò con piacere. Un'ultima domanda: i suoi collaboratori condivideranno le sue idee, vero?

Direttore È ovvio! Lavoriamo in perfetto accordo e parecchi di loro li conosco da sempre, per cui mi posso fidare ciecamente.

Giornalista Auguro davvero un grande successo al suo giornale!

Responda às seguintes perguntas.

1. Qual era sempre stato il sogno del direttore?
2. Che impostazione ha deciso di dare al suo giornale e quali novità vuole inserire?
3. Di quali macchinari dispone?
4. Perché è contento dei suoi collaboratori?



1. *Innanzi tutto* corresponde em português a "antes de qualquer coisa".
2. *Venire in mente* corresponde em português a "lembrar-se, vir à mente": *non mi viene in mente il suo nome* ("não me vem à mente o nome dele").
3. *Impostazione*, substantivo derivado de *impostare*, que significa definir os pontos essenciais, estabelecer as premissas para iniciar um trabalho ou uma atividade; corresponde em português a "traçar as diretrizes, enfocar, colocar, posicionar": *impostare un'attività commerciale* ("estabelecer as diretrizes de uma atividade comercial"); *ha impostato correttamente il problema* ("enfocou bem o problema"); *lui impostò la discussione* ("ele colocou a discussão"). *Impostare un giornale* é definir as características e orientação do mesmo.
4. *In linea di massima* corresponde em português a "em princípio, em linhas ou termos gerais".
5. *Avvenimento* significa atualmente "evento, acontecimento, fato"; antigamente, significava "advento".
6. *Argomento* pode significar "tema, assunto" e também "argumento", ou seja, raciocínio que sustenta uma discussão: *ha dato buoni argomenti per sostenere la sua tesi* ("deu bons argumentos para sustentar sua tese"); num de seus sentidos, "argumento" equivale em italiano a *trama*: *conosco la trama di questo film* ("conheço o argumento desse filme").
7. Em italiano, *successo* significa "muito êxito".
8. *Saranno... loro a pubblicare*, construção sintática contraída muito usada, que corresponde a *saranno loro/ coloro che/quelli che pubblicheranno*.
9. *Copia* significa "cópia" e também "exemplar": *ho fatto una copia fotostatica del testo* ("fiz uma cópia xerox do texto"); *hanno venduto 10.000 copie di questo romanzo* ("venderam 10 mil exemplares deste romance").
10. *Computer* é um termo inglês equivalente a *calcolatore (elettronico)*, "computador".



Osservate

Para indicar o momento ou época em que se realizou ou se iniciou uma ação que se contempla desde o momento presente, podem ocorrer os seguintes casos:

1. A ação é considerada pontual no passado, independentemente de sua continuidade; neste caso, pode ser:

a) referida ao presente: unidade de tempo + *fa* (= terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *fare*).

Exemplo:
Vent'anni fa ero un semplice cronista (= há vinte anos/vinte anos atrás).

b) referida ao passado: utiliza-se o advérbio *prima*, já que não é possível usar o verbo *fare* conjugado no passado.

Exemplo:
C'eravamo incontrati vent'anni prima (= vinte anos atrás).

C'eravamo incontrati faceva vent'anni. (errado)

2. A ação é considerada em sua continuidade desde seu início no passado até o momento presente; neste caso, podem ocorrer estas duas construções com o verbo *essere* + (*da*) + unidade de tempo + *che*.

Exemplos:
È da parecchi anni che cerco i collaboratori adatti (= estou há anos procurando/faz muitos anos que procuro/há muitos anos procuro).

È da un'ora che lo sto aspettando (= estou esperando-o há uma hora/faz uma hora que o espero).

Sono parecchi anni che cerco i collaboratori adatti (= há muitos anos estou procurando/faz muitos anos que procuro).

È un'ora che lo sto aspettando (= faz uma hora que o espero/há uma hora que o espero).

3. Da ação interessa somente seu início no passado; neste caso, usa-se *da* + unidade de tempo (ou unidade de tempo implícita).

Exemplos:
I miei collaboratori li conosco da sempre → (= desde/a partir de).
I miei collaboratori li conosco dal 1945 → (= desde/a partir de).

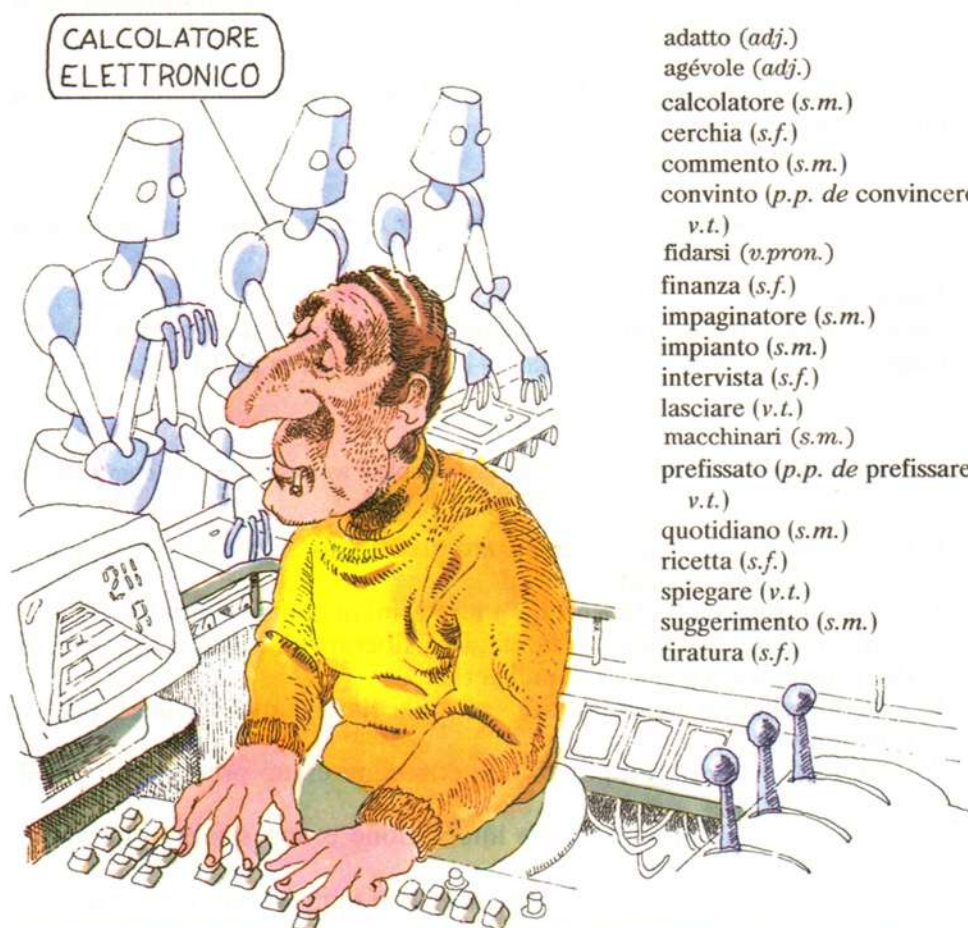
Esercizi

A Utilizando os elementos entre parênteses, complete as frases a seguir com uma, ou mais de uma, das construções anteriormente indicadas.

1. Certo che lo conosciamo; ci è stato presentato ... (un anno) durante il veglione di San Silvestro.
2. ... (allora) non sono più riuscito a mettermi in contatto con lui.
3. ... (diverse ore) la polizia sta cercando di liberare gli ostaggi che ... (più di due giorni) sono prigionieri nell'aereo.
4. —Posso vedere il caporeparto? —mi spiace, ma è andato via proprio ... (due minuti).
5. ... (oltre due mesi) non pioveva e i contadini erano preoccupati per il raccolto.
6. ... (tre ore) sta parlando senza interruzione e non sembra che abbia intenzione di smettere.
7. ... (1949) non si è registrato un inverno con temperature così basse.
8. ... (sei mesi) la casa editrice aveva sospeso ogni consegna.

B Transforme a estrutura *essere* + *da* na estrutura equivalente com *essere*, devidamente conjugado.

1. È da molti anni che le donne lottano per l'uguaglianza e la parità dei diritti.
2. Era da più di un secolo che non si verificava un terremoto di tale intensità.
3. È da tre ore che la polizia sta cercando di soffocare la rivolta, ma i ribelli non cedono.
4. È da diverse ore che sto facendo il numero, ma la linea telefonica è sempre occupata.
5. È da due mesi che non esce di casa perché si è beccato una bella polmonite.
6. È da un anno che abbiamo fatto domanda perché ci mettano il telefono, ma per ora non abbiamo ricevuto nessuna risposta.
7. È da più di un quarto d'ora che non passano tram: ci deve essere stato qualche incidente.
8. È da cinque anni che non indicono un concorso pubblico presso il Ministero delle Finanze.



Vocabolario

adatto (*adj.*)	idôneo
agévole (*adj.*)	fácil
calcolatore (*s.m.*)	computador
cerchia (*s.f.*)	círculo
commento (*s.m.*)	comentário
convinto (*p.p. de* convincere, *v.t.*)	convencido
fidarsi (*v.pron.*)	confiar
finanza (*s.f.*)	finanças
impaginatore (*s.m.*)	diagramador
impianto (*s.m.*)	instalação
intervista (*s.f.*)	entrevista
lasciare (*v.t.*)	deixar
macchinari (*s.m.*)	maquinaria
prefissato (*p.p. de* prefissare, *v.t.*)	preestabelecido
quotidiano (*s.m.*)	diário
ricetta (*s.f.*)	receita
spiegare (*v.t.*)	explicar
suggerimento (*s.m.*)	sugestão
tiratura (*s.f.*)	tiragem

Respostas dos exercícios

Ascoltate

1. Il sogno del direttore era stato quello di creare un quotidiano tutto suo, moderno, vivace e che soprattutto rispondesse alle esigenze dei giovani.
2. In linea di massima ha deciso di seguire un'impostazione tradizionale con l'aggiunta, però, di qualche novità: ampio spazio riservato alle lettere e un supplemento domenicale redatto dagli stessi lettori.
3. Dispone di macchinari modernissimi come rotative, videoimpaginatore, videocorrettore, computer...
4. È contento dei suoi collaboratori perché lavora con loro in perfetto accordo e si può fidare ciecamente di loro.

Osservate

A

1. Certo che lo conosciamo; ci è stato presentato un anno fa durante il veglione di San Silvestro.
2. Da allora non sono più riuscito a mettermi in contatto con lui.
3. Sono diverse ore che la polizia / è da diverse ore che la polizia / sta cercando di liberare gli ostaggi che da più di due giorni sono prigionieri nell'aereo.
4. —Posso vedere il caporeparto? - Mi spiace, ma è andato via proprio da due minuti / due minuti fa.
5. Da oltre due mesi non pioveva / erano oltre due mesi che non pioveva / e i contadini erano preoccupati per il raccolto.
6. Da tre ore sta parlando / sono tre ore che sta parlando / senza interruzione e non sembra che abbia intenzione di smettere.
7. Dal 1949 non si è registrato un inverno con temperature così basse.
8. Sei mesi prima la casa editrice aveva sospeso ogni consegna.

B

1. Sono molti anni che le donne lottano per l'uguaglianza e la parità dei diritti.
2. Era più di un secolo che non si verificava un terremoto di tale intensità.
3. Sono tre ore che la polizia sta cercando di soffocare la rivolta, ma i ribelli non cedono.
4. Sono diverse ore che sto facendo il numero, ma la linea telefonica è sempre occupata.
5. Sono due mesi che non esce di casa perché si è beccato una bella polmonite.
6. È un anno che abbiamo fatto domanda perché ci mettano il telefono, ma per ora non abbiamo ricevuto nessuna risposta.
7. È più di un quarto d'ora che non passano tram: ci deve essere stato qualche incidente.
8. Sono cinque anni che non indicono un concorso pubblico presso il Ministero delle Finanze.

C/UNITÀ 16

DAL VIVO

Ouça na fita as seguintes frases, observando as diferenças léxicas e sintáticas entre os dois registros lingüísticos.

a = *língua coloquial familiar*
b = *língua comum padrão*





1. a) Che disculo[1]! Ancora acqua a catinelle[2]! Ma che fregatura, ormai da un po' di giorni è sempre la stessa menata[3]!

   b) Che sfortuna! Piove ancora a dirotto. Che seccatura: sono parecchi giorni che la situazione è invariata!



2. a) Ma cosa vuoi che sia un po' d'acqua! Oltre che una lagna[4], sei peggio di una vecchia zitella[5], lo sai?

   b) In fondo si tratta solo di un po' di pioggia! Ti rendi conto che per ogni cosa ti lamenti o fai l'isterica?

3. a) Mi sa che ci inzuppiamo[6] come pulcini. E tutto per colpa di quello che mi ha fregato l'ombrello! Che vada a farsi fottere[7]!

   b) Temo proprio che ci bagneremo completamente! Se penso che a causare tutto ciò è stato il tizio che mi ha rubato l'ombrello mi viene voglia di mandarlo al diavolo!

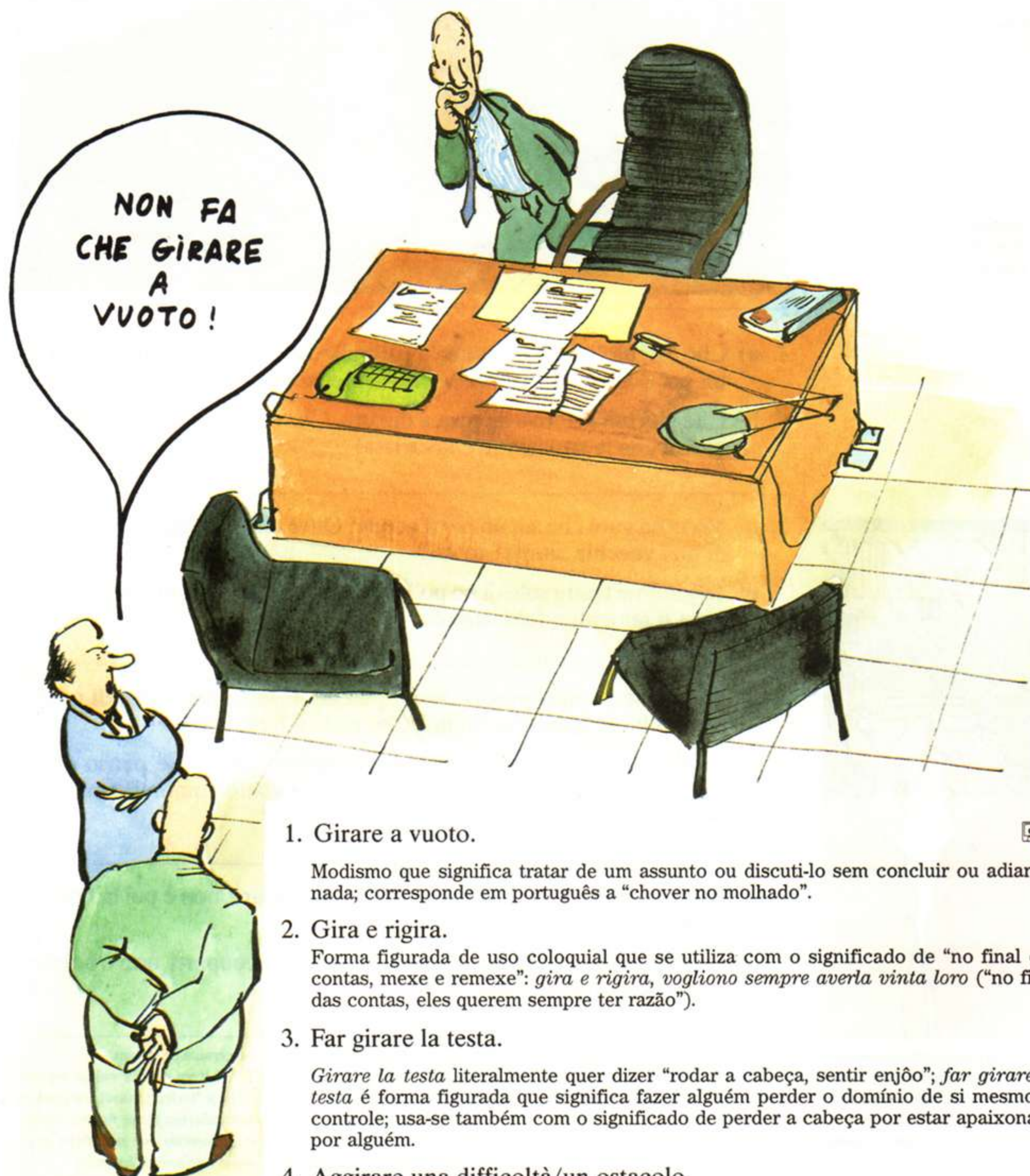
4. a) Ma fregatene di queste cavolate[8]! Lascia andare, non è poi la fine del mondo!

   b) Lascia perdere queste sciocchezze! Non preoccuparti, non è poi così grave quanto è successo!



1. *Aver(e) culo*, modismo levemente vulgar que significa "ter muita sorte"; *disculo* é forma composta pelo prefixo *dis-* (que tem valor de oposição) e *culo*; no sentido especificado significa "má sorte".
2. *Catinella*, diminutivo de *catino*, significa "bacia"; *a catinelle* é um modismo referido à chuva, que corresponde em português à expressão "chover a cântaros".
3. *Menata* se diz coloquialmente de um fato, um espetáculo, um tema etc. repetitivo e tedioso: *queste conferenze sono una menata* ("estas conferências são um saco").
4. *Lagna*, termo invariável derivado do verbo *lagnarsi* que significa "queixar-se continuamente e sem motivos que justifiquem".
5. *Zitella* se diz pejorativamente de uma mulher já madura e solteira a quem se atribui como lugar-comum caráter amargo e histérico; corresponde em português a "solteirona"; "solteira", como estado civil, em italiano é *nubile*, e "solteiro", *celibe*.
6. *Inzupparsi* vem de *zuppa*, "sopa"; significa "ficar ensopado" por causa da chuva.
7. *Fottere*, forma vulgar equivalente a "foder"; *mandare qualcuno/andare/a farsi fottere* significa o mesmo que *mandare qualcuno/andare/all'inferno*.
8. *Cavolata*, termo derivado de *cavolo* ("couve"), que significa "sopa de couve"; em sentido figurado, quer dizer "estupidez, bobagem".

Modi di dire



1. Girare a vuoto.

   Modismo que significa tratar de um assunto ou discuti-lo sem concluir ou adiantar nada; corresponde em português a "chover no molhado".

2. Gira e rigira.

   Forma figurada de uso coloquial que se utiliza com o significado de "no final das contas, mexe e remexe": *gira e rigira, vogliono sempre averla vinta loro* ("no final das contas, eles querem sempre ter razão").

3. Far girare la testa.

   Girare la testa literalmente quer dizer "rodar a cabeça, sentir enjôo"; *far girare la testa* é forma figurada que significa fazer alguém perder o domínio de si mesmo, o controle; usa-se também com o significado de perder a cabeça por estar apaixonado por alguém.

4. Aggirare una difficoltà/un ostacolo.

   Significa evitar habilmente um problema ou obstáculo; corresponde em português a "driblar uma dificuldade".

UN PO' DI GRAMMATICA

Esercizio Uno

Complete com um dos termos entre parênteses, precedido pelo artigo definido ou indefinido, conforme o caso.

Exemplo:
Poi sport, ... (modo/moda), economia, industria e finanza.
Poi sport, *moda,* economia, industria e finanza.

1. Mi telefonò e in ... (baleno/balena) fui da lui.
2. Sarebbe bene pulire l'argenteria con ... (panno/panna) di lana.
3. Il saggio deve essere scritto su ... (foglio/foglia) protocollo.
4. Hai fatto una buona provvista di ... (legno/legna) per quest'inverno che si preannuncia particolarmente rigido?
5. L'ingegnere usa ... (regolo/regola) calcolatore di alta precisione.
6. Per affrontare situazioni del genere, basterebbe ... (briciolo/briciola) di buon senso.
7. È tanto devota a Sant'Antonio che tutte le settimane gli accende ... (cero/cera).
8. Abbiamo fatto ... (buco/buca) in ... (tavolo/tavola) della cucina per fissare il tritacarne.

Esercizio Due

Conjugue o verbo entre parênteses no futuro.

Exemplo:
La terza pagina ... (trattare) sempre argomenti culturali.
La terza pagina *tratterà* sempre argomenti culturali.

1. Se ci ... (voi, suonare) la canzone di prima, vi ... (noi, dare) una buona mancia.
2. –Signora, non ... (lei, dovere) mai prendere questa pastiglia a digiuno! –Dottore, lo ... (io, tenere) ben presente!
3. Non ... (voi, volere) mica andare avanti con questa musica per molto tempo, nevvero?
4. — ... (io, essere) proprio costretta a fare questo intervento? –Signora, ... (noi, vedere) gli esiti delle analisi, poi ... (noi, decidere).


1


2

5. Ma quando questi scocciatori se ne ... (andare) e ci ... (lasciare) in pace?
6. Quanto ... (io, dovere) pagare per questo consulto?
7. ... (essi, essere) anche bravi, ma la loro musica è davvero monotona.
8. La prossima volta che ... (lei, venire) da me, le ... (io, fare) vedere le radiografie e ... (noi, stabilire) le cure che ... (essere) opportuno fare.



Esercizio Tre

Complete com *di* ou *da*, conforme o caso[1].

Exemplos:
... il momento che ne esistono già parecchi.
Dal momento che ne esistono già parecchi.

Un articolo ... fondo.
Un articolo *di* fondo.

1. Sono stordito ... il rumore ... tutti questi macchinari!
2. —A che ora parti ... qui? —Vado via alle sette per prendere il treno ... le otto e dieci.
3. Non è ancora passato ... qua il capo? Avrei proprio bisogno ... chiedergli un consiglio ... la massima importanza.
4. Questa è veramente una gabbia ... matti! Non si sente niente ... il gran frastuono che c'è!
5. —Hai molto ... fare oggi? —Non più ... tutti gli altri giorni.



1. Para o uso das preposições *di* e *da*, ver Esercizio Due, nota 1, da página 135 e Esercizio Uno, nota 1, da página 207.

8

6. Sono così stanco ... questa routine ... non capire più niente!
7. —Posso darti una mano? —No, grazie, faccio ... solo e poi, sai, come dice il proverbio "chi fa ... sé fa per tre".
8. ... quando lavoro in questo reparto, il mio udito va ... male in peggio.

Esercizio Quattro

Transforme as partes em grifo com uma oração coordenada aditiva ou adversativa[1].

Exemplo:
L'opinione dei lettori, sotto forma di critica e di suggerimenti, è fondamentale per il successo di un giornale.
L'opinione dei lettori, sotto forma *sia* di critica *che* di suggerimenti è fondamentale per il successo di un giornale.

1. Bisogna timbrare e firmare tutte le schede elettorali, *quelle verdi e quelle rosa.*
2. Augusto, la prego di mettere tutte le valigie nel portabagagli, *quelle che le do io e quelle che sono nell'atrio.*
3. Le previsioni metereologiche annunciano che pioverà intensamente *nel nord e nel sud* della penisola.
4. Questo referendum è stato indetto da vari partiti, da *quelli di destra e da quelli di sinistra.*
5. Signore, *decida lei di partire, decida lei di rimandare il viaggio,* io le ho preparato i babagli!
6. *Piova o non piova,* domani partiremo per le vacanze secondo quanto stabilito in precedenza!
7. La situazione politica rimarrà tale e quale, *con risultati positivi o negativi.*
8. *Nel telegiornale del mezzogiorno* e *in quello della sera* sono state preannunciate forti burrasche sulle coste meridionali.

1. As orações coordenadas aditivas (com "e") ou adversativas (com "ou") são construídas em italiano, entre outras, das seguintes maneiras:
a) *sia... che/sia... sia/o... o*:
Sia mio padre *che/sia* mia madre sono giornalisti.
Verrò da te *sia* domani *che/sia* dopodomani.
O/sia colpevole *o/sia* innocente, io credo in lui.
b) *sia... sia/... o* (quando a correlação se dá entre duas orações introduzidas por *che*):
Sia che tu lo voglia *sia* che tu non lo voglia } devi prendere questa medicina.
Che tu lo voglia *o* che tu non lo voglia }



Vocabolario

accèndere (*v.t.*) — acender
a digiuno (*l.a.*) — em jejum
andare avanti (*v.per.*) — prosseguir, continuar
argenteria (*s.f.*) — prataria
bagaglio (*s.m.*) — bagagem
[buon] senso (*s.m.*) — senso (comum)
consulto (*s.m.*) — consulta
frastuono (*s.m.*) — estrondo
gènere (*s.m.*) — tipo
impazzire (*v.i.*) — enlouquecer
mancia (*s.f.*) — gorjeta
portabagagli (*s.m.*) — porta-malas
prevedere (*v.t.*) — prever
protocollo (*s.m.*) — formulário
provvista (*s.f.*) — provisão
reparto (*s.m.*) — seção
rimandare (*v.t.*) — adiar
saggio (*s.m.*) — ensaio
scheda (*s.f.*) — ficha
scocciatore (*adj.*) — pessoa chata



stabilire (*v.t.*) — estabelecer
steso (*pp. de* stèndere, *v.t.*) — escrito, redigido
telegiornale (*s.m.*) — noticiário da tevê
timbrare (*v.t.*) — carimbar
tritacarne (*s.m.*) — máquina de moer

Respostas dos exercícios

Esercizio Uno

1. Mi telefonò e in un baleno fui da lui.
2. Sarebbe bene pulire l'argenteria con un panno di lana.
3. Il saggio deve essere scritto su un foglio protocollo.
4. Hai fatto una buona provvista di legna per quest'inverno che si preannuncia particolarmente rigido?
5. L'ingegnere usa un regolo calcolatore di alta precisione.
6. Per affrontare situazioni del genere, basterebbe un briciolo di buon senso.
7. È tanto devota a Sant'Antonio che tutte le settimane gli accende un cero.
8. Abbiamo fatto un buco nel tavolo della cucina per fissare il tritacarne.

Esercizio Due

1. Se ci suonerete la canzone di prima, vi daremo una buona mancia.
2. —Signora, non dovrà mai prendere questa pastiglia a digiuno! — Dottore, lo terrò ben presente!
3. Non vorrete mica andare avanti con questa musica per molto tempo, nevvero?
4. —Sarò proprio costretta a fare questo intervento? —Signora, vedremo gli esiti delle analisi, poi decideremo.
5. Ma quando questi scocciatori se ne andranno e ci lasceranno in pace?
6. Quanto dovrò pagare per questo consulto?
7. Saranno anche bravi, ma la loro musica è davvero monotona.
8. La prossima volta che verrà da me, le farò vedere le radiografie e stabiliremo le cure che sarà opportuno fare.

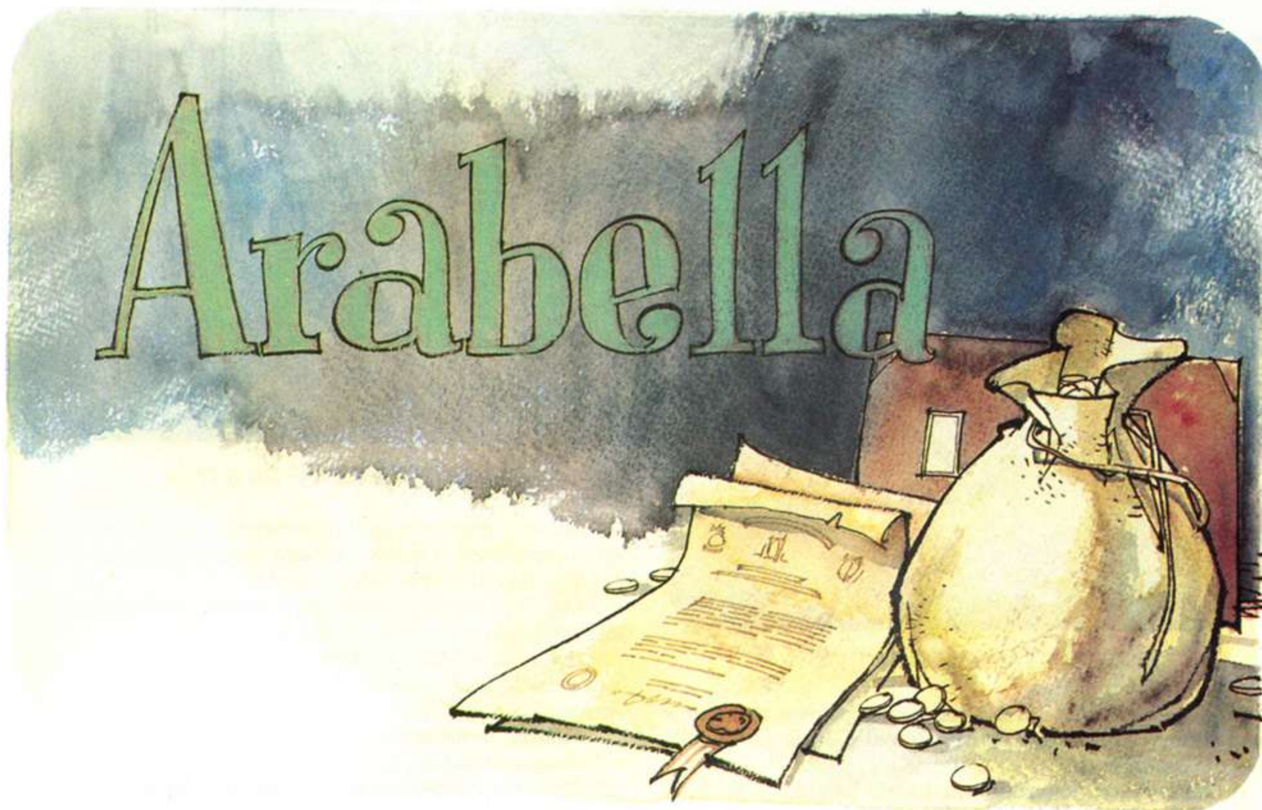
Esercizio Tre

1. Sono stordito dal rumore di tutti questi macchinari!
2. —A che ora parti da qui? - Vado via alle sette per prendere il treno delle otto e dieci.
3. Non è ancora passato di qua il capo? Avrei proprio bisogno di chiedergli un consiglio della massima importanza.
4. Questa è veramente una gabbia di matti! Non si sente niente dal gran frastuono che c'è!
5. —Hai molto da fare oggi? —Non più di tutti gli altri giorni.
6. Sono così stanco di questa routine da non capire più niente!
7. —Posso darti una mano? —No, grazie, faccio da solo e poi, sai come dice il proverbio "chi fa da sé fa per tre".
8. Da quando lavoro in questo reparto il mio udito va di male in peggio.

Esercizio Quattro

1. Bisogna timbrare e firmare tutte le schede elettorali, sia quelle verdi che quelle rosa / sia quelle verdi sia quelle rosa.
2. Augusto, la prego di mettere tutte le valigie nel portabagagli, sia quelle che le do io sia quelle che sono nell'atrio.
3. Le previsioni metereologiche annunciano che pioverà intensamente sia nel nord che nel sud della penisola / sia nel nord sia nel sud della penisola.
4. Questo referendum è stato indetto da vari partiti, sia da quelli di destra che da quelli di sinistra / sia da quelli di destra sia da quelli di sinistra.
5. Signore, sia che decida di partire sia che decida di rimandare il viaggio, io le ho preparato il bagaglio.
6. Sia che piova sia che non piova, / che piova o che non piova, domani partiremo per le vacanze secondo quanto stabilito in precedenza.
7. La situazione politica rimarrà tale e quale con risultati sia positivi che negativi / con risultati sia positivi sia negativi / con risultati o positivi o negativi.
8. Sia nel telegiornale del mezzogiorno che in quello della sera / sia nel telegiornale del mezzogiorno sia in quello della sera sono state preannunciate forti burrasche sulle coste meridionali.

LETTURA



Emilio De Marchi, escritor milanês (1851-1901), expoente do naturalismo, ou "verismo", italiano, foi influenciado pelos novelistas mais destacados do naturalismo europeu e também por Alessandro Manzoni. Em seus contos e novelas (*Demetrio Pianelli*, 1890; *Arabella*, 1893; *Giacomo l'idealista*, 1897), de intenção moralizante e educativa, De Marchi penetra na existência insignificante, medíocre, mas com freqüência triste e atormentada de seus anônimos personagens (em geral, pequenos burgueses), bons e impotentes diante da cruel realidade do mundo, da qual são vítimas. Mais do que a psicologia, importa neles o ambiente não menos cinza e anódino da cidade ou dos enevoados campos da Lombardia, onde se desenrola a ação. Seu estilo, natural e cotidiano, deliberadamente irrelevante e opaco, como o das vidas que descreve, adquire intensidade inusitada quando os protagonistas, à beira do desespero, rompem o silêncio angustiante de suas existências num gesto de liberdade e rebeldia. Como em sua obra mais bem sucedida e famosa, *Demetrio Pianelli*, e também em *Arabella*, onde a surda inquietude da heroína explode na crise final de sublevação e de loucura.





IL TESTAMENTO RATTA

Milano, la grande città del fracasso, dopo aver mandato a casa l'ultimo ubbriaco, si sprofondò nel silenzio grave delle piccole ore di notte.

A San Lorenzo sonarono due tocchi languidi, rotti dalla neve, che cadeva a fiocchi larghi.

Il Berretta, buttato l'ultimo pezzo di legno nel caminetto, fregandosi in fretta i ginocchi, brontolò in fondo alla gola: «Basta, finirà anche questa».

Nella stanza vicina, dove malamente ardeva una candeluccia benedetta, stava nel suo letto distesa la povera signora Ratta, morta, vestita di una logora gonnella di cotone color terra secca, con in capo la più sgangherata delle sue cuffie famose e sulle gambe sottili un paio di calze di filugello bigio.

Il portinaio Berretta, che aveva aiutato i becchini a collocare sul letto la povera cristiana, che le aveva legate non senza fatica le mani colla corona del rosario, non poteva ora togliersi dagli occhi il fantasma della morta benedetta, quantunque l'uscio della stanza fosse chiuso con due bei giri di chiavetta, e lui, imbacuccato nella pistagna d'un suo antico tabarro fin oltre gli orecchi, voltasse le spalle all'uscio, e cacciasse la testa tutta quanta nel vano del caminetto.

Per non irrigidire nella paura, che è la più gran cosa fatta di niente, il portinaio, che non aveva ereditata da natura un'anima di drago, due o tre volte si sforzò di ragionare su cose inconcludenti, di appassionarsi, di accalorarsi nei pensieri, di ripetere gli avvenimenti della faticosa giornata suscitando in se stesso dei rancori e delle smanie, per aver un motivo di brontolare e di rompere quel tremendo silenzio di morte, destando degli stimoli d'egoismo colla prospettiva d'una grossa mancia, o d'un lascito, o di qualche regalo. La vecchia Carolina Ratta nei dodici o tredici anni dacché era venuta ad abitare in Carrobbio (prima stava in Borgo di San Gottardo), si era sempre servita di un Berretta come una

O TESTAMENTO DE RATTA

Milão, a grande cidade do estrépito, depois de ter mandado para casa o último bêbado, submergiu no silêncio intenso das breves horas da noite.

Em São Lourenço soaram os toques lânguidos, abafados pela neve que caía em flocos grandes.

Berretta, atirado o último pedaço de madeira na lareira, esfregando com pressa os joelhos, resmungou com voz bem grave:

– Basta, terminará também esta.

No quarto ao lado, onde mal ardia uma vela benta, estava em sua cama estendida a pobre senhora Ratta, morta, vestida com uma surrada saia de algodão cor de terra seca, tendo na cabeça a mais surrada de suas toucas e nas pernas finas um par de meias de seda pardas.

O porteiro Berretta, que havia ajudado os coveiros a colocarem sobre a cama a pobre cristã, que lhe juntara não sem trabalho as mãos com a coroa do rosário, não conseguia agora tirar dos olhos o fantasma da morta bendita, mesmo que a porta do quarto estivesse bem fechada com duas voltas de chave, e ele, embrulhado na gola de um velho capote cobrindo-lhe as orelhas, desse as costas para a porta e metesse a cabeça inteira no vão da lareira.

Para não paralisar de medo, que é a maior coisa feita de nada, o porteiro, que por natureza não tinha herdado uma alma de dragão, duas ou três vezes se esforçou para pensar em coisas inconcludentes, para comover-se, acalorar-se nos pensamentos, repetir os eventos da cansativa jornada suscitando nele mesmo rancores e anseios, a fim de ter um motivo para resmungar e romper aquele tremendo silêncio de morte, avivando estímulos de egoísmo com a perspectiva de uma boa recompensa, ou de uma doação, ou de algum presente. A velha Carolina Ratta, nos doze ou treze anos desde que viera morar em Carrobbio (antes estava em Borgo di San Gottardo), sempre se servira de Berretta como uma empregada usa, falando com pouco respeito, a vassoura que tem na mão. Os porteiros são a vassoura dos inquilinos. "Berretta, me faz um favor?", parecia escutar nos ouvidos a voz trêmula e estridente da velha octogenária. "Você me compra tabaco, Berretta? Olhe bem que seja albania*". E nunca dava um tostão, a avarenta, sem*

serva adopera, parlando con poco rispetto, una scopa che ha sotto la mano. I portinai sono la scopa degli inquilini. «Berretta, mi fate un piacere?» gli pareva di sentirla negli orecchi la voce tremula e fessa della vecchia ottuagenaria. «Mi comprate il tabacco, Berretta? Badate che sia albania.» E non dava mai un soldo, l'avaraccia, salvo il rispetto ai morti. «Berretta, la mia gatta l'avete vista?» Anche questa: gli era toccato qualche volta di girare mezza la casa dal solaio alla cantina, in cerca della gatta. Per cui se la sora Carolina gli avesse lasciato nel testamento cento, duecento, trecento lirette una volta per sempre, proprio niente di male. Don Giosuè Pianelli, il confessore della povera cristiana, gli aveva fatto capire che il suo nome era scritto su un foglio di carta. Cento lirette le aveva guadagnate soltanto a correre quel dì. Quando la Giuditta venne a dire che la sora Carolina pareva morta davvero nel suo seggiolone colla solita calza in mano, in cui aveva litigato fino all'ultimo la sua grande vitalità, bisognò subito correre ad avvertire il sor Tognino. Poi bisognò correre al Municipio per le formalità e aspettare due ore che i signori impiegati si degnassero di scrivere. Poi di nuovo bisognò correre alla Società anonima a ordinare la carrozza da morto; poi correre, gambe in spalla, a San Lorenzo, a combinare coi preti. E tira e tira, tra i preti che volevano la polpetta grossa e il sor Tognino che odia i preti, fu quasi una commedia in sagrestia. Poi correre ancora, auf! a recapitare una cinquantina di lettere coll'orlo nero ai quattro punti di Milano... e quando, finalmente, pareva che tutto fosse finito «Neh, Berretta» venne fuori a dire il sor Tognino fresco come un sorbetto «bisognerà che tu rimanga stanotte a far la guardia alla morta. Sul tardi verrò anch'io: ma intanto bada a non lasciar passare nessuno. Se vengono i parenti con un pretesto o coll'altro, tu di' che hai l'ordine di non lasciar passare nessuno, nes... suno, neh!...»

«Ho capito subito che cosa voleva dire con quel dito in aria. Ci vuol poco a capire che il signor Tognino ha paura dei parenti. La vecchia lascia un carro di denari, dei fondi, e un paio di case in Milano e convien sempre mettersi a tavola per primi. Eredi legittimi non ne ha, ma c'è una nidiata di parenti pitocchi, e i corvi passano dove c'è odor di morto. Staremo a vedere anche questo. Che sugo però di obbligare un povero portinaio, stanco morto, a far la sentinella a un altro morto!»

Il Berretta si sforzò di ridere sulla sua facezia; ma il piccolo nitrito che uscì di sotto al bavero di vecchio pelo, risonando nella canna del camino, gli parve una tal voce che trasalì.

La stanchezza, la rottura degli occhi lo tiravano a dormire. La paura lo tirava invece a immaginazioni stupide, senza senso, che lo riducevano freddo e stecchito sulla sedia di paglia. Come tra due pettini di ferro spasimava e invocava l'ora che codesto sor Tognino benedetto si lasciasse vedere. Erano già le due; nevicava sempre.

«Che sugo», ripigliò sbarrando le pupille asciutte sulle braci, che gli ammiccavano dalla cenere «i morti non scappano mica. Che se, per una supposizione, la sora Carolina avesse bisogno di bere, io non sarei mai quel brav'uomo capace di potarle un bicchiere d'acqua. Uno può avere il coraggio di cento leoni, per un'ipotesi, e non sentirsi quello di litigare coi morti. Non è paura, è una... sollecitudine così...» [...]

«Sei qui?»

Il Berretta mandò fuori un ululo d'uomo strozzato...

faltar ao respeito que se deve aos mortos. "Berretta, você viu minha gata?" Ainda mais esta: coubera-lhe algumas vezes andar por meia casa, do sótão à adega, à procura da gata. Por isso, se a dona Carolina lhe tivesse deixado em testamento cem, duzentas, trezentas lirazinhas de uma só vez, não estaria nada mal. Dom Giosuè Pianelli, o confessor da pobre cristã, havia-lhe feito entender que seu nome estava escrito sobre uma folha de papel. Cem lirazinhas as havia ganhado apenas com as correrias daquele dia. Quando Giuditta veio dizer que a senhora Carolina parecia morta de verdade em sua poltrona, com o habitual tricô nas mãos, com o qual tinha brigado até o último momento a sua grande vitalidade, precisou logo correr a avisar o senhor Tognino. Depois precisou correr à prefeitura para as formalidades e esperar duas horas que os senhores empregados se dignassem a escrever. Depois de novo precisou correr à Sociedade anônima para pedir a carroça funerária; depois correr, e bem ligeiro, até São Lourenço, para combinar com os padres. E pechincha, pechincha com os padres que queriam a parte do leão e o senhor Tognino que odeia os padres, foi quase uma comédia na sacristia. Depois ainda mais correria, ufa!, a entregar umas cinco dezenas de cartas com a tarja negra aos quatro cantos de Milão... e quando, finalmente, parecia que tudo tivesse terminado, "Não é, Berretta", foi dizendo o senhor Tognino, belo e folgado, "será preciso que você fique esta noite para tomar conta da morta. Mais tarde eu também irei, mas, enquanto isso, cuide para que não entre ninguém. Se vierem os parentes com um pretexto ou outro, diga que você tem ordens de não deixar ninguém entrar, ninguém, entendeu?"

"Entendi logo o que queria dizer com aquele dedo em riste. Não é preciso muito para entender que o senhor Tognino tem medo dos parentes. A velha deixa um caminhão de dinheiro, imóveis e algumas casas em Milão e convém sempre sentar-se à mesa entre os primeiros. Herdeiros legítimos, ela não os tem; mas existe um bando de parentes avarentos, e os corvos passam por onde há cheiro de morto. Veremos o que acontece. Mas que idéia é essa de obrigar um pobre porteiro, morto de cansaço, a ser sentinela de outro morto!"

Berretta esforçou-se para rir de sua própria piada; mas o curto rincho que saiu de baixo da gola de lã velha, ressoando no tubo da chaminé, pareceu-lhe uma certa voz e ele se sobressaltou.

O cansaço, as pálpebras pesadas o levavam a dormir. O medo, ao contrário, levava-o a imaginar coisas estúpidas, sem nexo, que o reconduziam, frio e rígido, à cadeira de palha. Como entre dois pentes com pontas de ferro sofria e não via a hora que o bendito senhor Tognino aparecesse. Já eram duas horas; continuava a nevar.

"Que idéia!", repetiu arregalando as pupilas secas sobre as brasas que piscavam das cinzas, "os mortos não fogem nunca. Porque se, por uma suposição, a senhora Carolina tivesse necessidade de beber, eu jamais seria o valente homem capaz de levar-lhe um copo de água. Uma pessoa pode ter a coragem de cem leões, por hipótese, e não se sentir capaz de lutar com os mortos. Não é medo, é um... zelo assim..." [...]

– Você está aí?

Berretta soltou um grito de um homem estrangulado... Era o senhor Tognino.

Era il signor Tognino.

«Pazienza, mi ha fatta una...» e non ebbe la forza nemmeno di nominarla.

Il padrone era entrato così repentinamente nel mezzo delle sue idee, che queste trabalzarono come i bicchierini sopra un vassoio, a cui un matto appioppi un pugno di sotto.

A tutta prima il portinaio stentò a riconoscere il suo padrone di casa. Invece del consueto paltò col bavero di castoro e del solito cappello duro portava indosso in questa delicata escursione notturna un mantello bigio a pieghe fitte e pesanti e in testa aveva un cappello molle di campagna a tese larghe. Mantello e cappello erano pieni di neve.

«Finalmente!» ripeté il potinaio, levandosi col dolore d'uno che si schiodi da un'assa. «Credevo che non venisse più stasera.»

«Fa del fuoco, fa del fuoco» brontolò stizzito il padrone.

«Vado fuori a pigliare qualche fascinetta...»

Il Berretta accese l'altra candela che stava sul camino e uscì, mentre il signor Tognino, scrollata la neve dalle spalle e sbattuto il cappello contro la schiena della sedia, buttava la roba sul tavolo e andava a sedersi davanti al caminetto per riattizzare un po' di fiamma.

Era un uomo di sessantatré anni, con una testa piccola, quadra, intelligente, i capelli non bianchi del tutto, il viso secco e colorito, d'una magrezza solida e risoluta che tradiva dai lineamenti sciupati il giovane galante d'altri tempi. Gli occhi piccini di un grigio freddo e duro guardavan sempre diritto, come quelli di un cocchiere che ha nelle mani dei cavalli cattivi su per una strada cattiva. Due modesti baffi quasi bianchi, d'un pelo duro e regolato, coprivano una bocca sottile senza labbri.

Vestiva colla trascurata proprietà d'un uomo d'affari, che può spendere e vestirsi bene, ma non ha tempo di spazzolarsi e di star sull'etichetta.

Tognino era primo cugino della defunta Carolina e da qualche tempo suo amministratore, suo factotum e suo braccio destro nei mille affari d'una grossa azienda domestica.

La Ratta, vedova d'un capo-mastro arricchitosi ai tempi dell'Austria con gli appalti militari, possedeva una bella sostanza valutata sulle quattrocentomila lire, parte in case, parte in titoli bancari, parte in fondi a San Donato presso Chiaravalle.

La vecchia Carolina nei quarant'anni di vedovanza aveva fatto dei risparmi, senza troppa fatica, largheggiando in elemosine, sostenendo la causa del sommo Pontefice, incoraggiando dei giovani sacerdoti, e favorendo colla sua pietà tutte quelle istituzioni che mirano specialmente a far guerra ai framassoni. Negli ultimi anni aveva finito col cadere in mano ai preti; ma furba la sua parte, cresciuta com'era in mezzo agli affari, quando capì che i preti e il famoso avvocato Baruffa, tutta roba dei preti anche lui, miravano a tirare troppo l'acqua al loro molino, un bel dì mandò a chiamare il cugino e gli disse:

«Guarda un po', Tognino, io sono vecchia, ma non voglio morire minchiona. Non ti pare che l'avvocato abusi della mia fiducia?»

Tognino non stentò a trovare capi d'accusa, si fece autorizzare e a poco per volta tolse di mano al Baruffa tutta l'amministrazione; non solo, ma gli fece capire che sarebbe stato utile alla sua fama e alla sua dignità di non opporsi alla

– Paciência, me aprontou uma... – e não teve força nem para completar.

O patrão tinha entrado tão repentinamente no meio de suas idéias que estas tombavam como os copos sobre uma bandeja que um louco esmurra por baixo.

Antes de mais nada, o porteiro custou a reconhecer o dono da casa. Em vez do costumeiro paletó com gola de castor e do habitual chapéu duro, vestia nesta delicada excursão noturna uma capa parda cheia de dobras compactas e pesadas e, na cabeça, um chapéu mole de camponês, de abas largas. Capa e chapéu estavam cobertos de neve.

– Finalmente! – repetiu o porteiro, erguendo-se com a dor de quem se desprega de uma viga. – Achei que não viesse mais esta noite.

– Faça fogo, faça fogo – resmungou bravo o patrão.

– Vou lá fora pegar alguns gravetos...

Berretta acendeu a outra vela que estava sobre a lareira e saiu, enquanto o senhor Tognino, sacudindo a neve dos ombros e batendo o chapéu contra o espaldar da cadeira, jogava suas coisas sobre a mesa e ia sentar-se diante da lareira para avivar um pouco a chama.

Era um homem de sessenta e três anos, com uma cabeça pequena, quadrada, inteligente, os cabelos ainda não de todo brancos, o rosto magro e corado, de uma magreza forte e resoluta que ainda deixava ver nos traços avelhentados o jovem galante de outros tempos. Os olhos pequenos, de um cinza frio e duro, olhavam sempre adiante, como os de um cocheiro que tem em mãos cavalos ruins em uma estrada ruim. Dois modestos bigodes quase brancos, de pêlo duro e bem aparado, cobriam uma boca fina, sem lábios.

Vestia-se com a descuidada propriedade de um homem de negócios, que pode gastar e vestir-se bem, mas que não tem tempo de escovar-se ou de se preocupar com etiqueta.

Tognino era primo-irmão da falecida Carolina e há algum tempo seu administrador, seu factotum *e seu braço-direito nos mil negócios de uma grande empresa familiar.*

A senhora Ratta, viúva de um empreiteiro que enriquecera nos tempos da Áustria com as empreitadas militares, possuía uma bela fortuna avaliada em torno de quatrocentas mil liras, parte em casas, parte em títulos bancários, parte em imóveis em San Donato, junto a Chiaravalle.

A velha Carolina em seus quarenta anos de viuvez havia feito poupanças, sem excessivo sacrifício, generosa em esmolas, apoiando a causa do sumo pontífice, encorajando os jovens sacerdotes e favorecendo com sua piedade todas aquelas instituições que se preocupam especialmente em fazer guerra aos maçons. Nos últimos anos, terminara caindo nas mãos dos padres; mas astuta como era, por ter crescido em meio aos negócios, quando compreendeu que os padres e o famoso advogado Baruffa, também ele do mesmo balaio que os padres, procuravam levar a água para o moinho deles, um belo dia mandou chamar o primo e lhe disse:

– Olha, Tognino, eu estou velha, mas não quero morrer trouxa. Você não acha que o advogado está abusando de minha confiança?

Tognino não teve dificuldade em encontrar motivos de acusação; fez-se autorizar e pouco a pouco tirou das mãos de Baruffa toda a administração; não só isso, mas fez-lhe compreender que seria útil à sua fama e à sua dignidade não opor-se à vontade dos parentes: em suma, colocou-o delicadamente porta afora.



volontà dei parenti: lo mise, insomma, delicatamente alla porta.

Poi, suscitando le speranze dei Maccagno e dei Ratta, dimostrando alla vecchia cugina che frati e preti minacciavano di mangiarla viva, ridestando in lei degli scrupoli per riguardo ai parenti più bisognosi, ch'era ingiustizia abbandonare, riuscì ad avere in mano una procura legale, che l'abile affarista adoperò come una solida spada. Fece ai preti, a don Giosuè, a don Felice, un'aria poco respirabile; mandò via una certa Santina, una bigotta messa in casa a far la spia, e prese al servizio una certa Giuditta di piena sua fiducia. Aprì la porta ai parenti più miserabili, ch'egli presentò alla decrepita cugina con parole affettuose, ottenendo da lei oggi un sussidio per una povera donna partoriente, domani una limosina per un infermo, o dei prestiti o dei riscatti di pegno, guadagnando la simpatia e la popolarità di tutti i Ratta più rosicchiati dalla miseria. Quando il figlio d'un Giacomino Ratta celebrò la prima messa nell'oratorio degli Angeli, Tognino volle assistere come padrino a nome della vecchia benefattrice, quantunque da cinquant'anni non vedesse più un Cristo in croce; e seppe tanto fare che passò per un mezzo santo.

Tre volte la settimana menava in casa Aquilino Ratta, uno dei veterani del quarantotto, e ora vice-ricevitore in un banco del regio lotto, uomo pieno di rispetto, e lasciava che il buon parente divertisse la vecchia ottuagenaria colle storie dell'assedio di Venezia e delle varie combinazioni, con cui si può vincere un terno. Alla sera Aquilino e la Giuditta lo aiutavano a fare il quartetto a *tarocco*, un gioco vecchio e sempre nuovo, in cui la Ratta, quantunque le carte le svolazzassero di mano da tutte le parti, era una birbona matricolata. E mentre si giocava, Tognino, ch'era stato uomo di mondo, contava o ricordava molte storie del suo buon tempo, quand'era di moda portare i calzoni bianchi e il panciotto di piqué, quando c'erano i bei veglioni alla Scala e il risottino alla milanese, dopo il veglione, al famoso caffè della Cecchina.

Depois, despertando as esperanças dos Maccagno e dos Ratta, demonstrou à velha prima que os frades e padres ameaçavam comê-la viva, reavivando nela os escrúpulos com relação aos parentes mais necessitados, que era injusto abandonar, conseguiu ter em mãos uma procuração legal, que o hábil negociante utilizou como uma sólida espada. Fez com que os padres, dom Giosuè, dom Felice, se sentissem pouco à vontade; mandou embora uma certa Santina, uma beata colocada na casa para fazer de espiã, e colocou para trabalhar uma certa Giuditta de sua plena confiança. Abriu a porta aos parentes mais miseráveis, que ele apresentou à decrépita prima com palavras afetuosas, obtendo dela hoje um subsídio para uma pobre mulher parturiente, amanhã uma esmola para um enfermo, ou empréstimos ou resgates de penhor, ganhando a simpatia e a popularidade junto a todos os Ratta mais corroídos pela miséria. Quando o filho de um tal Giacomino Ratta celebrou sua primeira missa no oratório dos Anjos, Tognino quis assistir como padrinho em nome da velha benfeitora, embora há cinqüenta anos não visse mais um Cristo na cruz; e soube fazê-lo tão bem que passou por um meio santo.

Três vezes por semana aparecia na casa Aquilino Ratta, um dos veteranos de 48, e agora segundo caixa em um banco da loteria real, homem muito respeitável, e deixava que o bom parente divertisse a velha octogenária com as histórias do cerco de Veneza e das várias combinações com as quais é possível ganhar no terno. De noite, Aquilino e Giuditta o ajudavam a formar o quarteto de tarocco[1], um jogo velho e sempre novo, no qual a senhora Ratta, embora as cartas lhe escapassem das mãos por todos os lados, era uma esperta trapaceira. E enquanto se jogava, Tognino, que era um homem bem vivido, contava ou relembrava muitas histórias de seus bons tempos, quando era moda usar calções brancos e colete de piquê, quando havia esplêndidos bailes no La Scala e o risoto à milanesa, depois do baile, no famoso café da Cecchina.

Ao chegar nas piadas dos "Cem Anos" de Rovani, o bom primo sabia briosamente suscitar nos sentidos embotados da velha beata o eco de reminiscências que remontavam às bacanais da Cisalpina e da famigerada companhia da "Teppa".

1. Um determinado tipo de jogo de cartas.



Attingendo agli aneddoti dei «Cento Anni» del Rovani, il bravo cugino sapeva con brio suscitare nei morti sensi della vecchia bigotta l'eco di reminiscenze che risalivano ai baccanali della Cisalpina e della famigerata compagnia della «Teppa». L'aneddoto lesto, raccontato con spirito, senza mai urtare la religione cattolica e il sommo Pontefice, strappava alle volte dal petto della paralitica un cachinno asmatico e strascicato, rotto da colpetti di tosse che davano il rimbombo d'un cembalino scordato e lasciavano nelle profonde rughe della sua faccia accartocciata e morta una sgocciolatura di lagrime contente.

Era in questi istanti di serenità, specie dopo certi pranzetti, in cui la Ratta aveva fatto onore al così detto latte dei vecchi, che Tognino le dava a firmare delle note, dei conterelli, delle quietanze. E così andarono avanti benissimo le cose quasi più di tre anni.

Solamente negli ultimi tempi l'uomo aveva trascurato un poco la vecchia cugina e gli affari, grazie al matrimonio del figliuolo e a cento altre faccende che assorbirono le sue giornate; poi si dette il caso che verso la fine di dicembre dovette recarsi come giurato a Lodi in un interminabile processo. Un gusto! Proprio in quel giorni la vecchia Ratta ebbe il primo urto della morte. Chiamato in fretta il canonico don Giosuè Pianelli, suo confessore, ricevette i santi sacramenti.

Sul punto di battere alla gran porta dell'eternità, tocca e spaventata dalle parole del canonico, le parve di aver diffidato troppo dei vecchi amici, di aver creduto troppo alle parole di Tognino, di aver tradito le pie istituzioni di beneficenza. Lì per lì, sul tamburo della morte, don Giosuè suggerì un codicillo che in nome della santissima Trinità distruggeva quelle qualsiasi disposizioni che avesse potuto dettare o sottoscrivere negli ultimi tre anni e richiamava in vigore un testamento del 1878, già consegnato all'avvocato Baruffa. Don Giosuè scrisse la rettifica sopra un foglio di carta comune e corse in cerca di un notaio. Ma nel frattempo arrivò da Lodi tutto trafelato il cugino, a cui la Giuditta aveva mandato tre telegrammi.

Credeva di trovare la cugina agonizzante e invece vide che stava meglio. Sicuro! la consolazione morale di ricevere i sacramenti e di compiere un atto di riparazione aveva fatto tanto bene alla malata, che il giorno del santo Natale poté ancora assaggiare la sua fetta di panettone nel vin bianco. La Giuditta mise a parte il padrone della manovra dei preti, ma non seppe dire se la vecchia avesse o non avesse firmata la carta. La vigilia dell'Epifania, dopo un'agonia in cui la morte ebbe a sudare tre camicie, la buona cristiana in compagnia dei tre Re Magi andò a trovare il suo Ratta in paradiso, se pur ci vanno in paradiso gli appaltatori.

A piada esperta, contada com graça, sem nunca ofender a religião católica e o sumo pontífice, arrancava às vezes do peito da paralítica um riso asmático e arrastado, cortado por pequenos acessos de tosse que ressoavam como um cravo desafinado e deixavam nas profundas rugas de seu rosto encarquilhado e inexpressivo um gotejamento de lágrimas contentes.

Era nestes instantes de serenidade, especialmente após certas refeições, nas quais a senhora Ratta havia feito homenagem ao assim chamado "leite dos velhos"(2), que Tognino lhe dava para assinar notas, contas, recibos. E assim seguiram muito bem as coisas durante quase três anos.

Somente nos últimos tempos o homem havia negligenciado um pouco a velha prima e os negócios, por causa do casamento do filho e de outros cem afazeres que absorveram seus dias; além disso, aconteceu que perto do final de dezembro teve que atuar como jurado em Lodi, num processo interminável. Um capricho! Justamente naqueles dias a velha Ratta teve o primeiro embate com a morte. Chamado às pressas o cônego dom Giosuè Pianelli, seu confessor, recebeu os santos sacramentos.

Prestes a bater à grande porta da eternidade, comovida e assustada pelas palavras do cônego, pareceu-lhe ter desconfiado demais dos velhos amigos, ter acreditado demais nas palavras de Tognino, ter traído as piedosas instituições de beneficência. Neste preciso instante, soando o tambor da morte, dom Giosuè sugeriu uma cláusula que em nome da Santíssima Trindade destruía todas aquelas disposições que pudesse ter ditado ou subscrito nos últimos três anos e reclamava como válido um testamento de 1878, já entregue ao advogado Baruffa. Dom Giosuè escreveu a retificação sobre uma folha de papel comum e correu em busca de um tabelião. Mas nesse meio tempo chegou de Lodi todo agitado o primo, a quem Giuditta havia enviado três telegramas.

Achou que fosse encontrar a prima agonizante e em vez disso viu que estava melhor. Certo! O consolo moral de receber os sacramentos e de cumprir um ato de reparação havia feito tão bem à doente que no santo dia de Natal ela pôde até mesmo provar uma fatia de panetone no vinho branco. Giuditta colocou o patrão a par da manobra dos padres, mas não soube dizer se a velha tinha ou não assinado o papel. Na véspera de Reis, após uma agonia na qual a morte teve que suar três camisas, a boa cristã em companhia dos três reis Magos foi encontrar seu Ratta no paraíso, se é que para lá vão os empreiteiros.

2. Metáfora para o vinho.

